

Rovana Kinas Bueno

**ASSOCIAÇÕES ENTRE RELAÇÃO DE ATIVAÇÃO PAI-
CRIANÇA, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E
COMPORTAMENTO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR EM
FAMÍLIAS BIPARENTAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bueno, Rovana Kinas

ASSOCIAÇÕES ENTRE RELAÇÃO DE ATIVAÇÃO PAI
CRIANÇA, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E COMPORTAMENTO DA
CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR EM FAMÍLIAS BIPARENTAIS / Rovana
Kinas Bueno ; orientador, Mauro Luís Vieira,
coorientador, Maria Aparecida Crepaldi, 2018.
189 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Relação de ativação. 3. Abertura
ao mundo. 4. Funcionamento Familiar. 5.
Comportamento da criança. I. Vieira, Mauro Luís. II.
Crepaldi, Maria Aparecida. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Psicologia. IV. Título.

Rovana Kinas Bueno

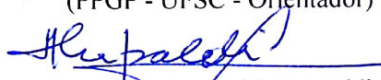
Associações entre relação de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais

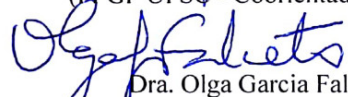
Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

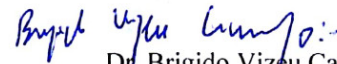
Florianópolis, 2 de Fevereiro de 2018.

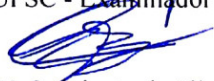

Dr. Carlos Henrique Saneineto da Silva Nunes
(Coordenador - PPGP/UFSC)

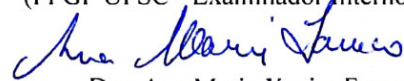

Dr. Mauro Luís Vieira
(PPGP - UFSC - Orientador)


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP UFSC - Coorientadora)


Dra. Olga Garcia Falceto
(PPG PSIQ UFRGS - Examinadora Externa)


Dr. Brigido Vizeu Camargo
(PPGP UFSC - Examinador Interno)


Dr. Carlos H. Saneineto da Silva Nunes
(PPGP UFSC - Examinador Interno)


Dra. Ana Maria Xavier Faraco
(UFSC - Examinadora Interna)

Dedico este trabalho ao meu marido,
amor de minha vida, e aos meus pais,
meu porto seguro! Vocês são minha
fonte de inspiração e perseverança!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela vida e pela fé, por me guiar e iluminar todos os dias, me dando sabedoria nas escolhas, motivação para atingir aos objetivos e força para superar os desafios. Por me abençoar a cada instante e me proteger a cada passo. Pela família tão amada que me deste, tão especial aos meus olhos, e que me auxiliou de perto nesta nova conquista de minha vida.

Agradeço ao meu marido Rafael, amor da minha vida, companheiro de e para todas as horas! Você sempre me incentivou, apoiou, aconselhou e ajudou de diferentes maneiras e em todos os momentos. Muito obrigada por poder compartilhar com você não somente o doutorado, mas os demais sonhos e objetivos! Você é um presente de Deus em minha vida, a qual, sem você, não teria o mesmo sentido! Aproveito para agradecer também ao nosso cachorro Supino, sempre companheiro, e que esteve presente nos diversos momentos, alegrando nossos dias!

Agradeço aos meus pais, Edgar e Nélcí, os quais são minha fonte de inspiração e perseverança. Vocês sempre me deram suporte e investiram em mim em todos os sentidos! Vocês sempre me incentivaram a ser melhor a cada dia. Me ensinaram não apenas a falar, a andar, a crescer... Mas a ser uma pessoa que traça objetivos e corre atrás de seus sonhos. Obrigada por estarem presentes em todos os momentos de minha vida, sendo fundamentais em todas as minhas conquistas: com o doutorado não foi diferente! Esta conquista, também é de vocês!

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, o qual, sem dúvida nenhuma, fez jus à palavra “orientador”. De modo geral, você não me deu as respostas, mas me ensinou a fazer perguntas e a construir as respostas; você não me dizia como fazer, mas me provocava a construir e problematizar; você não insistia em termos a mesma opinião, mas em eu defender meus pontos de vista; você não apenas mostrou seu imenso conhecimento e ser merecedor do título de doutor, mas mostrou também a importância que as pessoas ao nosso redor são fundamentais nesta construção; você também me ensinou a colocar um ponto final no que já estava pronto, a lidar com a pressão e a não me sobrecarregar; por fim, você mostrou que no trabalho em grupo a gente não apenas compartilha o conhecimento, mas ganha sabedoria. Aprendi muito com você! Meu eterno obrigada!

Agradeço à minha coorientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pessoa que admiro imensamente! És uma fonte de inspiração!

Muito obrigada pelas aprendizagens e orientações! Obrigada pela confiança que depositaste em mim, pelas reflexões sobre a pesquisa e pelo auxílio na construção de conhecimento e desta tese. Com certeza as aprendizagens que tive vão muito além da tese e muito além do âmbito acadêmico. Tenho muito orgulho de ter percorrido essa trajetória de doutorado tendo você e o professor Mauro me acompanhando de perto! Obrigada também por todo auxílio e mediação no contato com o professor Daniel Paquette! Meu sincero e intenso, muito obrigada!

Agradeço ao meu coorientador do exterior, o Prof. Dr. Daniel Paquette, da *Université de Montréal* (Canadá), pela acolhida e pelas orientações! Todas as nossas reuniões contribuíram significativamente para a tese. Poder discutir com você a teoria da relação de ativação, os instrumentos (em especial o QOM), minhas análises (e aprender análises novas!) foi uma aprendizagem ímpar! Esse doutorado sanduíche me proporcionou uma verdadeira “abertura ao mundo”, e as aprendizagens transcenderam o âmbito acadêmico. Com certeza, já não sou mais a mesma, e essa vivência melhorou não apenas minha tese e meu conhecimento sobre os temas da mesma, mas ampliou meu olhar frente à realidade, contribuindo para a minha formação enquanto “Doutora”. *Merci beaucoup professeur!*

Agradeço também à Profa. Dra. Ana Maria Xavier Faraco pelas valiosas contribuições, tanto especificamente no protocolo de registro da observação quanto com reflexões relacionadas à tese! És uma pessoa sempre disposta a colaborar e compartilhar o conhecimento! Obrigada!

Agradeço aos professores da UFSC pelas disciplinas ministradas com extrema competência. Agradeço ao Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz pelas orientações na elaboração de meu projeto de pesquisa. Agradeço também à Elisângela Boing e novamente ao Prof. Dr. Mauro Luís Vieira pela oportunidade e confiança que me proporcionaram no meu estágio de docência, no qual aprendi muito! Elisângela, também te agradeço pela ajuda e disponibilidade!

Agradeço a todos os meus colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI¹)! Carol, você foi uma ótima amiga e colega, e, com toda a certeza, as discussões de nossos projetos e tua ajuda vão além do que está nessa tese! Compartilhar as angústias, ideias e alegrias com você foi muito bom! Já sinto falta disso! À você e ao seu marido Erik agradeço também por toda a hospitalidade e amizade. À vocês dois e à Carina também realizo um agradecimento

¹ Site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>

especial pelas ajudas nas análises estatísticas: a competência de vocês é de grande admiração minha! À Carina, Simone e Naiana também agradeço pelas dicas e ajuda com relação ao doutorado sanduíche. Aos colegas do grupo de pesquisa (ou que de alguma forma se vinculam ao grupo de pesquisa) Larissa Paraventi, Isabela, João Paulo, Talita, João Rodrigo, Roberta, Maria Luiza, Ana Paula, Mônica, Mariana, Mariajosé, Joyce, Larissa F, Gabriela, Eloísa, Renata, Quele, Simone... foi ótimo poder partilhar essa etapa de minha vida com vocês! Vocês foram fundamentais para que o grupo fosse tão bom e produtivo como foi, e acrescento: como é e será! A parceria que desenvolvemos permitiu que pudéssemos realizar uma pesquisa de tamanha amplitude! Larissa P., meu especial obrigada pela ajuda, companheirismo e competência! João Paulo agradeço pelo seu papel importante nas observações, e nas edições dos vídeos! Aos juízes do processo de adaptação do protocolo de observação (Larissa P., João Paulo e Talita), obrigada pelo tempo dispendido nessa tarefa! À todos que, como eu, se envolveram na realização da Observação da Situação de Risco (Carolina, Larissa P., Isabella, João Paulo, Talita, Mariajosé, Mariana, Maria Luiza, Mônica e Joyce), meu obrigada! Enfim, à toda equipe do NEPeDI e também do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), agradeço imensamente! Vocês sem dúvida acompanharam de perto meu doutorado, minha pesquisa... Partilhar de um projeto com vocês foi sensacional! E não apenas do projeto, mas experiências, opiniões, confraternizações... Enfim, minha pesquisa é também um pouco de vocês, e me sinto parte, também, do que vocês estudam! Muito obrigada!

Agradeço também aos meus colegas de sala de aula, com os quais muito aprendi! A parceria e a amizade de vocês foram muito importantes durante todo o doutorado!

Agradeço à família de meu esposo, que sempre torceu e vibrou pelas minhas conquistas! Aos demais familiares, pela alegria compartilhada em minhas conquistas!

Agradeço de um modo geral aos meus amigos! Vocês estavam, mesmo que de longe (literalmente), sempre torcendo por mim! Obrigada por acreditarem em mim! Às minhas amigas “psis” e às amigas Naia, Fran, Lary, Val, Dessa e Sil, obrigada pelos conselhos e ombro amigo! Aos amigos do Canadá e de Campo Mourão, e aos meus colegas e alunos que já me conheceram “doutoranda”, agradeço pela torcida!

Por fim, agradeço aos irmãos na fé, pelas orações e desejos de sucesso, pelo acolhimento e hospitalidade! Em especial ao pastor Carlinhos e sua esposa Débora, que me acompanharam desde o início do

percurso do Mestrado, e agora do Doutorado, e ao Pastor Lucimar e sua família!

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSC por contribuírem para meu aperfeiçoamento profissional, e à secretaria do PPGP, em especial às secretárias do programa, pela sua disponibilidade e prestatividade.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa recebida e pela possibilidade de realização do PDSE (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior)! Com certeza, o mesmo trouxe contribuições imensuráveis em termos acadêmicos e pessoais.

Também agradeço sinceramente às famílias e às instituições que participaram da pesquisa. Sem vocês, nada do que está aqui escrito seria possível!

À banca examinadora, agradeço por todas as contribuições para aperfeiçoamento da pesquisa e da tese.

BUENO, R. K. Associações entre relação de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais. 189 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RESUMO

O contexto familiar é considerado um dos mais importantes para o desenvolvimento da criança. O modo como os membros interagem entre si irá estabelecer seu funcionamento familiar, que influenciará as demais relações. Dentre as relações estabelecidas nesse contexto, identificam-se especificidades no envolvimento paterno como seu papel de abertura ao mundo, por meio de estimulação e disciplina, o que caracteriza a relação de ativação pai-criança. O objetivo geral desta tese foi compreender as associações entre relação de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e experimental, na qual participaram 171 famílias biparentais heteroafetivas com pelo menos um(a) filho(a) com quatro a seis anos da região Sul do Brasil. Como instrumentos foram utilizados: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Abertura ao Mundo, Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar, e Questionário de Capacidades e Dificuldades. Das 171 famílias, 12 participaram também do procedimento observacional da Situação de Risco. Os dados obtidos com os questionários foram tabulados e submetidos a análises estatísticas descritivas e inferenciais. Os dados obtidos com a observação foram analisados por meio de um protocolo de registro da observação da relação de ativação pai-criança. Por meio da análise estatística dos resultados do estudo quantitativo constatou-se que a função de abertura ao mundo apresentou correlações significativas apenas com as dificuldades da criança; averiguaram-se correlações significativas do funcionamento familiar com os comportamentos da criança (exceto para hiperatividade); e identificaram-se correlações significativas entre o funcionamento familiar e a função de abertura ao mundo. Também se constatou: o efeito mediador da Coesão equilibrada quando se considerou o efeito da Punição sobre os Problemas de conduta; e o efeito moderador da interação entre Coesão equilibrada alta ou Flexibilidade equilibrada alta e o Estímulo à perseverança para os Sintomas emocionais. Os resultados do estudo experimental evidenciaram que: oito crianças foram classificadas como ativadas, três

como subativadas e uma como superativada; o funcionamento das famílias era rigidamente coeso e/ou equilibrado; e com relação aos comportamentos das crianças, as mesmas apresentaram elevado comportamento pró-social e baixos escores em dificuldades. A partir do conjunto dos resultados, verificou-se a interdependência entre os fenômenos. Assim, deve-se considerar o funcionamento familiar e a abertura ao mundo em interação para melhor compreensão dos comportamentos da criança.

Palavras-chave: Relação de ativação. Abertura ao mundo. Situação de Risco. Relacionamento pai-filho. Relações familiares. Funcionamento familiar. Pré-escolar. Comportamento da criança.

BUENO, R. K. Associations between parent-child activation relationship, family functioning and preschool child behavior in two-parent families. 189 p. Thesis (Doctorate in Psychology) – Psychology Postgraduate Program, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ABSTRACT

The family context is considered one of the most important for the child's development. The way members interact with each other will establish their family functioning, which will influence the other relationships. Among the relations established in this context, we identify specificities in the father involvement as his role of openness to the world, through stimulation and discipline, which characterizes the father-child activation relationship. The general aim of this thesis was to understand the associations between father-child activation relationship, family functioning and preschool child's behavior in biparental families. This is a quantitative and experimental study, involving 171 hetero-affective biparental families with at least one son/daughter aged four to six years in the Southern region of Brazil. As instruments it was used: Sociodemographic Questionnaire, Openness to the World Questionnaire, Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales, Strengths and Difficulties Questionnaire. Of the 171 families, 12 also participated in the Risk Situation observational procedure. The data obtained from the questionnaires were tabulated and submitted to descriptive and inferential statistical analysis. The data obtained with the observation were analyzed by the registration protocol of observation of father-child activation relationship. Through the statistical analysis of the results of the quantitative study it was found that the function of openness to the world showed significant correlations only with the difficulties of the child; significant correlations of family functioning with the child's behaviors (except for hyperactivity) were verified; and significant correlations between family functioning and the function of openness to the world were identified. It was also verified: the mediating effect of balanced Cohesion when considering the effect of Punishment on Conduct Problems; and the moderating effect of the interaction between high Balanced Cohesion or High Balanced Flexibility and the Stimulus to Perseverance for Emotional Symptoms. The results of the experimental study show that: eight children were classified as activated, three as

subactivated and one as overactivated; the family functioning was rigidly cohesive and/or balanced; and with regard to children's behaviors, they had high pro-social behavior and low scores in difficulties. From the set of results, it was verified the interdependence between the phenomena. Thus, we should consider the family functioning and openness to the world interaction for a better understanding of child's behaviors.

Keywords: Activation relationship. Openness to the world. Risky Situation. Father-child relationship. Family relations. Family Functioning. Preschool. Child's behavior.

BUENO, R. K. Associations entre relation d'activation père-enfant, fonctionnement familial et comportement de l'enfant d'âge préscolaire dans les familles biparentales. 189 f. Thèse (Doctorat en Psychologie) – Programme d'études Supérieures en Psychologie, Université Fédérale de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RÉSUMÉ

Le contexte familial est considéré comme l'un des plus importants pour le développement de l'enfant. La façon dont les membres interagissent les uns avec les autres établira leur fonctionnement familial, ce qui influencera les autres relations. Parmi les relations établies dans ce contexte, nous identifions les spécificités de l'engagement paternel comme son rôle d'ouverture au monde, par la stimulation et la discipline, qui caractérisent la relation d'activation père-enfant. L'objectif général de cette thèse était de comprendre les associations entre relation d'activation père-enfant, fonctionnement familial et comportement de l'enfant d'âge préscolaire dans les familles biparentales. C'est une recherche quantitative et expérimentale, dans laquelle ont participé 171 familles biparentales hétéroaffectives avec au moins un fils de quatre à six ans dans la région Sud du Brésil. Comme instruments ont été utilisés: Questionnaire Sociodémographique, Questionnaire de l'ouverture au monde, Échelle d'évaluation de la cohésion et l'adaptabilité familiale, et Questionnaire Points forts - Points faibles. Sur les 171 familles, 12 ont également participé à la procédure d'observation de la Situation Risquée. Les données obtenues avec les questionnaires ont été tabulées et soumises à des analyses statistiques descriptives et déductives. Les données obtenues avec l'observation ont été analysées au moyen d'un protocole de codage de l'observation de la relation d'activation père-enfant. De l'analyse statistique des résultats de l'étude quantitative il a été constaté que la fonction d'ouverture au monde présente des corrélations significatives uniquement avec les difficultés de l'enfant; ont été vérifiées des corrélations significatives du fonctionnement familial avec les comportements de l'enfant (sauf pour l'hyperactivité); et ont été identifiées des corrélations significatives entre le fonctionnement familial et le rôle de l'ouverture au monde. On a également vérifié: l'effet médiateur de la cohésion équilibrée en considérant l'effet de la punition sur les troubles comportementaux; et l'effet modérateur de l'interaction entre l'élévée cohésion équilibrée ou l'élévée flexibilité équilibrée et le stimulus à la persévérance pour les troubles émotionnels. Les résultats de

l'étude expérimentale ont montré que: huit enfants ont été classifiés comme activés, trois comme sous-activé et un comme suractivé; le fonctionnement familial était strictement cohésive et/ou équilibré; et en ce qui concerne les comportements des enfants, ils présentaient un comportement prosocial élevé et bas scores dans les points faibles. A partir des ensembles de résultats, l'interdépendance entre les phénomènes a été vérifiée. Ainsi, on devrait considérer le fonctionnement familial et l'ouverture au monde en interaction pour une meilleure compréhension des comportements de l'enfant.

Mots clés: Relation d'activation. Overture au monde. Situation Risquée. Relation père-enfant. Relations familiales. Fonctionnement familial. Préscolaire. Comportement de l'enfant.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Modelo teórico da busca pelo equilíbrio entre estímulo a assumir risco e proteção, com as hipóteses dos tipos de ativação conforme os padrões de resposta do modelo [Fonte: Adaptado de Brussoni e Olsen (2011, p. 495)].	43
<i>Figura 2.</i> Funcionamento: Coesão e Flexibilidade como um contínuo [Fonte: elaborado pela autora, com base em Gomes (2013) e Minuchin (1990)].	47
<i>Figura 3.</i> Esquema do funcionamento familiar e função paterna de abertura ao mundo (relação de ativação), com suas respectivas dimensões investigadas....	50
<i>Figura 4.</i> Mapa conceitual, considerando-se as dimensões exploradas em cada fenômeno da tese.....	57
<i>Figura 5.</i> Mapa conceitual, considerando-se os padrões explorados em cada fenômeno da tese.....	58
<i>Figura 6.</i> Fluxograma dos procedimentos de coleta de dados.	85
<i>Figura 7.</i> Correlações significativas considerando as dimensões investigadas entre si e as variáveis sociodemográficas.	100
<i>Figura 8.</i> Modelo de mediação significativo.....	101
<i>Figura 9.</i> Esquema “síntese” dos modelos de moderação significativos.	101
<i>Figura 10.</i> Síntese dos resultados do estudo 1, considerando o modelo PPCT.	102
<i>Figura 11.</i> Síntese dos resultados do estudo 2.....	104
<i>Figura 12.</i> Efeito mediador da Coesão equilibrada na relação entre Estímulo à perseverança e Sintomas emocionais.....	166
<i>Figura 13.</i> Efeito mediador da Coesão equilibrada na relação entre Punição e Problemas de conduta.	166
<i>Figura 14.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com o Estímulo a assumir risco sobre os Sintomas emocionais.....	169
<i>Figura 15.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Coesão equilibrada com o Estímulo à perseverança sobre os Sintomas emocionais.	171
<i>Figura 16.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com o Estímulo à perseverança sobre os Sintomas emocionais.	173
<i>Figura 17.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Coesão equilibrada com a Punição sobre os Problemas de conduta.	175
<i>Figura 18.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Coesão equilibrada com a Punição sobre o Comportamento pró-social.	175
<i>Figura 19.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com a Punição sobre os Problemas de conduta.	177
<i>Figura 20.</i> Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com a Punição sobre o Comportamento pró-social.	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	48
Tabela 2.....	56
Tabela 3.....	67
Tabela 4.....	70
Tabela 5.....	74
Tabela 6.....	74
Tabela 7.....	75
Tabela 8.....	80
Tabela 9.....	81
Tabela 10.....	86
Tabela 11.....	90
Tabela 12.....	92
Tabela 13.....	93
Tabela 14.....	94
Tabela 15.....	96
Tabela 16.....	97
Tabela 17.....	159
Tabela 18.....	160
Tabela 19.....	160
Tabela 20.....	161
Tabela 21.....	161
Tabela 22.....	162
Tabela 23.....	162
Tabela 24.....	163
Tabela 25.....	163
Tabela 26.....	164
Tabela 27.....	164
Tabela 28.....	165
Tabela 29.....	165
Tabela 30.....	167
Tabela 31.....	168
Tabela 32.....	170
Tabela 33.....	172
Tabela 34.....	174
Tabela 35.....	176
Tabela 36.....	178
Tabela 37.....	179
Tabela 38.....	180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	<i>American Psychological Association</i> (Associação Americana de Psicologia)
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional da Saúde
CRESCI	Projeto de pesquisa “Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: Estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança”
FACES-IV	Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar IV
H1	Hipótese 1
H2	Hipótese 2
H3	Hipótese 3
H4	Hipótese 4
H5	Hipótese 5
H6	Hipótese 6
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFAPA	Instituto da Família de Porto Alegre
LABSFAC	Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade
NEPeDI	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil
PDSE	Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior
PPCT	Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo
PPGP	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
PROEX	Pró-Reitoria de extensão
P1	Preditor 1
P2	Preditor 2
P3	Preditor 3
P4	Preditor 4
P5	Preditor 5
P6	Preditor 6
QOM	Questionário de Abertura ao Mundo
QS	Questionário Sociodemográfico
SAPSI	Serviço de Atendimento Psicológico
SDQ	Questionário de Capacidades e Dificuldades
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIV	Projeto de pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: A relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos de idade”
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano
TRA	Teoria da Relação de Ativação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UQÀM	<i>Université du Québec à Montréal</i>
UM	<i>Université de Montréal</i>
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Apresentação na temática.....	25
Apresentação	29
1. INTRODUÇÃO	35
1.1 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS	35
1.2 RELAÇÃO DE ATIVAÇÃO PAI-CRIANÇA.....	36
1.3 FUNCIONAMENTO FAMILIAR	44
1.4 COMPORTAMENTO DA CRIANÇA COM BASE NA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (TBDH)	51
1.5 MAPA CONCEITUAL DA TESE.....	55
1.6 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	58
1.7 HIPÓTESES	66
1.7.1 Base teórica que sustenta as hipóteses.....	67
1.8 PREDIÇÕES.....	69
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	71
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA..	71
2.2 PARTICIPANTES.....	72
2.3 INSTRUMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	76
2.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	82
2.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	82
2.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	85
2.6.1 Estudo 1: Quantitativo.....	87
2.6.2 Estudo 2: Experimental	89
3. RESULTADOS.....	91
3.1 CORRELAÇÕES COM OS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS.....	91
3.2 SÍNTESE DOS RESULTADOS	92
3.3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE HIPÓTESES, PREDIÇÕES E RESULTADOS.....	97
3.4 ESQUEMAS QUE EXPLICITAM OS RESULTADOS DA TESE.....	99

3.5 ARTIGO: RELAÇÕES ENTRE FUNÇÃO DE ABERTURA AO MUNDO, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA.....	105
3.6 ARTIGO: FATHER-CHILD ACTIVATION RELATIONSHIP IN THE BRAZILIAN CONTEXT	106
3.7 ARTIGO: RELAÇÕES ENTRE PADRÕES DE ATIVAÇÃO PAI-CRIANÇA, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E COMPORTAMENTO DA CRIANÇA.....	107
4. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICE.....	147
APÊNDICE A – CAPÍTULO DE LIVRO	149
APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	151
APÊNDICE C – CARTA CONVITE	153
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (questionários).....	155
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (questionários e observação).....	157
APÊNDICE F – COMPILAÇÃO DOS RESULTADOS	159
ANEXO	181
ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO (QS)...	183
ANEXO B - QUESTIONÁRIO DE ABERTURA AO MUNDO (QOM).....	185
ANEXO C – ESCALA DE AVALIAÇÃO DA COESÃO E ADAPTABILIDADE FAMILIAR (FACES-IV).....	187
ANEXO D - QUESTIONÁRIO DAS CAPACIDADES E DIFICULDADES DA CRIANÇA (SDQ).....	189

Apresentação na temática

Início esta tese com uma apresentação pessoal, de modo a falar de meu envolvimento na temática desta pesquisa. Minha inserção no tema envolvimento paterno e relações familiares se iniciou antes do meu ingresso no mestrado. Durante a graduação, sempre me interessei pela perspectiva sistêmica e temáticas relacionadas à família. Na verdade, desenvolvimento humano e relacionamento familiar sempre foram minhas duas paixões na Psicologia. Após finalizar a graduação, iniciei uma Especialização em Terapia Individual, Familiar e de Casal (No Instituto da Família de Porto Alegre – INFAPA). Na época, eu também passei a fazer parte de um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) chamado (na época) de “Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: Estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança” (CRESCI). Nesse projeto, um dos focos de estudo era o envolvimento paterno, o qual me chamou a atenção por ser um assunto com muitos aspectos a serem explorados.

Como sempre tive interesse na área acadêmica, e por razões pessoais me mudei para Florianópolis (SC), fiz a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área “Saúde e Desenvolvimento Psicológico”, e linha de pesquisa “Saúde e Contextos de desenvolvimento psicológico”. Estes contemplavam meu interesse em relações familiares, em especial, a relação do pai com a criança.

Após ser aprovada na seleção com uma proposta inicial de estudar o envolvimento paterno em padrastos, diversas reuniões foram feitas com meu orientador, o Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, que tem como um dos focos de suas pesquisas, a paternidade. Depois de realizar revisões de literatura, decidimos alterar os participantes da pesquisa de padrastos para pais adotivos, uma vez que estes eram pouco estudados e hipotetizava-se que eles agiriam de modo mais semelhante aos pais biológicos do que quando comparados aos padrastos.

Paralelo às disciplinas do mestrado e à construção do projeto de pesquisa que resultou na dissertação, ingressei no projeto intitulado “A transmissão intergeracional da violência: A relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos de idade” (TIV). Esse projeto foi coordenado pelos professores Dra. Maria Aparecida Crepaldi e o Dr. Mauro Luís Vieira, e tinha por objetivo estabelecer um elo entre três formas de violência familiar, quais sejam, a

violência conjugal, a violência parental e a agressão das crianças entre si, propondo um modelo de transmissão intergeracional das estratégias de gestão de conflitos. O envolvimento paterno também era um dos focos de estudo do referido projeto. Além disso, esse projeto fazia parte de uma parceria entre a UFSC e duas universidades canadenses: a UM (*Université de Montréal*) e a UQÀM (*Université du Québec à Montréal*).

Ao construir meu projeto de pesquisa durante o mestrado, desenvolvi um estudo qualitativo sobre as relações entre o envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar, utilizando a perspectiva epistemológica sistêmica. Um dos membros de minha banca de qualificação foi a Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, a qual, logo após a qualificação, tornou-se minha coorientadora. Tanto o Prof. Dr. Mauro quanto a Profa. Dra. Maria Aparecida trabalhavam com o envolvimento paterno e o contexto familiar, e foram orientações complementares, aditivas e convergentes.

No final de meu mestrado, e vésperas da seleção do doutorado, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) elaboraram um novo projeto de pesquisa intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Esse projeto teve como ponto de partida uma nova teoria elaborada sobre a especificidade do relacionamento pai-criança denominada de “Teoria da Relação de Ativação”, desenvolvida pelas duas universidades canadenses recém-mencionadas: UM e UQÀM.

Eu me inseri no referido projeto já com uma proposta de estudo para o doutorado, que seria investigar as associações entre a relação de ativação pai-criança e o funcionamento familiar. Com minha aprovação no doutorado, eu e o grupo de pesquisa do qual faço parte, acabamos por desenvolver e ampliar ainda mais esse projeto “maior”, o que passou a se chamar “Relações entre envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar, coparentalidade e comportamento da criança pré-escolar”, o que repercutiu, também, na ampliação de minha proposta de tese. Após, o nome do projeto foi alterado, e hoje é denominado de “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”. Com essa ampliação, surgiu o desafio de desenvolver um estudo quantitativo e experimental. Assim, o objetivo desta tese foi compreender as associações entre relação de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais.

Durante o doutorado surgiu a oportunidade de realizar o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Então, participei do

processo seletivo e fui contemplada com uma bolsa para ficar cinco meses em Montreal (Canadá), trabalhando com o autor da Teoria da Relação de Ativação: o professor Dr. Daniel Paquette. Com certeza, essa experiência maravilhosa contribuiu de forma significativa para a minha formação enquanto doutora, e também para o melhoramento e aperfeiçoamento da tese. Poder discutir com o professor que elaborou a teoria que contempla um dos meus três fenômenos investigados na tese e que construiu dois dos instrumentos/técnica que utilizei na coleta de dados foi muito proveitoso e produtivo.

Durante o doutorado sanduíche, dúvidas sobre a teoria, a técnica e os resultados foram sanadas, novas análises estatísticas foram aprendidas e algumas questões relacionadas ao instrumento também foram repensadas. Viver um tempo no contexto em que a teoria e os instrumentos foram desenvolvidos me fez também entender melhor porque com as crianças do Canadá a escada proposta no procedimento observacional da situação de risco era de um determinado tipo enquanto que no nosso contexto tivemos que mudar para uma escada mais “segura” (entre outros aspectos). Também acompanhei a coleta de dados que envolve essa observação da Situação de Risco, procedimento esse que adaptamos no Brasil, e pude comparar o contexto canadense e o brasileiro, e compreender que, embora muitas diferenças são constatadas, muitas semelhanças também são, e que estamos muito bem em termos de pesquisa.

Enfim, penso que o doutorado não foi apenas resultado de uma “escolha”, mas de um conjunto de escolhas. Trata-se de um “caminho trilhado”, que, embora com diversos desafios, também foi cheio de conquistas. Trata-se de um caminho de “formação”, em que a aprendizagem nunca termina. Assim, chegar ao título de “doutora” não é o destino final desse “caminho”, mas um ponto de partida para inúmeros outros.

Apresentação

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender as associações entre relação de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais. Para tanto, buscou-se utilizar a perspectiva epistemológica sistêmica como base para a compreensão dos diferentes fenômenos investigados.

A relação de ativação é definida como um vínculo afetivo entre pai (ou outro cuidador) e filho(a) que se desenvolve quando o pai (ou outro cuidador) realiza abertura ao mundo com o filho(a) (Dumont & Paquette, 2012; Paquette, 2004a, 2004b, 2014). Ela é descrita por meio de duas dimensões diferentes e complementares: estimulação e disciplina. A estimulação se refere ao pai encorajar a criança a explorar o ambiente, assumir atividades de risco, perseverar nas adversidades e superar limites. A disciplina diz respeito ao pai estabelecer limites para garantir a segurança e a proteção da criança (Dumont & Paquette, 2012). Conforme essa teoria, as crianças podem ser classificadas em ativadas, subativadas e superativadas².

Tanto a relação de ativação quanto a função de abertura ao mundo são compreendidas por meio da estimulação e da disciplina. O que diferencia as duas é que a relação de ativação se refere ao vínculo afetivo entre a díade (foca na interação pai-criança), e a abertura ao mundo trata-se de uma função geralmente mais realizada pelo pai (figura paterna), o que remete aos comportamentos do pai. Esses dois conceitos estão intimamente interligados, porque o pai faz a abertura ao mundo através da relação de ativação, e a relação de ativação se desenvolve por meio da abertura ao mundo que o pai realiza. Logo, busca-se investigar na presente tese ambos os fenômenos, os quais no título e no objetivo geral da tese serão chamados de “relação de ativação”, pois se compreende que a relação de ativação engloba a função de abertura ao mundo.

A relação de ativação, e, por sua vez, a função de abertura ao mundo, são mais realizadas pelo pai, enquanto a mãe costuma ser a principal provedora de cuidados básicos à criança (Bureau et al., 2014; Paquette & Bigras, 2010). Assim, geralmente, a mãe é a primeira figura de apego e o pai é a primeira figura de ativação da criança (Paquette, 2014). Isto não significa que a mãe não apresente uma relação de ativação ou não realize a abertura ao mundo com a criança ou que o pai não seja o principal provedor de cuidados básicos à criança ou não possa ser a

² Essas classificações de ativação da criança estão descritas na Introdução.

primeira figura de apego à criança. Segundo Paquette (2014), em algumas famílias pode ser o contrário. O que se verifica, é uma complementariedade e uma aditividade nos papéis de pais e de mães (Grossmann et al., 2002; Paquette, 2004b; Paquette & Bigras, 2010), mas esta complementariedade não está associada necessariamente ao gênero, e sim, conforme Paquette (2014), possivelmente a um perfil hormonal e às experiências que esses adultos tiveram em suas infâncias. Além disso, ressalta-se que não se busca enfatizar a dicotomia pai versus mãe ou homem versus mulher, e sim, sustentar a hipótese de que em famílias biparentais heteroafetivas da sociedade ocidental, geralmente se constata peculiaridades nos comportamentos do pai quando comparado aos comportamentos da mãe.

Os padrões de interação estabelecidos entre os membros da família são definidos como funcionamento familiar (Minuchin, 1990), que é compreendido por meio de três dimensões: coesão, flexibilidade e comunicação (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011). A coesão é a proximidade emocional entre os membros da família. A flexibilidade refere-se à qualidade e expressão de liderança e organização, relações entre os papéis, regras de relacionamento e negociações entre os membros da família. Já a comunicação trata-se da habilidade positiva em dialogar, é ela que altera os níveis de coesão e flexibilidade, os quais são utilizados para definir o padrão de funcionamento da família, que pode ser: Equilibrado, Rigidamente Coeso, Mediano, Flexibilidade Instável, Desordenadamente Frouxo e Desequilibrado³ (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

A relação de ativação e o funcionamento familiar irão repercutir no comportamento da criança. O comportamento da criança pode ser compreendido de diferentes maneiras, e nesta tese ele será analisado pelas seguintes dimensões: Sintomas emocionais (ansiedades, medos, características depressivas, e sintomas somáticos associados às emoções e preocupações da criança); Problemas de conduta (comportamento desafiador, agressividade e destrutividade, e comportamentos antissociais); Hiperatividade (comportamentos como inquietação constante, desatenção e impulsividade); Problemas de relacionamento com colegas (são os Problemas de relacionamento com parceiros sociais, como ser solitário); e Comportamento pró-social (alta sociabilidade) (Goodman, 1997; Goodman & Scott, 2012). Nesse sentido, é importante

³ Cada padrão de funcionamento familiar está descrito na Introdução.

esclarecer que essas dimensões são apenas parte do comportamento da criança.

Estudos têm demonstrado os efeitos da relação de ativação sobre o comportamento da criança (Dumont & Paquette, 2012; Paquette, 2004b, 2004c; Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau, & Bouchard, 2000; Paquette, Eugene, Dubeau, & Gagnon, 2009). Verifica-se que ao ser encorajada a assumir riscos sociais e físicos, a criança desenvolve confiança nela mesma e nos outros, e realiza a abertura ao mundo. A estimulação que as crianças recebem dos pais⁴ costuma ser através de jogos físicos, como o “brincar de lutinha”, o qual pode auxiliar as crianças a lidarem em um mundo competitivo de modo socializado (Paquette, 2004b), pois aprendem a se autorregular, controlando sua frustração e respeitando a hierarquia (Flanders, Leo, Paquette, Pihl, & Séguin, 2012; Paquette, Carbonneau, Dubeau, Bigras, & Tremblay, 2003). A disciplina também permite que a criança se sinta segura ao explorar o mundo (Paquette, 2004c), pois indica os limites e as regras estabelecidas de modo a garantir a segurança da criança (Paquette et al., 2000).

A relação de ativação satisfaz a necessidade da criança de estimulação, imposição de limites e aprender a se relacionar com o mundo sendo protegida pelo pai ou outro cuidador (Bueno, Bossardi, & Vieira, 2015). Do mesmo modo, a ativação pode ser também entendida como acionar o mecanismo de excitação emocional estimulado pela exposição às novas experiências ou ao desconhecido, algo que é essencial para o desenvolvimento das competências sociais (Paquette, 2004c). Assim, Dumont e Paquette (2012) averiguaram que crianças ativadas são menos depressivas, menos ansiosas, menos isoladas de seus pares (amigos), e menos dependentes. Logo, baixos níveis de estimulação estão associados à baixa competência social das crianças. E quanto mais os pais realizaram abertura ao mundo com seus filhos na infância, mais estes, na adolescência, estão abertos para experimentar novas situações (Schulz, 2015).

Além das repercussões da relação de ativação sobre o comportamento da criança, ressalta-se que um funcionamento familiar com Coesão e Flexibilidade equilibrados possibilita aos membros da família um desenvolvimento para autonomia com níveis adequados de proximidade emocional (Andolfi, Angelo, Menghi, & Nicolo-Corigliano, 1984; Bowen, 1979; Minuchin, 1990). Também, constata-se que à medida

⁴ O termo “pais” será utilizado nesta tese referindo-se somente aos homens, ou seja, ao plural da palavra “pai”, e este pai se refere tanto a pais biológicos quanto pais não-biológicos. Quando se referir a “pais e mães”, será assim especificado.

que o funcionamento familiar melhora, ou seja, que as relações familiares se tornam mais funcionais, reduzem-se os problemas de comportamentos externalizantes dos jovens (como delinquência) (Gomes, 2013; Gomes & Pereira, 2014).

Considerando o exposto, infere-se que os resultados do presente estudo poderão contribuir na elaboração de estratégias que fomentam a saúde psicossocial nas famílias, em especial, para a promoção do desenvolvimento infantil. A presente pesquisa também possui relevância científica, pois se realizou uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional utilizando-se os seguintes descritores “*father-child activation relationship*” AND “*family functioning*” AND “*preschool*”. Essa busca foi feita no mês de abril de 2015, nas bases de dados acessadas pelos portais da BVS e CAPES. Encontrou-se 120 resultados, dos quais cinco foram analisados por contemplarem os critérios de inclusão: ter como foco pelo menos um dos fenômenos investigados na presente tese; estar disponível na íntegra e gratuitamente pela internet; e ser um estudo empírico. Das obras analisadas, nenhuma trabalha com os três fenômenos de estudo desta tese. Essa revisão e seus resultados serão mais bem explicitados no subcapítulo “revisão sistemática da literatura”.

Este estudo insere-se na área de Saúde e Desenvolvimento Psicológico do PPGP da UFSC, uma vez que explora o contexto familiar e o desenvolvimento infantil. O presente trabalho também se justifica por inserir-se no âmbito do projeto “Envolvimento paterno no contexto familiar II” do NEPeDI e do LABSFAC. Esse grande projeto buscou explorar, entre outros aspectos, a relação de ativação, a função de abertura ao mundo, o funcionamento familiar, comportamento da criança, o apego, o temperamento da criança, a personalidade do pai e a coparentalidade.

Diante do exposto e da relevância do tema para o campo de conhecimento, para responder ao objetivo geral desta tese, realizaram-se dois estudos, sobre os quais se apresentam a seguir seus respectivos objetivos geral e específicos.

No Estudo 1, de cunho quantitativo e com foco nas dimensões dos fenômenos, o objetivo geral foi analisar as relações entre função de abertura ao mundo, funcionamento familiar e comportamento da criança. Este estudo contemplou os seguintes objetivos específicos:

- a) Verificar relações entre função de abertura ao mundo e comportamento da criança;
- b) Verificar relações entre funcionamento familiar e comportamento da criança;

c) Verificar relações entre funcionamento familiar e função de abertura ao mundo;

d) Verificar o efeito mediador e moderador do funcionamento familiar na relação entre a função de abertura ao mundo e o comportamento da criança.

No Estudo 2, de cunho experimental e com foco nos padrões dos fenômenos, realizado apenas com uma parte dos participantes do Estudo 1, o objetivo geral foi compreender as relações entre os padrões de ativação pai-criança, de funcionamento familiar e de comportamento da criança. Para tanto, teve-se como objetivos específicos:

a) Relacionar o padrão de ativação pai-criança e de comportamento da criança;

b) Relacionar o padrão de funcionamento familiar e de comportamento da criança;

c) Relacionar o padrão de funcionamento familiar e de ativação pai-criança;

d) Inferir relações entre os padrões de ativação pai-criança, de funcionamento familiar e de comportamento da criança.

Por fim, considerando a proposta de estudo, partiu-se do pressuposto que a relação de ativação pai-criança (e a função de abertura ao mundo), o funcionamento familiar e o comportamento da criança estão associados, de forma que o funcionamento familiar interfere na relação entre a função de abertura ao mundo e o comportamento da criança.

1. INTRODUÇÃO

1.1 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS

A Teoria da Relação de Ativação apresenta uma epistemologia Evolucionista, considerando o homem com um percurso filogenético (história da espécie) e ontogenético (história do indivíduo). Já o Funcionamento Familiar, aqui descrito pela Teoria Estrutural dos Sistemas familiares e pelo Modelo Circumplexo, apresenta uma epistemologia sistêmica. Por fim, o comportamento da criança geralmente discutido a partir da epistemologia cognitivo-comportamental, foi compreendido a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), a qual pode ser considerada como tendo os pressupostos epistemológicos da perspectiva sistêmica (Bueno, Vieira, Crepaldi, & Schneider, 2015).

Logo, um dos desafios desta pesquisa foi a articulação entre as diferentes teorias e epistemologias, as quais buscou-se integrar a partir da epistemologia sistêmica (Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014; Oliveira & Crepaldi, 2017; Vasconcellos, 2010). A escolha por essa epistemologia para compreender os diferentes fenômenos da tese justifica-se pelos seguintes motivos: 1) os estudos sobre família costumam utilizar essa perspectiva teórica e epistemológica; 2) a relação pai-criança está inserida em um contexto familiar; e 3) os autores (Dubeau, Devault, & Paquette, 2009) que trabalham com a Teoria da Relação de Ativação enfatizaram a importância de se investigar essa relação pai-criança do ponto de vista epistemológico sistêmico, pois é importante analisar como é o funcionamento familiar, como cada pai se envolve com a criança, se esse envolvimento é ou não diferenciado (pai e mãe se envolverem de formas diferentes), entre outros aspectos.

Conforme Vasconcellos (2010), são pressupostos da perspectiva epistemológica sistêmica: a complexidade; a instabilidade; e a intersubjetividade. A complexidade se refere a um pensamento circular, ou seja, de que não se pode mais sustentar argumentos por meio do pensamento linear de causa-efeito, pois inúmeros fatores interferem no fenômeno a ser estudado. Por isso, existe também a necessidade de contextualização do fenômeno. Isso remete à noção de instabilidade, a qual diz respeito a não previsibilidade e não controlabilidade dos fenômenos. E por fim, tem-se o pressuposto da intersubjetividade, o qual se opõe à objetividade, afirmando que há diferentes versões de uma

mesma realidade, dependendo do observador, e que o conhecimento científico resulta de uma construção social. Nesse sentido, pode-se afirmar que os achados da presente tese se referem a uma versão da realidade, a qual é perpassada pelo pesquisador. Esses três pressupostos estão interligados e, segundo Aun, Vasconcellos e Coelho (2012), não podem ser dissociados.

Considerando esses pressupostos, Vasconcellos (2010) distingue três dimensões do cientista: a epistemológica, a teórica e a prática. Nesse sentido, pode-se utilizar a epistemologia sistêmica, mesmo que as teorias ou modelos teóricos não sejam sistêmicos, pois a epistemologia é uma visão (novo-)paradigmática, e as teorias, são as aplicações sobre a prática. Além disso, a perspectiva sistêmica incentiva à interdisciplinaridade (integração de vários campos de conhecimento), pois a mesma possibilita diferentes olhares sob um mesmo fenômeno. A utilização de diferentes perspectivas teóricas auxiliou na compreensão do fenômeno, mas optou-se por articular essas diferentes epistemologias e teorias por meio da perspectiva sistêmica, para propor um quadro teórico que facilite a compreensão do leitor.

Considerando o exposto, para esta tese, foi utilizado como base teórica: a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano; a Teoria da Relação de Ativação; a Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares; e o Modelo Circumplexo. Estas teorias foram articuladas e discutidas a partir da base epistemológica sistêmica, para compreender uma “prática”, qual seja, as associações das relações familiares, em especial, a relação pai-filho(a), com o comportamento da criança pré-escolar. Ressalta-se que outros autores e teorias foram utilizados de modo a complementar e reforçar as informações das teorias propostas. Assim, elas foram um “ponto de partida” para a construção e discussão desta tese.

1.2 RELAÇÃO DE ATIVAÇÃO PAI-CRIANÇA

Para a compreensão da relação de ativação pai-criança, é importante contextualizá-lo a partir do envolvimento paterno. O envolvimento paterno é definido por Lamb et al. (1985) e Lamb (1997) por meio das dimensões: interação (o que o pai faz com a criança); disponibilidade (acessibilidade física ou psicológica do pai para interação); e responsabilidade (tarefas que o pai assume em garantir cuidados à criança). Esse conceito foi revisado por uma equipe de

pesquisadores canadenses, que vem estudando o envolvimento paterno⁵ e o definem como a “participação e a preocupação contínua dos pais biológicos ou substitutos, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho” (Dubeau et al., 2009, p. 75, tradução nossa). Envolver o pai também pode ser investigado por meio das seguintes dimensões: abertura ao mundo, disciplina, suporte emocional; cuidados básicos; jogos físicos; evocações; e tarefas de casa (Schoppe-Sullivan, McBride, & Ringo Ho, 2004).

Os pesquisadores supracitados afirmam que embora tanto pais quanto mães incentivam seus filhos a explorar o ambiente (dimensão “abertura ao mundo”), os pais costumam fazer isto de forma diferente do que as mães (Paquette, 2004c). Os pais incentivam seus filhos a assumirem riscos, a tomarem a iniciativa em situações desconhecidas, a explorarem, a superarem obstáculos, a serem corajosos na presença de estranhos, e a se defenderem (Paquette & Bigras, 2010). Desse modo, Dumont e Paquette (2012) afirmam que os pais agem como figuras de apego para estimular os filhos a explorarem o ambiente.

Porém, como a Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (1969) não aprofunda o papel das figuras de apego durante a exploração da criança (Paquette et al., 2000), Paquette (2004a) desenvolveu a dimensão “exploração” e propôs uma nova teoria sobre vínculo afetivo⁶ pai-criança, a qual ele intitula de “*Activation Relationship Theory*”, que pode ser traduzida no português como Teoria da Relação de Ativação, que seria uma teoria complementar à Teoria do Apego (Paquette, 2012).

Paquette (2004b) sugere o termo ativação no lugar de apego, pois o termo apego geralmente está associado com a noção de proximidade mãe-criança, e da criança confiar aos pais suas necessidades básicas e de

⁵ No francês utiliza-se o termo “*engagement*” (engajamento) para se referir ao conceito de “envolvimento” proposto por Lamb et al. (1985) e Lamb (1997), ou seja, engajamento e envolvimento costumam ser utilizados como sinônimos (Eugène, 2008).

⁶ Entende-se que vínculo afetivo (laço relativamente duradouro com alguém) e apego (disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica) são diferentes (Bowlby, 1984 apud Ribas & Seidl de Moura, 2004). Portanto, enfatiza-se que a Teoria da Relação de Ativação (mais característica da relação pai-criança) se refere ao vínculo afetivo, e a Teoria de Apego (que contempla mais a relação mãe-criança), corresponde ao apego propriamente dito. Logo, esta nota de rodapé se faz necessária porque o termo que o autor da Teoria da Relação de Ativação utiliza para apego e vínculo afetivo é o mesmo, qual seja, “*attachment*”, fazendo a distinção apenas ao explicitar o significado de cada um deles.

ser acalmada. Assim, o autor considerou mais apropriado chamar de relação de ativação esta relação estabelecida geralmente entre o pai e seu filho, uma vez que o termo ativação também se refere a um mecanismo regulador de emoções despertadas pelo confronto com o novo, o que é essencial para o desenvolvimento de competência social. Isso não significa que o termo “ativação” substitua o termo “apego”, são dois fenômenos semelhantes, mas distintos.

Além disso, segundo Dumont (2011), muitos estudos investigam o envolvimento paterno e muitas pesquisas são feitas sobre o apego pai-criança. Porém, o referido autor alega que poucos desses estudos enfatizam que é por meio da função de “abertura ao mundo” que o pai se tornaria uma figura de apego à criança. Logo, o que Paquette e Bigras (2010) propuseram foi investigar a vinculação pai-criança não por meio da ansiedade de separação (como era realizado com as mães), mas por meio da qualidade de abertura ao mundo que o pai proporciona ao filho. Nesse sentido, a relação de ativação é mais ampla e complexa que a função de abertura ao mundo, pois diz respeito a essa relação/vinculação pai-criança que acontece por meio do apego proporcionado pela abertura ao mundo (enquanto a abertura ao mundo favorece o desenvolvimento de autonomia). Trata-se de dois conceitos distintos, mas muito articulados, conforme mencionado anteriormente. Além disso, a abertura ao mundo, antes (nos estudos iniciais sobre envolvimento paterno) mais relacionada à dimensão “estimulação”, foi ampliada e, atualmente, para ser abertura ao mundo, além de estimulação, deve haver também disciplina.

Assim, por meio da abertura ao mundo se pode acessar os comportamentos do pai que favorecem a relação de ativação. Ou seja, por meio do pressuposto da intersubjetividade, se pode compreender isso como sendo uma forma de acessar o fenômeno. Nesse sentido, ao acessar a abertura ao mundo (por meio do QOM), se acessa parte da relação de ativação, mas ela não pode ser reduzida a isso: o QOM, na versão utilizada nesta tese, proporciona a frequência com que os pais realizam a Estimulação e a Punição⁷, mas não "como" estimulam ou punem. Além disso, o QOM proporciona uma perspectiva acerca dos comportamentos do pai, e não da criança. Nesse sentido, há diferentes formas de acessar o

⁷ Como será melhor discutido ao longo da tese, ao invés de acessar a Estimulação e a Disciplina, o QOM explorou a Estimulação e a Punição. A punição contempla apenas parte da disciplina. Nesse sentido, esse instrumento precisa ser revisto em estudos futuros, pois a punição trata-se de uma dimensão negativa, e para contemplar a proposta da função de abertura ao mundo, precisa ser positiva (como a disciplina, que está mais relacionada ao estabelecimento de limites).

mesmo fenômeno, e por isso, cada forma, fornece ao pesquisador uma "versão" da realidade, com suas respectivas limitações.

Conforme Paquette e Dumont (2013a), essa relação de vínculo afetivo pai-criança acontece principalmente por meio dos jogos físicos, os quais se referem a diferentes formas de contato físico entre o pai e a criança, tais como jogar a criança para o alto, brincar de cavalinho na perna do pai, fazer cócegas, brincar de lutinha, entre outros (Paquette, 2004c). Assim, a brincadeira turbulenta (do inglês “*Rough-and-Tumble Play*”) é uma forma de jogo físico frequentemente observada em pais e crianças. Possivelmente os homens realizam mais brincadeiras turbulentas por questões hormonais e por experiências na infância que propiciem esses comportamentos (Paquette, 2014). Trata-se de comportamentos intensos como lutar, pular, cair e correr, comportamentos estes que parecem agressivos fora do contexto do jogo (Flanders et al., 2010, 2012).

Assim, a estimulação (compreendida pela dimensão “abertura ao mundo”) e a “disciplina” são duas das sete dimensões do envolvimento paterno (mencionadas anteriormente) manifestadas principalmente por meio da dimensão “jogos físicos”. Nesse sentido, compreende-se a relação de ativação pai-criança como inserida no âmbito do envolvimento paterno (Dubeau et al., 2009). Como Paquette e Dumont (2013a) verificaram que não há associação entre vínculo afetivo e brincadeira turbulenta do pai com a criança, este seria um contexto que favorece o vínculo afetivo, mas não necessariamente.

A relação de ativação permite classificar o comportamento da criança em ativada, subativada e superativada, por meio do Procedimento observacional denominado de Situação de Risco (o qual será mais bem descrito no capítulo “Contextualização e delineamento metodológico da pesquisa”). As crianças *ativadas* interagem com pessoas estranhas, mas demonstram sinais de hesitação ou medo nessa interação, ou seja, são prudentes na exploração. Elas exploram o ambiente com cautela e obedecem aos pais/mães. As crianças *subativadas* interagem menos com pessoas estranhas (quando comparadas às crianças ativadas), e demonstram mais medo e hesitação nessa interação, ou seja, buscam evitar o risco. Elas exploraram menos o ambiente (quando comparadas às crianças ativadas), são cautelosas na exploração, permanecem próximas de seus pais/mães e são obedientes aos seus pais/mães. Já as crianças *superativadas*, são altamente sociáveis com pessoas desconhecidas, não mostrando sinais de hesitação ou medo nessa interação, ou seja, exploram o ambiente sem prudência. Essas crianças exploram de forma perigosa o

ambiente e desobedecem seus pais/mães (Gaumon & Paquette, 2013; Paquette & Bigras, 2010; Paquette et al., 2000; Paquette & Dumont, 2013b).

Com relação a essa classificação, realiza-se uma “releitura” a partir da perspectiva sistêmica, e enfatiza-se que a criança estará ativada, subativada ou superativada na relação que possui com o pai, com a mãe ou outro cuidador. Além disso, a criança pode estar, por exemplo, ativada com o pai, mas subativada com a mãe. Também ressalta-se que a criança “está” no lugar de “é” pela dinamicidade das relações, pois o fato de ela estar subativada com o pai, não significa que ela “é” subativada, sendo este último muito mais determinista.

Além disso, é importante mencionar que Hamel (2014) esclarece que, diferentemente do que a terminologia permite concluir, quando menciona-se que a criança está “mais ativada”, é no sentido de uma ativação ótima, ou seja, de “ativação”. Logo, quando a criança está subativada ou superativada, esse score ótimo está reduzido. Assim, quando se menciona “elevados scores de ativação”, é no sentido de uma ativação ótima. Porém, quando se menciona que “os meninos são mais ativados do que as meninas”, é no sentido de que estes tendem a apresentar mais scores referentes à ativação e superativação do que as meninas, enquanto que estas tendem a apresentar mais scores relacionados à ativação e subativação.

Conforme já mencionado, a mãe também pode ativar a criança e o pai também pode desenvolver uma relação de apego com a mesma (Paquette & Bigras, 2010). A maioria dos pais e mães estabelece com seus filhos um equilíbrio entre estes dois tipos de relacionamento (Paquette & Bigras, 2010). Nesse sentido, Gaumon (2013) também afirma que a exploração da criança no ambiente é facilitada em parte pelo conforto proporcionado pela relação de apego (proximidade/segurança) à mãe e também estimulado pela tomada de riscos na ativação da relação com o pai.

Ou seja, a teoria da relação de ativação pressupõe diferenças entre os papéis de pais e de mães, em que a mãe costuma ser a principal cuidadora e o pai realizaria mais brincadeiras turbulentas e disciplina com a criança que a mãe (Lafond, 2014). Isso está relacionado aos papéis tradicionais de paternidade, em que o pai é o principal provedor financeiro da família. Porém, se constata em nossa sociedade um modelo emergente de paternidade, em que o pai ainda é o provedor do sustento da família, mas cada vez mais compartilha as tarefas da casa e dos filhos com a mulher, se aproximando do modelo contemporâneo de paternidade, em

que há igualdade nas divisões de tarefas. Por essa razão, deve-se relativizar a expressão que a mãe proporciona mais apego e o pai proporciona mais ativação. Assim, embora se considere as relações familiares dinâmicas, e ainda se constate diferenças nos papéis parentais, a dicotomia deve ser relativizada e contextualizada.

Portanto, o vínculo afetivo por meio da “exploração”, geralmente mais realizada pelos pais, é complementar ao apego por meio da “segurança”, sendo esta última geralmente mais proporcionada pelas mães (Paquette, 2004b). Essa complementaridade é importante para atender as necessidades da criança (Gaumon, 2013; Lewis & Lamb, 2003; Paquette, 2004c) e sugere que o pai costuma ser particularmente importante para realizar a abertura ao mundo e o desenvolvimento de autonomia na criança (Paquette, 2004c), mas não é, contudo, sinônimo de exclusividade (Gaumon, 2013), pois tanto o pai quanto a mãe podem exercer atividades que abram a criança para o mundo.

Ou seja, essa relação de ativação é um envolvimento direto na tomada de riscos em que o cuidador se tornaria uma figura de apego para a criança. Esse papel de ativação seria complementar à de apego, que continuam a ser uma base segura para a exploração. Assim, os pais e as mães são capazes de incentivar a abertura ao mundo (ativação) e serem reconfortantes (apego) à criança, mas cada um deles geralmente possui um “estilo” (sic) predominante (ou de ativação ou de apego) e uma participação mais direta ou indireta em cada um desses estilos (Dumont, 2011). Nesse sentido, enfatiza-se a relação de ativação pai-criança e a função de abertura ao mundo por serem, geralmente, mais características da relação do pai com seus filhos, e pelo pai ser o foco da presente tese.

Esse maior interesse pelo pai em estudos que envolvem direta ou indiretamente a relação de ativação e a função de abertura ao mundo é evidenciado em publicações dos criadores da teoria com ou sem outros colaboradores (Bachand, 2013; Dumont & Paquette, 2012; Eugène, 2008; Gaumon & Paquette, 2013; Gaumon et al, 2016; Hamel, 2014; Moffete, 2013; Paquette, 2004a, 2004b, 2004c; Paquette & Bigras, 2010; Paquette & Dumont, 2013a, 2013b; Paquette et al., 2009; Stgeorge, Fletcher, Freeman, Paquette, & Dumont, 2015), outros pesquisadores canadenses (Bureau et al., 2014; Lafond, 2014), americanos (Stevenson & Crnic, 2013) e por pesquisadores brasileiros (Bueno, Vieira, Crepaldi, & Xavier Faraco, 2017; Backes, 2015; Paraventi et al., 2017; Schulz, 2015; Silva, 2017).

No estudo de Brussoni e Olsen (2011), realizado no Canadá, objetivou-se compreender as atitudes dos pais em relação ao nível de risco

que estão dispostos a expor seus filhos(as) e o nível de proteção que eles sentem que é necessário fornecer à criança. Para tanto, aplicaram entrevistas com roteiro semiestruturado em 32 pais de crianças com idade entre dois e sete anos. Este estudo constatou que os pais acreditam que um aspecto central de seu papel de pai é auxiliar seus filhos a explorarem ativamente o mundo por meio de jogos físicos. Estes pais buscam estabelecer um equilíbrio entre proteger sua criança e expô-la a assumir riscos e novas experiências. A maioria dos pais valorizou a exposição a assumir risco, desde que garantindo a segurança da criança.

Com os resultados do referido estudo, esses autores também propõem um modelo teórico (*Figura 1*) que define quatro padrões de resposta na tomada de decisão para obter um equilíbrio entre estímulo a assumir risco e proteção: a) o pai está “aventureiro preparado” (“*prepared adventurer*”) quando o estímulo e a proteção são elevadas; b) o pai está “superprotetor” quando a proteção é elevada e o estímulo a assumir risco é baixo; c) o pai está “inconsistente” (apresentando respostas contraditórias) quando o estímulo a assumir risco é elevado, mas a proteção é baixa; e por fim, d) o pai está “pouco envolvido” quando o estímulo a assumir risco e a proteção são baixas (Brussoni & Olsen, 2011). A maioria dos pais apresentou um padrão de respostas de ativação, ou seja, “aventureiro preparado” segundo a tradução literal do modelo teórico proposto (Brussoni & Olsen, 2011). Neste mesmo modelo, os autores fazem a correspondência dos padrões de resposta dos pais com os padrões de ativação das crianças, que pode ser visualizado na *Figura 1*.

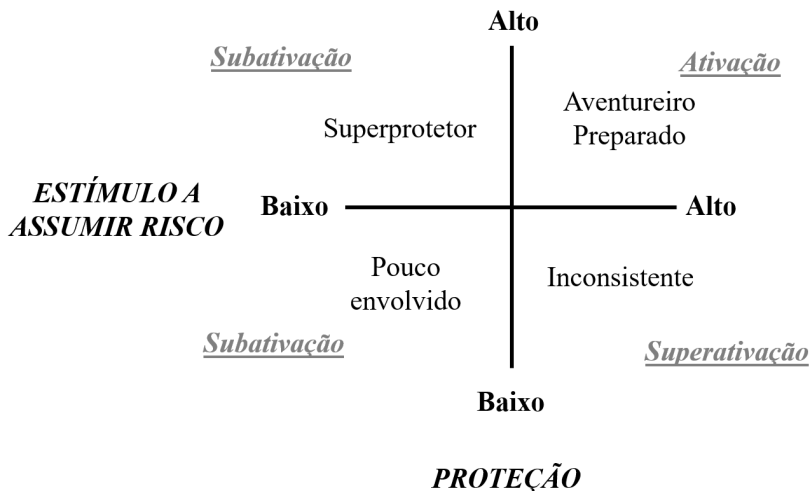


Figura 1. Modelo teórico da busca pelo equilíbrio entre estímulo a assumir risco e proteção, com as hipóteses dos tipos de ativação conforme os padrões de resposta do modelo [Fonte: Adaptado de Brussoni e Olsen (2011, p. 495)].

Além disso, o Estímulo a assumir risco é a principal dimensão para definir a relação de ativação (Paquette & Bigras, 2010; Paquette & Dumont, 2013a; StGeorge et al, 2015). Essa relação de ativação pode ser avaliada pela observação da Situação de Risco (Paquette & Bigras, 2010), que proporciona a classificação da criança quanto o tipo de ativação, e em parte pelos questionários de abertura ao mundo, como o que é respondido pelos pais (Paquette et al., 2009), que proporciona escores de Estímulo a assumir risco, Estímulo à perseverança e Punição. Além desses, o roteiro de entrevista desenvolvido por Brussoni e Olsen (2011) e a observação da interação pai-criança no ambiente doméstico apresentada no estudo de Stevenson e Crnic (2013) dão indícios de outras formas de acesso à relação de ativação. Ressalta-se, é claro, a importância de se contextualizar o "risco", uma vez que sua concepção pode ser alterada com base na cultura e outras variáveis (Backett-Milburn & Harden, 2004).

A relação de ativação trata-se de uma das relações estabelecidas no contexto familiar. Portanto, pode-se pensar as diversas relações familiares no âmbito do funcionamento familiar.

1.3 FUNCIONAMENTO FAMILIAR

Pais e mães estão cada vez mais dividindo e compartilhando as mesmas tarefas (Bossardi, Gomes, Vieira & Crepaldi, 2013; Bueno & Vieira, 2014), o que acarreta em mudanças nos papéis e no contexto familiar. Muito se afirma que a família é o principal contexto de desenvolvimento da criança. Mas afinal, o que é família? É difícil pensar em uma única definição devido à diversidade de configurações familiares (Böing, Crepaldi, & Moré, 2008). Contudo, a partir da perspectiva sistêmica, define-se família como um sistema⁸ complexo e dinâmico composto de indivíduos, ou seja, um grupo de pessoas que conviveu por tempo suficiente para ter desenvolvido padrões de interação e histórias que explicam esses padrões de interação (Minuchin et al., 2008).

Logo, a família é compreendida como um todo (Minuchin & Fishman, 1990), ou seja, como um sistema em constante transformação (Andolfi et al., 1984; Minuchin, 1990). O sistema familiar faz parte de um sistema mais amplo como a sociedade, e é composto por sistemas menores, chamados *subsistemas*, os quais se influenciam mutuamente (Andolfi et al., 1984; Minuchin, 1985; Minuchin, 1990). Para Minuchin (1990), os subsistemas são reagrupamentos dos membros da família que estabelecem uma comunicação distinta da usada no sistema familiar (sistema principal). São os subsistemas que irão diferenciar e propagar as funções da família. Cada membro da família pertence a diferentes subsistemas, nos quais possui diferentes níveis de poder e aprende habilidades diferenciadas (Minuchin, 1990).

Assim, pode-se encontrar o subsistema conforme a idade/geração (como o subsistema de adultos e de crianças), gênero (como o subsistema masculino ou feminino), tarefas/funções (como o subsistema conjugal, parental ou fraternal) e conforme os laços de sangue em famílias mistas (como “os filhos dele/a” e “os nossos filhos”) (Minuchin et al., 2008). Quando o casal (subsistema conjugal) torna-se pai e mãe, surge um novo subsistema: o parental. Assim, a família precisa se reorganizar porque novos papéis e funções emergiram no sistema. Os pais também precisam dar conta das necessidades dos filhos, como nutrir, proteger, orientar e controlar seus filhos, elementos estes que devem ocorrer proporcionalmente às necessidades de desenvolvimento da criança e da capacidade dos pais (Minuchin, 1990).

⁸ O sistema pode ser entendido como conjunto de elementos em interação, ou seja, como constituído por relações que o definem como uma organização (Vasconcellos, 2010).

Os subsistemas conjugal e parental são interdependentes (Bigras, Sherbrooke, & Paquette, 2000; Minuchin, 1990), o que reforça a importância de estudar o sistema como um olhar sobre o todo, mas também sobre suas partes (subsistemas). Os subsistemas estão cercados por limites invisíveis que variam conforme sua permeabilidade, os quais são denominados de *fronteiras*, que são as regras que definem quem participa do subsistema e como participa (Minuchin, 1990; Minuchin et al., 2008). A interação entre os membros de uma família insere-se ao longo de um *contínuo* no qual em uma das extremidades estão as fronteiras *difusas*, na outra extremidade as fronteiras excessivamente *rígidas*, e no meio, as fronteiras *nítidas*. Menciona-se o termo subsistemas ao descrever as fronteiras, pois em uma mesma família, podem-se verificar subsistemas com diferentes tipos de fronteiras. Por exemplo, em famílias com crianças pequenas é comum haver fronteira difusa entre a mãe e os filhos, e fronteira rígida do pai com a mãe e os filhos (Minuchin, 1990), mas esta organização deve ir se modificando com o tempo, de modo que se tornem nítidas.

As fronteiras nítidas permitem o apropriado funcionamento dos membros do subsistema, pois são suficientemente definidas para permitir as funções dos subsistemas sem interferência indevida de outros membros. Ao mesmo tempo, admite-se o contato com membros do subsistema e externos a ele. Em subsistemas com fronteiras nítidas estão claros os papéis e as funções de cada um, o que proporciona um *funcionamento saudável* (Minuchin, 1990).

As fronteiras difusas correspondem a um *funcionamento emaranhado*. Nos subsistemas com fronteiras difusas é comum haver um superenvolvimento, uma grande preocupação entre seus membros, distância reduzida, comunicação aumentada, há renúncia de autonomia, um membro afeta imediatamente os demais, e qualquer nível de estresse ressoa rapidamente em outros subsistemas, ativando o apoio dos membros familiares. Assim, para qualquer variação do habitual, os membros respondem rapidamente e de forma intensa. Além disso, os filhos apresentam dificuldade de diferenciar-se de sua família de origem, e no processo de construção de sua nova família podem apresentar rigidez no funcionamento da família atual (Boing, 2014; Minuchin, 1990).

As fronteiras excessivamente rígidas estão associadas ao estilo desligado de interação, ou seja, a um *funcionamento de desligamento*. Nos subsistemas com fronteiras rígidas, a comunicação pode se tornar difícil, as funções protetoras podem ficar prejudicadas, tolera-se uma larga amplitude de variações individuais, mas somente um nível elevado

de estresse ativa os sistemas de apoio da família. Em subsistemas com esse tipo de fronteira, é comum seus membros não responderem a uma demanda do subsistema ou da família, mesmo quando uma resposta é necessária (Minuchin, 1990).

Os padrões de interação ao longo do tempo entre os membros da família constituem a *estrutura familiar* (Minuchin & Fishman, 1990), que é definida como o conjunto invisível de exigências funcionais que organizam o modo pelo qual seus membros interagem, e determina os papéis e as funções de cada um (Minuchin, 1990; Minuchin et al., 2008). Esses padrões de interação que constituirão a estrutura familiar, dizem respeito ao funcionamento da família. Logo, serão considerados estes termos (estrutura e funcionamento) como sinônimos. O funcionamento familiar, conforme já explicitado na Apresentação, pode ser entendido por meio de três dimensões: Coesão; Flexibilidade e Comunicação.

A necessidade de coesão (proximidade emocional entre os membros da família) funde-se com a necessidade de diferenciação (independência emocional) no processo de desenvolvimento dos membros da família (Andolfi et al., 1984; Bowen, 1979). A coesão pode ser comparada com a noção de estrutura familiar proposta por Minuchin (1990), na qual a coesão pode ser vista como um contínuo: nas famílias em que há um alto nível de coesão, seu funcionamento é emaranhado; já nas famílias em que o nível de coesão encontra-se baixo, seu funcionamento é desligado (Gomes, 2013; Minuchin, 1990; Ogston-Nobile, 2014). Ressalta-se que a coesão precisa sempre ser contextualizada, uma vez que há culturas e momentos do ciclo vital em que a proximidade emocional é valorizada e outras em que a separação familiar o é, sem que se trate de uma disfuncionalidade (Minuchin, 1990).

A flexibilidade se refere à qualidade e expressão de liderança e organização, relações entre os papéis, regras de relacionamento e negociações entre os membros da família (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011). Conforme Andolfi et al. (1984), a flexibilidade também se relaciona ao dinamismo, ou seja, à capacidade de tolerar uma desorganização temporária com a intenção de uma nova estabilidade. Contudo, ressalta-se que este entendimento de flexibilidade relacionado com maior ênfase na mudança na liderança, papéis e regras de relacionamento era a antiga definição de flexibilidade (Olson & Gorall, 2006), e nesta tese, considera-se a definição atual, primeiramente explicitada.

Assim como a coesão, a flexibilidade também pode ser analisada pensando-se em um contínuo, em que em uma das extremidades há a

Flexibilidade caótica (muito flexível), o que corresponderia a um funcionamento emaranhado, e no outro extremo, a Flexibilidade rígida (baixa flexibilidade), que corresponderia ao padrão de funcionamento desligado (Gomes, 2013; Minuchin, 1990). Como a família está em constante transformação, a flexibilidade é importante para o processo de reorganização da mesma, inclusive para atender às necessidades dos membros da família (Andolfi et al., 1984; Minuchin, 1990). Do mesmo modo como ocorre com a coesão, não há um nível de flexibilidade ideal, já que os relacionamentos podem ser mais ou menos flexíveis conforme os acontecimentos da vida.

Além disso, é possível que níveis equilibrados de flexibilidade proporcionem um funcionamento familiar promotor de saúde psicossocial de seus membros (Gomes, 2013; Olson & Gorall, 2006). Esse “contínuo” de coesão e flexibilidade são explicitados na *Figura 2*, em que se constata que os extremos evidenciam os níveis desequilibrados, e no centro deste contínuo se verificam os níveis equilibrados (Gomes & Pereira, 2014). Segundo Gomes e Pereira (2014), tanto a coesão quanto a flexibilidade são os dois aspectos centrais para se compreender o funcionamento familiar.

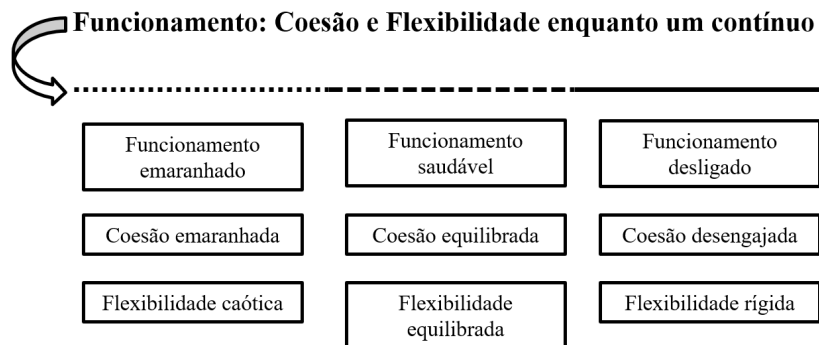


Figura 2. Funcionamento: Coesão e Flexibilidade como um contínuo [Fonte: elaborado pela autora⁹, com base em Gomes (2013) e Minuchin (1990)].

A terceira dimensão do funcionamento familiar é a comunicação, que facilita a alteração dos níveis de Coesão e Flexibilidade na família (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011). Essas três dimensões se referem ao Modelo Circumplexo, que é um modelo teórico e descritivo do

⁹ Todas as figuras e tabelas que não especificarem a fonte é porque foram elaboradas pela autora da presente tese.

funcionamento familiar, que resulta de diferentes combinações de Coesão e Flexibilidade (Boing, 2014; Gomes & Pereira, 2014; Olson, 2011). Além dessas três dimensões, pode-se ainda avaliar, com esse modelo, o grau de satisfação dos membros da família sobre seu funcionamento familiar, ou seja, o quão satisfeitos (contentes) os membros estão com o funcionamento da família.

Segundo o modelo circunplexo, níveis equilibrados de Coesão e Flexibilidade estão relacionados ao funcionamento familiar saudável. Em contrapartida, níveis muito baixos ou muito altos de coesão e flexibilidade estão associados com problemas de funcionamento na família (Olson & Gorall, 2006). Parte-se do pressuposto que aspectos do contexto familiar, como o modo como a família funciona, interfiram nas relações familiares. Logo, é possível que o funcionamento familiar repercuta na relação parental e que esta, por sua vez, interfira no funcionamento familiar.

O modelo circunplexo propicia seis tipologias de famílias, resultantes do cálculo da taxa de Coesão e de Flexibilidade. A Taxa de coesão resulta da Coesão equilibrada dividida pela média entre as coesões desequilibradas (Coesão desengajada e Coesão emaranhada). Já a Taxa de flexibilidade resulta da Flexibilidade equilibrada dividida pela média das Flexibilidades desequilibradas (Flexibilidade rígida e Flexibilidade caótica). A Tabela 1 explicita os tipos de funcionamento familiar e suas respectivas taxas de coesão, flexibilidade e do total circunplexo.

Tabela 1

Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circunplexo para cada um dos seis tipos de funcionamento familiar, segundo Olson e Gorall (2006)

Tipos de Funcionamento Familiar	Taxa de Coesão ¹	Taxa de Flexibilidade ²	Taxa do Total Circunplexo ³
Equilibrado	2,6	2,4	2,5
Rigidamente Coeso	1,5	1	1,3
Mediano	0,87	0,77	0,82
Flexibilidade Instável	0,63	0,87	0,75
Desordenadamente Frouxo	0,29	0,47	0,38
Desequilibrado	0,24	0,24	0,24

$$1 \text{ Taxa de Coesão} = \frac{\text{Coesão Equilibrada}}{(\text{Desengajado} + \text{Emaranhado})/2}$$

$$2 \text{ Taxa de Flexibilidade} = \frac{\text{Flexibilidade Equilibrada}}{(\text{Rígido} + \text{Caótico})/2}$$

$$3 \text{ Taxa Total Circunplexo} = \frac{\text{Taxa de Coesão} + \text{Taxa de Flexibilidade}}{2}$$

Fonte: Modificado de Boing (2014, p. 67).

O *funcionamento Equilibrado* caracteriza-se pela maior pontuação nas subescalas equilibradas de coesão e flexibilidade (o que indica um funcionamento saudável), e pela menor pontuação nos demais níveis (que indicam um funcionamento problemático). Famílias com este padrão de funcionamento hipoteticamente lidam melhor com os estressores do cotidiano e as tensões relacionais de mudanças na família ao longo do tempo (Olson & Gorall, 2006).

O *funcionamento Rigidamente Coeso* apresenta altos índices de rigidez e proximidade emocional. Hipoteticamente, esta família funcionaria bem, dado o seu alto grau de proximidade. Contudo, eles podem ter dificuldade em realizar alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento devido ao seu elevado nível de rigidez (Olson & Gorall, 2006).

O *funcionamento Mediano* possui escores moderados em todas as subescalas com exceção da escala rigidez, na qual seus escores podem se apresentar de duas maneiras: alto e baixo, aparentemente devido à distribuição bi-modal dos valores de percentil para essa escala. Hipoteticamente, este tipo de família funciona bem (Olson & Gorall, 2006).

O *funcionamento* nomeado *Flexibilidade Instável* caracteriza-se por altas pontuações em todas as escalas, exceto coesão, em que as pontuações são de moderadas a baixas. Trata-se de um padrão de funcionamento difícil de ser identificado claramente, pois os altos escores nas escalas desequilibrado combinado com o escore de baixo a moderado em coesão, poderiam indicar um funcionamento familiar problemático; no entanto, os altos escores na escala de flexibilidade podem indicar que estas famílias são capazes de alterar seus níveis problemáticos quando necessário (Olson & Gorall, 2006).

O *funcionamento Desordenadamente Frouxo* apresenta escores baixos nas escalas equilibrado, emaranhado e rígidos, e escores altos nas escalas caótico e desengajado. Hipoteticamente, famílias com este padrão de funcionamento apresentam muitos problemas familiares em virtude da sua falta de proximidade emocional e elevada flexibilidade (Olson & Gorall, 2006). Em famílias com este tipo de funcionamento é comum haver jovens com problemas de comportamento (Gomes, 2013).

Finalmente, o *funcionamento Desequilibrado* é caracterizado por altas pontuações nas quatro escalas desequilibradas e pontuações baixas nas escalas equilibradas. Estas famílias são hipoteticamente as mais problemáticas em termos de seu funcionamento geral (Olson & Gorall, 2006), pois, por exemplo, é possível que a hierarquia não esteja bem

delimitada, os papéis familiares e as regras não estejam claramente definidas e as decisões costumam ser tomadas de modo impulsivo (Olson & Gorall, 2003).

Com base nesses padrões de funcionamento familiar, constata-se alterações na coesão e flexibilidade das famílias. Diferentes níveis de coesão e flexibilidade repercutirão nas relações familiares, como a relação pai-criança. Na *Figura 3*, constata-se as dimensões do funcionamento familiar e as dimensões da relação de ativação.

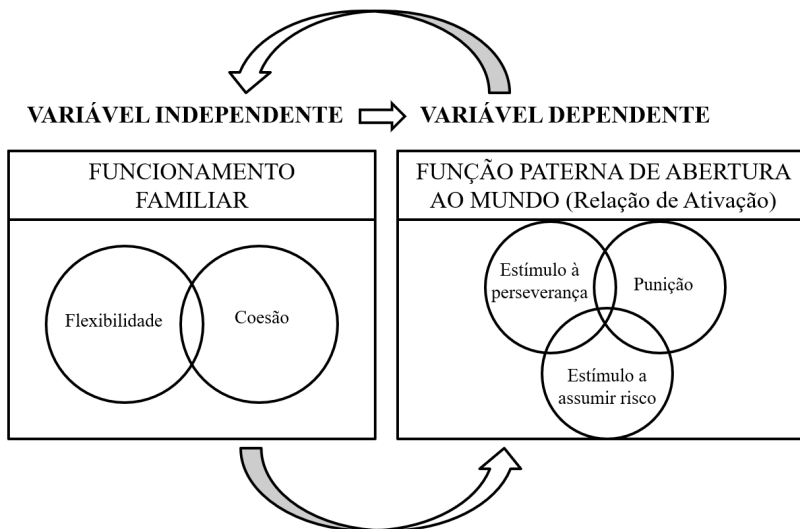


Figura 3. Esquema do funcionamento familiar e função paterna de abertura ao mundo (relação de ativação), com suas respectivas dimensões investigadas.

Nesse sentido, compreendeu-se na presente tese que as dimensões que determinam o funcionamento da família é que exercem influência sobre a relação de ativação e a função de abertura ao mundo, uma vez que essa relação insere-se na relação familiar. Logo, por mais que a influência seja circular e recursiva (Vasconcellos, 2010), estabeleceu-se um ponto de partida, ou seja, que o funcionamento familiar é variável independente e a função paterna de abertura ao mundo (relacionada à relação de ativação), a variável dependente do funcionamento familiar. Assim, não desconsidera-se a relação circular e recursiva, porém, afirma-se a direção dessa relação.

Nesse sentido, como o contexto familiar é um dos mais importantes para o desenvolvimento humano, em especial o

desenvolvimento infantil, inferiu-se que a relação de ativação e o funcionamento familiar interferem nesse desenvolvimento. Uma das maneiras de se ter “acesso” ao mesmo, é analisando os comportamentos que a criança apresenta.

1.4 COMPORTAMENTO DA CRIANÇA COM BASE NA TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (TBDH)

As associações entre o funcionamento familiar, a relação de ativação e o comportamento da criança podem ser discutidas com base na TBDH (Bronfenbrenner, 2005), desenvolvida por Urie Bronfenbrenner. Esta teoria costuma ser utilizada por pesquisadores que fazem uso da perspectiva sistêmica para investigar o desenvolvimento humano (Schultz et al., 2012), pois ela destaca a influência dos ambientes ecológicos no desenvolvimento (Johnson, 2008). Essa teoria considera quatro aspectos inter-relacionados, o que ficou conhecido como Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT).

O processo se refere aos *processos proximais*, ou seja, às interações face-a-face da pessoa em desenvolvimento com outras pessoas, objetos e símbolos do ambiente (Bronfenbrenner, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Prati, Couto, Moura, Poletto, & Koller, 2005). Trata-se de uma interação propulsora do desenvolvimento, mas este irá ocorrer ao longo do tempo por meio de processos de interação recíproca progressivamente mais complexos entre a pessoa em desenvolvimento e o contexto (Bronfenbrenner, 1994, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Prati et al., 2005). Logo, a relação de ativação pai-criança é um processo proximal, pois é uma relação que acontece ao longo do tempo e é progressivamente com interações mais complexas na medida em que as pessoas da referida díade se desenvolvem. Então, o comportamento da criança influencia e é influenciado por esses processos proximais, em uma relação circular recursiva.

O segundo elemento do modelo PPCT é a *pessoa*, ou seja, o ser humano em desenvolvimento, o qual é um ser biológico e psicológico em constante interação com o contexto, sendo também produto e produtor desta interação que é dinâmica e não linear (Bronfenbrenner, 2005). Pode-se considerar no elemento pessoa, as características do comportamento da criança, como suas capacidades e dificuldades.

Essas características são divididas em três tipos: *Demanda* são as características da pessoa que favorecem ou desencorajam as reações do ambiente, proporcionando ou não os processos proximais; *recurso* são as deficiências ou habilidades que influenciam a capacidade da pessoa em se engajar em processos proximais; e *disposição*, são as características comportamentais que acionam ou impedem os processos proximais (Tudge, Mokrova, Hatfield, & Karnik, 2009; Yunes & Juliano, 2010). Assim, como exemplo de demanda, tem-se o temperamento da criança, sua aparência física; como exemplo de recurso pode-se mencionar seu Comportamento pró-social (alta sociabilidade); e como exemplo de disposição, tem-se Sintomas emocionais (ansiedades, medos, características depressivas, e sintomas somáticos associados à emoções e preocupações da criança), Problemas de conduta (comportamento desafiador, agressividade e destrutividade, e comportamentos antissociais), Hiperatividade (comportamentos como inquietação constante, desatenção e impulsividade) e Problemas de relacionamento com colegas (dificuldades relacionadas à maioria dos parceiros sociais, como o isolamento).

Embora os comportamentos da criança sejam um dos três fenômenos investigados nesta tese, não se detalha cada um dos comportamentos investigados, pois a intenção é compreender esses comportamentos como partes de um todo (“comportamento da criança”). Logo, serão acessadas as dimensões mencionadas buscando-se discutir as mesmas de um modo geral, sem aprofundar em um desses comportamentos de modo específico.

O *contexto* foi subdividido em quatro níveis de interação: Microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Assim, os comportamentos da criança são evidenciados em diversos níveis de contexto.

O microssistema é o ambiente imediato no qual a pessoa em desenvolvimento (no caso, a criança) se encontra e no qual ocorrem os processos proximais. Está também relacionado às atividades, papéis sociais e relacionamentos interpessoais vivenciados pela pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1994, 1996, 1999). Como exemplo de microssistema tem-se o funcionamento familiar, no qual os comportamentos da criança são evidenciados.

O mesossistema compreende a relação entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente (Bronfenbrenner, 1996). Como exemplo de mesossistema, poderia-se mencionar a família e a creche, ou casa de outros familiares. Assim, as

dificuldades comportamentais da criança na escola (ou creche) podem repercutir em dificuldades nos comportamentos da criança em casa, e vice-versa.

O exossistema diz respeito à relação entre dois ou mais ambientes, sendo que em um deles não há participação ativa da pessoa em desenvolvimento, mas os eventos que acontecem nesse ambiente influenciam indiretamente a pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1994, 1996). Um exemplo de exossistema é o trabalho do pai, pois embora a criança não esteja no ambiente do trabalho do pai, este influencia o relacionamento pai-criança e, conseqüentemente, no comportamento da criança.

E por fim, o macrosistema se refere aos sistemas de ordem inferior interconectados (micro-, meso- e exo-) que existem ou poderiam existir dentro de uma cultura ou subcultura (Bronfenbrenner, 1996). Ou seja, refere-se aos estilos de vida, costumes, sistemas de crenças, entre outros (Bronfenbrenner, 1994). Como exemplo de macrosistema pode-se considerar o funcionamento das famílias biparentais da Região Sul do Brasil das quais as crianças do presente estudo fazem parte. Nesse sentido, o grau de proximidade emocional e o que se espera das crianças no que se refere aos comportamentos desejáveis está atrelado ao âmbito cultural. Assim, o que pode ser uma dificuldade em um contexto, pode não ser em outro.

A etapa do ciclo vital (Carter & McGoldrick, 1995) que as famílias desta pesquisa se encontram é a de “famílias com filhos pequenos”, a qual também pode ser discutida com base no elemento contexto, pois esta corresponde às expectativas e tarefas desenvolvimentais que as famílias “deveriam” atingir. Na etapa do ciclo vital de famílias com filhos pequenos, os adultos precisam cuidar da criança e fazer inúmeros novos ajustes em seu relacionamento, como a forma de divisão das responsabilidades, cuidados da criança e redistribuição de tarefas domésticas (Carter & McGoldrick, 1995). Esse estágio corresponde à fase de aquisição proposta por Cerveny e Berthoud (2009), pois nele há a aquisição da parentalidade e objetivos comuns.

Como as crianças necessitam de um maior envolvimento por parte dos pais e das mães (Carter & McGoldrick, 1995), é esperado encontrar um maior envolvimento destes nessa etapa do ciclo vital. Reforça-se que a mesma família pode estar em diferentes etapas do ciclo vital ao mesmo tempo, mas aqui, tem-se como o foco, esta etapa com suas considerações.

O último elemento do modelo PPCT é o *tempo*, sobre o qual Bronfenbrenner (1994) desenvolveu o conceito de *cronossistema*. O

cronossistema examina as influências do tempo no desenvolvimento da pessoa e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo no ambiente (Bronfenbrenner, 1994; Prati et al., 2005). Ele é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo se caracteriza pela ocorrência de uma atividade específica ou interação (como a interação do pai com a criança num momento específico). O mesotempo são as atividades e interações que ocorrem com certa periodicidade no ambiente da pessoa em desenvolvimento (como a relação de ativação pai-criança). O macrotempo se refere às mudanças na sociedade através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida (como o momento sócio-histórico em que vivemos no qual se espera um maior envolvimento paterno) (Tudge et al., 2009).

Considerando o exposto, os comportamentos da criança podem ser entendidos por meio do modelo PPCT proposto pela TBDH. A relação de ativação pai-criança e a abertura ao mundo realizada pelo pai podem ser vistas como “processo proximal” (interações face-a-face), as características da criança são consideradas no elemento “pessoa”, o funcionamento familiar pode ser considerado o “contexto”, e estes elementos acontecem em um determinado “tempo”, ou seja, em um determinado período sócio-histórico, em que se contata um maior envolvimento paterno.

1.5 MAPA CONCEITUAL DA TESE

Para melhor compreensão dos fenômenos, dimensões e padrões investigados na tese, elaborou-se a Tabela 2. Nela se evidenciam os elementos (ou palavras) “chave” que definem os fenômenos investigados na tese, as dimensões de cada um desses elementos, as quais foram exploradas no estudo 1, e os padrões proporcionados por meio de cada fenômeno, os quais foram explorados no estudo 2.

No presente estudo consideraram-se as variáveis funcionamento familiar e relação de ativação (e função de abertura ao mundo) como variáveis independentes, as quais repercutem no comportamento da criança, que foi considerada a variável dependente (ou seja, a variável de desfecho). Isto é explicitado no mapa conceitual da tese, o qual está dividido em duas figuras: a *Figura 4* e *Figura 5*.

A *Figura 4* sintetiza as dimensões do funcionamento familiar (analisadas nesta tese), da função de abertura ao mundo e do comportamento da criança, os quais correspondem ao estudo 1. Com relação à função de abertura ao mundo, evidenciam-se que a Estimulação é explorada nesta tese pelas dimensões de Estímulo a assumir risco e Estímulo à perseverança, enquanto a Disciplina é explorada pela dimensão Punição. Com relação ao funcionamento familiar, são três dimensões referentes à Flexibilidade e três referentes à Coesão. Por fim, os comportamentos da criança são explorados por meio de cinco dimensões, sendo quatro delas referentes à dificuldades/problemas no comportamento da criança. Já a *Figura 5* apresenta os padrões de funcionamento familiar, da relação de ativação e dos comportamentos da criança, os quais correspondem ao estudo 2 da tese.

Tabela 2

Síntese dos fenômenos, elementos “chave” que os definem, suas dimensões e seus padrões

Fenômeno	Elementos “chave”	Dimensões	Padrões
Relação de Ativação / Função de Abertura ao Mundo	Estimulação	- Estímulo a assumir risco - Estímulo à perseverança	- Subativada - Ativada - Superativada
	Disciplina	- Punição	
Funcionamento Familiar	Flexibilidade	- Flexibilidade caótica - Flexibilidade equilibrada - Flexibilidade rígida	- Funcionamento Equilibrado - Funcionamento Rigidamente Coeso - Funcionamento Mediano - Funcionamento Flexibilidade Instável
	Coesão	- Coesão emaranhada - Coesão equilibrada - Coesão desengajada	- Funcionamento Desordenadamente Frouxo - Funcionamento Desequilibrado
Comportamento da criança	Capacidades	- Comportamento Pró-Social	<i>(Cada dimensão do comportamento da criança pode indicar um dos referidos padrões)</i> - Não-clínico - Pode refletir problemas clínicos - Risco de problemas clínicos significativos
	Dificuldades	- Sintomas Emocionais - Problemas de Conduta - Hiperatividade - Problemas de Relacionamento com colegas	

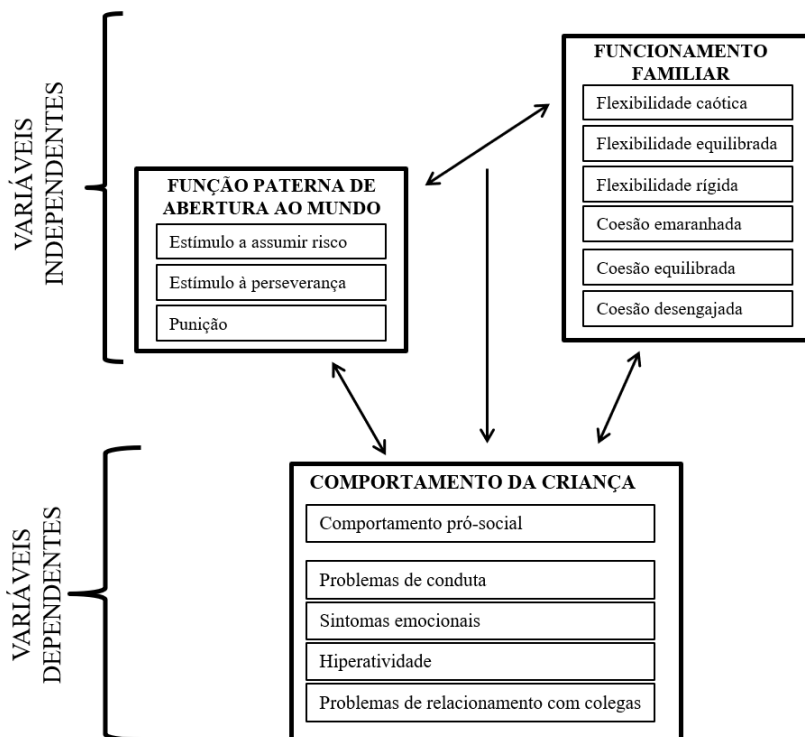


Figura 4. Mapa conceitual, considerando-se as dimensões exploradas em cada fenômeno da tese.

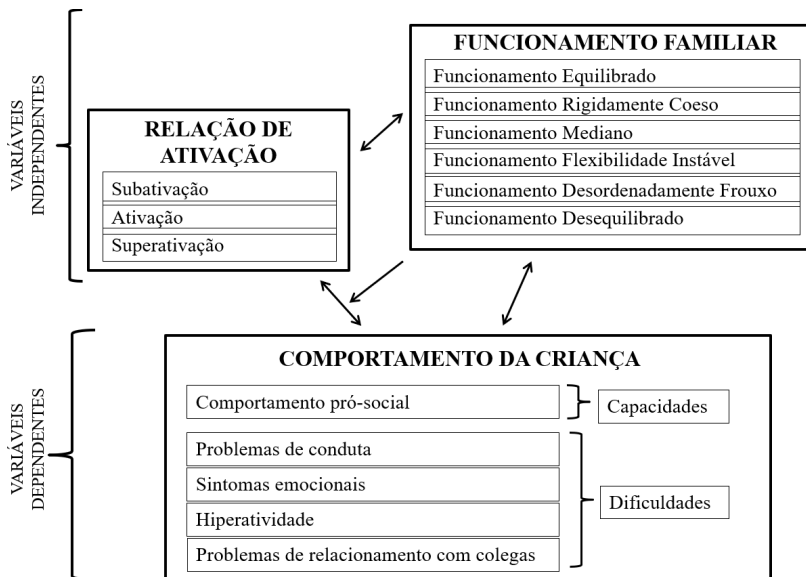


Figura 5. Mapa conceitual, considerando-se os padrões explorados em cada fenômeno da tese.

1.6 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura no dia 28 de abril de 2015, utilizando-se os seguintes descritores “*father-child activation relationship*” AND “*family functioning*” AND “*preschool*”¹⁰. Os termos utilizados estão na língua inglesa visto que a maioria das obras sobre o assunto “relação de ativação pai-criança” são publicados nesta língua, e porque, nas publicações brasileiras, submete-se as palavras-chave também em inglês. Esses descritores não estão presentes na lista de descritores em Psicologia e Ciências da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS). Contudo, optou-se por mantê-los nas buscas, pois a maioria das obras os utiliza como palavras-chave, e almeja-se que estes termos sejam incluídos futuramente como descritores.

Nesta revisão, buscou-se obras a partir do ano de 2000, pois como a Teoria da Relação de Ativação passou a ser divulgada a partir do referido ano, estabeleceu-se essa restrição de data na busca. Assim,

¹⁰ Esses descritores podem ser traduzidos para a língua portuguesa como: “relação de ativação pai-criança” E “funcionamento familiar” E “pré-escolar”.

procurou-se obras publicadas entre 2000 e 2015. Essa busca foi realizada em 33 bases de dados acessadas por meio dos portais BVS e CAPES: SciELO; PePSIC; LILACS; Academic Search Premier-ASP (EBSCO); Annual Reviews; Applied Social Sciences Index and Abstracts-ASSIA (ProQuest); Britannica Academic Edition; Cambridge Journals Online; EconLit (Ovid); Eighteenth Century Online-ECCO (Gale); Gale-Academic OneFile; Highwire Press; Journals@Ovid Full Text (Ovid); JSTOR Arts & Sciences I Collection/Humanities; Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text (EBSCO); MEDLINE Complete (EBSCO); OECD eLibrary; Oxford Journals (Oxford University Press); PNAS - Proceedings of the National Academy of Sciences; PsycArticles (APA); PsycINFO (APA); SAGE Journals Online; Science (AAAS); ScienceDirect (Elsevier); SCOPUS (Elsevier); Social Services Abstracts (ProQuest); SocINDEX with Full Text (EBSCO); Sociological Abstracts (ProQuest); SPORTDiscus with Full Text (EBSCO); SpringerLink; Web of Science - Coleção Principal; Thomson Reuters Scientific; Wiley Online Library.

Durante as buscas, manteve-se o Virtual Private Network (VPN)¹¹ ligado, para facilitar que mais obras fossem encontradas, e preferencialmente, na íntegra. Por ser uma temática muito específica, e ter-se utilizado os descritores que correspondem aos fenômenos de estudo, deixou-se o critério de inclusão como sendo obras que se referem às relações familiares, relação pai-criança e/ou comportamento da criança. Foram critérios de exclusão: obras que não permitiam acesso online ao texto completo (ou o acesso era pago); e estudos teóricos e de revisão.

Como resultados encontrou-se 120 obras. Dessas, 20 atingiam o critério de inclusão. Porém, seis não permitiam acesso online ao texto completo (ou o acesso era pago) e oito se referiam a estudos teóricos. Portanto, restaram seis obras para a análise.

As obras que foram excluídas da análise por não contemplarem os critérios de inclusão se referem à outras temáticas como: depressão materna; suicídio e autoestima; neurociência; adolescentes com Síndrome de Down; modelos terapêuticos; orientações de apego e significado na

¹¹ O “Virtual Private Network” ou “Rede Virtual Privada” permite o tráfego de dados de forma segura e também permite o acesso a uma rede interna de uma instituição, mesmo não estando na mesma. Ou seja, arquivos que são acessados na íntegra apenas na Universidade (pelo fato da mesma comprar o acesso ou realizar parcerias), podem ser acessados onde quer que a pessoa esteja com o uso do VPN.

vida; resiliência em adolescentes e abuso de substâncias; estimulação visual em crianças com anemia; primatas; esquizofrênicos; luto, apego e autonomia em adolescentes; apego adulto; pobreza e desempenho escolar em pré-escolares; depressão; criminologia; agressão em casais heteroafetivos; separação dos pais; entre outros.

Já as obras excluídas por não estarem disponíveis na íntegra gratuitamente pela internet se referiam às seguintes temáticas: relação entre estresse dos pais, apoio social e interação pai-criança; interações familiares (famílias com crianças com asma) e apego com base no modelo bio-comportamental; apego mãe-criança (e apego pai-criança); influência de pai e de mãe na depressão do(a) filho(a); implicações da maternidade e paternidade no desenvolvimento da criança; e desenvolvimento e cognição da criança.

Por fim, os estudos excluídos por serem teóricos se referiam às seguintes temáticas: influência da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança; modelo teórico de envolvimento paterno; apego pai-criança durante a infância; modelo de *maternal gatekeeping* (mediação da mãe na relação do pai com a criança); programas de apoio psicossocial à famílias para reduzir problemas de comportamento nas crianças; procedimentos observacionais sobre apego; estudos sobre paternidade; e discussão de pesquisas sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

As pesquisas empíricas selecionadas nessa revisão que tinham como foco pelo menos um dos fenômenos da tese foram publicados por meio de artigos científicos. A seguir, descreve-se brevemente cada um dos referidos estudos, com a finalidade de apresentar o que se tem produzido sobre o assunto, considerando-se o que foi encontrado na busca dessa revisão sistemática de literatura.

Estudo 1) No estudo realizado no Canadá por Gaumon e Paquette (2013), objetivou-se relacionar a relação de ativação pai-criança com os problemas internalizantes (como depressão, ansiedade e isolamento). Participaram da pesquisa 51 díades pai-criança pré-escolar. Os pais responderam aos seguintes questionários: Sociodemográfico; comportamentos da criança; temperamento da criança; e práticas parentais. A díade também participou da Situação de Risco, que foi adaptada para crianças pré-escolares (de dois a cinco anos e meio) (Gaumon & Paquette, 2013).

Como resultados, constatou-se que as crianças subativadas tem significativamente mais problemas de internalização (apenas no que se

refere à ansiedade) que as crianças ativadas, mesmo quando variáveis como sexo, temperamento, comportamento do pai e número de horas que o pai trabalha por semana são controlados. Segundo os autores, as crianças costumam se tornar subativadas quando são menos encorajadas a assumir riscos e a explorar o ambiente e quando são superprotegidas pelo excesso de controle quando há um perigo potencial. Nesse estudo, constatou-se que quanto mais positivamente ativada é a criança na sua relação com o pai, menos problemas de internalização ela apresenta (Gaumon & Paquette, 2013).

Estudo 2) No estudo longitudinal de Paquette e Dumont (2013a), realizado no Canadá, objetivou-se verificar se existe uma correlação positiva entre a relação de ativação pai-criança e a brincadeira turbulenta. Neste estudo, também hipotetizou-se que o apego do pai com a criança não estaria associado à brincadeira turbulenta. Realizaram-se as observações da Situação Estranha e da Situação de Risco com 58 díades com crianças de 12 a 18 meses, e depois, retomou-se o contato com as famílias quando as crianças estavam com 3 anos de idade para os pais (homens) preencherem um questionário sobre a brincadeira turbulenta.

Como resultados, constatou-se que os meninos são significativamente mais ativados que as meninas, mas não há diferença nos escores de apego atribuídas ao sexo da criança. Nesse sentido, evidenciou-se que os pais brincam mais de brincadeira turbulenta com os meninos que com as meninas. Também se constatou uma correlação positiva entre os escores de ativação com a frequência da brincadeira turbulenta apenas nos meninos, e ao realizarem uma análise de regressão, constatou-se que o escore de ativação prediz a frequência da brincadeira turbulenta em meninos. Porém, constatou-se que não há diferença significativa entre a frequência da brincadeira turbulenta e os tipos de ativação das crianças. Por fim, o estudo constatou que a brincadeira turbulenta está associada apenas à relação de ativação e não ao apego.

Estudo 3) O estudo longitudinal de Stevenson e Crnic (2013) sobre a relação de ativação, foi desenvolvido nos Estados Unidos com 127 díades pai-criança. As observações das interações pai-criança foram realizadas na casa da família, quando a criança tinha quatro anos e cinco anos de idade. Foram 60 minutos de observação, na qual os pais eram orientados a agirem como normalmente fazem. Essa observação foi codificada para analisar a relação de ativação, por meio de dimensões de paternidade, estabelecidas no presente estudo como sendo: oportunidade

para interação (interagir quando possível), intrusividade (o quanto o pai permite à criança decidir o que fazer ou ele impõe), indisponibilidade (estar junto, mas sem interagir, ser imparcial ao filho), estimulação cognitiva, estimulação para sociabilidade da criança e controle do pai sobre a criança (como punição). Verificou-se nessa observação, a sociabilidade da criança.

Também realizaram-se observações em laboratório com a díade mãe-criança para analisar os comportamentos da criança, por meio de duas tarefas: 1) a de “resolução” de um problema, na qual a criança deveria corresponder, em dois minutos, blocos de cores vermelho e branco à figuras de cartões. A mãe era orientada a ajudar apenas se a criança precisasse. Codificava-se se a criança ficava chateada por não conseguir, entre outros comportamentos; 2) a outra tarefa era de “esperar”, ou seja, a criança ficava sozinha por três minutos em uma sala com um brinquedo muito atrativo, e era orientado que ela somente deveria pegar o brinquedo quando o pesquisador retornasse. A codificação se referia a se a criança pegou o brinquedo antes, quantas vezes pegou e o que fez com o brinquedo (o que indica que ela quebrou as regras) (Stevenson & Crnic, 2013).

Resultados significativos indicaram que a ativação do pai está associada à baixa desregulação da criança durante o momento da tarefa de resolução (a desregulação era entendida como frustração, tristeza, entre outros), alta desregulação na tarefa de espera (possivelmente por serem muito estimuladas), e alta sociabilidade em casa. Além disso, o comportamento de ativação do pai e seu nível educacional estão positivamente correlacionados, em que, quanto maior a escolaridade, mais o pai apresenta comportamento de ativação. O estudo de Stevenson e Crnic (2013) sugere que a relação de ativação pai-criança pode ser avaliada no cotidiano da família, contudo, o que é analisado são as características do pai que correspondem à ativação, não podendo caracterizar a relação como sendo ativada, subativada ou superativada.

Estudo 4) No estudo de Bureau et al. (2014), objetivou-se associar apego e qualidade de interação (entendida no estudo como a “sintonia” na interação) em díades pai-criança e mãe-criança em um contexto lúdico. Participaram da pesquisa 107 famílias canadenses biparentais com crianças pré-escolares. O estudo entende como “sintonia” as interações que são ao mesmo tempo, recíprocas e mútuas.

As díades foram observadas (em dias diferentes) em interação lúdica na qual os pais/mães deveriam utilizar brinquedos para fazer seus

filhos rirem. Esse procedimento da “tarefa do riso”, com duração de dois minutos, mesmo que simples, é uma forma de acessar a relação pai/mãe-criança. Também realizaram-se algumas etapas do Procedimento da Situação Estranha adaptado para crianças pré-escolares para investigar o apego da criança com os pais e mães. Esse procedimento tem cinco etapas, cada uma com duração de cinco minutos: 1) Familiarização da diáde na sala, ou seja, momento de brincadeira-livre; 2) Pai/mãe sai da sala e a criança fica sozinha; 3) Pai/mãe volta para a sala; 4) Pai/mãe sai da sala; 5) Pai/mãe retorna à sala. Nesse procedimento adaptado, a criança permanece sozinha nos dois momentos, e os pais não recebem instruções do que fazer. Após a observação, eles respondem ao questionário sociodemográfico (Bureau et al., 2014).

Mesmo que no estudo tenham utilizado a Teoria da Relação de Ativação, os autores optaram por não realizar a Situação de Risco, pelo fato do procedimento não estar (na época) validado para crianças pré-escolares e por considerarem esse procedimento “invasivo”. Além disso, o foco era investigar a relação do pai com a criança em contexto lúdico (Bureau et al., 2014).

Os resultados demonstraram que mães e pais são semelhantes em seu esforço para despertar e envolver seus filhos em um contexto lúdico, mas as mães atingem maior sincronia com seu filho. Apego desorganizado com a mãe ou o pai foi relacionada com a falta de sincronia na interação diádica. Esses resultados sugerem que, apesar das diferenças de gênero nos comportamentos lúdicos parentais, a sincronia da diáde é igualmente importante para o desenvolvimento de laços sociais e afetivos. Ressalta-se que esse estudo se embasa na Teoria da Relação de Ativação, a qual sugere uma complementariedade de papéis em famílias biparentais, nas quais geralmente o pai realiza mais abertura ao mundo para a criança (Bureau et al., 2014).

Além disso, para fazerem seus filhos rirem, os pais realizaram mais brincadeiras físicas e intrusivas que as mães, como surpreender a criança como se fosse um “assalto”. Por sua vez, as crianças demonstram, mais com seus pais do que com suas mães, surpresa, desconforto momentâneo seguido de alegria e animação (Bureau et al., 2014). Assim, como o estudo se fundamentou na Teoria do Apego e na Teoria da Relação de Ativação, uma das limitações do estudo foi o mesmo não ter realizado o procedimento denominado de Situação de Risco.

Estudo 5) O estudo de Duchesne e Ratelle (2014) trata-se de uma pesquisa longitudinal realizada no Canadá para investigar as relações

entre as percepções de apego seguro dos adolescentes em seus relacionamentos com seus pais e mães e trajetórias de desenvolvimento no que se refere à sintomas depressivos. Para este estudo, participaram 414 adolescentes por meio de respostas à escalas, os quais foram acompanhados anualmente a partir de 11 anos (final do ensino fundamental) até seus 16 anos de idade (final do ensino médio). Esses adolescentes viviam com seus pais biológicos, os quais consentiram com a participação do(a) filho(a) na pesquisa.

Esses adolescentes responderam a escalas sobre sintomas depressivos, apego ao pai e à mãe, ansiedade, e competência acadêmica. Com exceção do questionário sobre sintomas depressivos que era respondido anualmente pelos participantes, os demais questionários foram respondidos quando o participante estava com 11 anos de idade. Constataram-se diferentes trajetórias de sintomas depressivos ao longo do tempo. Adolescentes com apego seguro com as mães (e não com os pais), tem menos chances de pertencer ao grupo que tem sintomas depressivos moderados estável (não muda com o tempo) ou moderado que aumenta (ou seja, cuja depressão se intensifica com o tempo). O fato de a mãe ter o papel central possivelmente resulta de seu maior envolvimento com os filhos. Ou seja, apenas o apego seguro com a mãe é que prediz um risco baixo de que os sintomas depressivos piorem após os 12 anos de idade. Desse modo, o apego seguro se mostrou um fator de proteção contra depressão durante a adolescência (Duchesne & Ratelle, 2014).

Como se constata nesse estudo, o foco foi o apego, mais característico da relação da mãe com a criança. Embora os autores tenham discutido sobre a relação de ativação do pai com a criança em sua fundamentação teórica, esta não foi investigada, e, portanto, talvez seja por isso que os resultados com relação ao pai não tenham sido significativos, uma vez que a vinculação do pai com a criança costuma ser melhor acessada por meio da relação de ativação pai-criança.

Estudo 6) O estudo desenvolvido por Newland, Chen e Coyl-Shepherd (2013) objetivou relacionar as crenças e percepções dos pais sobre educação, o envolvimento paterno, o apego pai-criança e ao desempenho escolar da criança. Participaram do estudo 274 díades pai/figura paterna-criança, 174 dos Estados Unidos e 100 de Taiwan. Pais, mães e crianças (estas entre oito e 11 anos) responderam à questionários (em inglês e mandarim para abarcar as duas amostras), mas as respostas das mães foram utilizadas como variáveis de controle. Logo, as análises

com as duas amostras foram realizadas com as respostas da díade pai-criança (Newland et al., 2013).

Os padrões de associações entre os fenômenos de estudo foram semelhantes nas duas amostras. Ou seja, o desempenho escolar das crianças está relacionado: às crenças, percepções e envolvimento do pai; ao apego das crianças aos pais e mães; à qualidade do relacionamento pai-professor, às crenças dos pais sobre os professores; à motivação do pai para o envolvimento e participação nas escolas; e ao envolvimento da mãe. Algumas diferenças entre as amostras são constatadas, como por exemplo, o envolvimento paterno está mais associado com a motivação para proximidade na amostra dos Estados Unidos, mas mais associada com a motivação para responsabilidade na amostra de Taiwan (Newland et al., 2013). Embora esse estudo tenha mencionado a Teoria da Relação de Ativação, não utilizou da mesma para a discussão de seus resultados. Trata-se de um estudo amplo, com diversas variáveis, que não aprofundou no artigo algum aspecto em específico.

Esses estudos apresentados utilizaram a Teoria da Relação de Ativação para fundamentar sua pesquisa, ou apenas para discutir a relação do pai com a criança (sem ser o foco do estudo ou a base teórica), o que demonstra que é uma teoria que vem ganhando espaço e se mostra útil para discutir o apego/vínculo, o envolvimento e a relação do pai com a criança. Como trata-se de uma teoria relativamente recente, há diversos aspectos a serem explorados (como investigar o funcionamento familiar, a coparentalidade, a relação de ativação do pai e da mãe com a criança na mesma família, entre outros), e mais estudos precisam ser desenvolvidos (inclusive, embasando-se em outras epistemologias, como a perspectiva sistêmica). Além disso, constata-se que nenhuma dessas obras relacionou a relação de ativação pai-criança, o funcionamento familiar e os comportamentos da criança, logo, trata-se de um importante escopo de estudos ainda não investigado.

Esses resultados vão ao encontro de uma revisão bibliográfica¹² realizada para um seminário sobre a Teoria da Relação de Ativação, na disciplina do PPGP intitulada “Teorias e métodos de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento”, na qual buscou-se estabelecer um panorama geral de estudos sobre a relação pai-criança, com enfoque na

¹² Essa revisão, realizada por Rovana Kinas Bueno com auxílio da doutoranda Carolina Duarte de Souza, não será descrita em detalhes por não ser objetivo do presente capítulo da tese, e por se referir apenas à relação de ativação. Contudo, seus resultados indicam a importância de maiores investigações sobre a temática.

relação de ativação. Essa revisão contemplou 34 bases de dados utilizando-se cinco descritores combinados entre si¹³. A busca foi realizada entre julho e outubro de 2014. Dentre as 1.129 obras resgatadas, 43 constituíram o corpus de análise. Constatou-se que a maioria dessas obras eram artigos produzidos na América do Norte, publicados em inglês.

Como temáticas dessa revisão realizada na disciplina, sobressaiu-se a relação pai-criança (e demais relações familiares) e desenvolvimento infantil. Verificou-se uma intensificação de publicação nos últimos anos, sendo a maioria estudos empíricos, transversais e quantitativos. Predominaram as díades pai-criança e mãe-criança como participantes dos estudos. Mais da metade das obras utilizou a observação como forma de acessar o fenômeno em estudo, e quase metade utilizou mais de um instrumento e/ou técnica para coletar os dados. Assim, compreendendo o fenômeno da relação de ativação pai-criança como multidimensional, constatou-se que se faz importante a utilização de diversas estratégias e recursos para acessar a complexidade do mesmo, destacando-se, dentre as técnicas, a observação.

Por fim, considerando o exposto, constatou-se a necessidade de maiores investigações englobando os três fenômenos da presente tese, utilizando diferentes estratégias para acessar os dados. Conforme já mencionado, isto foi contemplado nesta tese por meio de um estudo quantitativo e um estudo experimental.

1.7 HIPÓTESES

No que diz respeito ao estudo 1 e seus respectivos objetivos, propôs-se as hipóteses apresentadas na Tabela 3. Conforme se apresenta, elaboraram-se apenas hipóteses de associação. Além disso, tanto a função de abertura o mundo quanto o funcionamento familiar, quando mencionados nas hipóteses, é no sentido da “qualidade” da função de abertura ao mundo ou do funcionamento familiar.

¹³ Foi utilizada a seguinte combinação de descritores: *"father involvement" and "activation relationship"*; *"fatherhood" and "activation relationship"*; *"paternity" and "activation relationship"*; *"father" and "activation relationship"*; *"father-child relations" and "activation relationship"* e suas respectivas versões em espanhol.

O estudo 2, por ser experimental com um cunho mais exploratório, não apresentou hipóteses, mas partiu do pressuposto que o funcionamento familiar, a relação de ativação e os comportamentos da criança estão relacionados.

Tabela 3

Correspondência entre os objetivos e as hipóteses do Estudo 1

Objetivos	Hipóteses
a) Verificar relações entre função de abertura ao mundo e comportamento da criança.	H1 - Há uma associação positiva entre “função de abertura ao mundo” e “capacidades da criança”. H2 - Há uma associação negativa entre “função de abertura ao mundo” e “dificuldades da criança”.
b) Verificar relações entre funcionamento familiar e comportamento da criança.	H3 - Há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “capacidades da criança”. H4 - Há uma associação negativa entre “funcionamento familiar” e “dificuldades da criança”.
c) Verificar relações entre funcionamento familiar e função de abertura ao mundo.	H5 - Há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “função de abertura ao mundo”.
d) Verificar o efeito mediador e moderador do funcionamento familiar na relação entre a função de abertura ao mundo e o comportamento da criança.	H6 - O “funcionamento familiar” influencia na relação entre a “função de abertura ao mundo” e o “comportamento da criança”.

1.7.1 Base teórica que sustenta as hipóteses

Entende-se que, como a coesão se refere à proximidade emocional entre os membros da família (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011), é possível que o pai se envolva (em termos de estímulo e disciplina) mais com os filhos se essa coesão for equilibrada, já que esta indica proximidade emocional em níveis adequados, o que repercute em uma maior ativação nessas crianças. Porém, quando a coesão é emaranhada, é

possível que alguns pais evitem estimular a criança a assumir risco devido ao excesso de apego (relacionado a uma superproteção), tornando a criança subativada. Com relação à coesão desengajada, como a mesma diz respeito a um baixo grau de coesão, e, portanto, de proximidade, é possível que o pai não seja muito envolvido (e a criança pode se apresentar subativada). Contudo, muitas vezes a criança acaba correndo mais risco por falta de limites e da supervisão do pai, explorando mais e de forma inadequada o ambiente, o que pode tornar a criança mais superativada.

Conforme já mencionado, a flexibilidade se refere à liderança e organização, papéis, regras de relacionamento e negociações (Olson & Gorall, 2006). É possível que em famílias com flexibilidade predominantemente equilibrada o pai apresente elevados índices de estímulo e disciplina para com a criança, pois ele permite flexibilidade na organização, regras e negociações, por exemplo, por meio de estimulação à criança, mas mantém a hierarquia e os papéis, de modo a estabelecer limites para a criança quando necessário.

Assim, em famílias com uma coesão e flexibilidade equilibradas (Olson & Gorall, 2006), é possível que o pai e a criança apresentem uma proximidade emocional que permite que a criança se sinta segura para explorar o ambiente, mas a criança também obedeça ao seu pai, o que caracteriza uma relação de ativação (Paquette & Bigras, 2010). Além disso, nesse tipo de relação, as crianças tendem a ser mais pró-sociais, pois apresentam adequada autonomia e sentimento de confiança e segurança (Dumont & Paquette, 2012).

Ou seja, crianças ativadas (elevada estimulação e disciplina) apresentam Comportamento pró-social elevado e baixos escores em dificuldades (como Sintomas emocionais, Problemas de conduta, Problemas de relacionamento com colegas e Hiperatividade). Já as crianças subativadas (baixa estimulação e elevada disciplina ou baixas estimulação e disciplina) costumam apresentar mais Sintomas emocionais (como ansiedade e depressão). Por fim, as crianças superativadas (elevada estimulação e baixa disciplina) costumam apresentar mais Problemas de conduta, Hiperatividade, e Problemas de relacionamento com colegas (Dumont & Paquette, 2012).

Nesse sentido, elevados escores de Estímulo a assumir risco, Estímulo à perseverança e Disciplina (medida pelo QOM por meio da dimensão Punição), que caracterizam uma criança ativada, podem ser relacionados com Coesão e Flexibilidade equilibrados na família e, conseqüentemente, com o Comportamento pró-social da criança

(capacidades). Da mesma forma, variações nos escores de flexibilidade e coesão (sendo elevados os escores desequilibrados), possivelmente repercutirão tanto na relação de ativação quanto no aparecimento de escores mais elevados em dificuldades da criança e menos elevados nas capacidades. Portanto, faz-se necessário considerar o contexto em que a relação (de ativação) pai-criança está inserida, ou seja, o contexto de relações familiares (funcionamento familiar), para poder compreender os comportamentos da criança.

1.8 PREDIÇÕES

Com base nas hipóteses elencadas, elaboraram-se predições conforme a Tabela 4. Considera-se a predição como uma tentativa de responder à hipótese, que auxilia na determinação do método de análise a ser realizado.

Tabela 4

Correspondência entre as hipóteses e as predições

Hipóteses	Predições
H1 - Há uma associação positiva entre “função de abertura ao mundo” e “capacidades da criança”.	P1 – Haverá uma correlação positiva e significativa entre as dimensões do QOM e a dimensão “Comportamento pró-social” do SDQ.
H2 - Há uma associação negativa entre “função de abertura ao mundo” e “dificuldades da criança”.	P2 - Haverá uma correlação negativa e significativa entre dimensões do QOM e as dimensões “Sintomas emocionais”, “Problemas de conduta”, “Problema de relacionamento com colegas” e “Hiperatividade” do SDQ.
H3 - Há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “capacidades da criança”.	P3 - Haverá uma correlação positiva e significativa entre as dimensões “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV e a dimensão “Comportamento pró-social” do SDQ.
H4 - Há uma associação negativa entre “funcionamento familiar” e “dificuldades da criança”.	P4 - Haverá uma correlação negativa e significativa entre as dimensões “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV e as dimensões “Sintomas emocionais”, “Problemas de conduta”, “Problema de relacionamento com colegas” e “Hiperatividade” do SDQ.
H5 - Há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “função de abertura ao mundo”.	P5 - Haverá uma correlação positiva e significativa entre as dimensões “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV e as dimensões do QOM.
H6 – O “funcionamento familiar” influencia na relação entre a “função de abertura ao mundo” e o “comportamento da criança”.	P6 – A “Coesão equilibrada” e a “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV possuirão efeito mediador e, quando em interação com as dimensões do QOM, possuirão um efeito moderador, ambos positivos e significativos na relação entre as dimensões do QOM e as dimensões do SDQ.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa faz parte do projeto “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”, o qual é continuação do projeto “Relações entre envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar, coparentalidade e comportamento da criança pré-escolar”, que resultou da ampliação do projeto “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Esse projeto é coordenado pelo professor Dr. Mauro Luís Vieira com participação das professoras: Dra. Maria Aparecida Crepaldi; Dra. Ana Maria Xavier Faraco; e Dra. Elisângela Böing. Trata-se de um projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolvido pelo NEPeDI, em parceria com o LABSFAC, ambos laboratórios da área de Saúde e Desenvolvimento Psicológico do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Neste subcapítulo, apresentam-se de forma breve algumas considerações metodológicas e de organização dos estudos que compõem esta tese. Essa organização de estudos em formato de artigo baseia-se no modelo opcional de formato para entregar a tese proposto pelo PPGP da UFSC. Conforme já explicitado na introdução, realizaram-se dois estudos - um quantitativo e um experimental -, os quais estão inseridos no projeto anteriormente referido.

Nesse sentido, por compreender o fenômeno de estudo como sendo multidimensional, adota-se o método misto, que visa compreender especificidades do fenômeno, mas também permite efetuar sobre o mesmo o estabelecimento de inferências (Creswell, 2010). Uma das justificativas para a escolha de um delineamento misto é porque, segundo uma revisão sistemática de artigos empíricos em revistas brasileiras sobre paternidade, a maioria dos artigos empíricos publicados (50 de 59) são qualitativos (Vieira et al., 2014). Nesse sentido, se faz necessário uma maior produção de artigos empíricos sobre a paternidade, o envolvimento paterno e relação pai-criança que façam uso do método quantitativo. E além disso, como a relação de ativação pai-criança trata-se de um assunto ainda pouco explorado, em especial no contexto brasileiro, o estudo experimental acaba por preencher esta outra lacuna. Logo, devido à

complexidade dos fenômenos, a abordagem mista mostrou-se a mais adequada para cumprir aos objetivos propostos. Além disso, por não buscar os efeitos do tempo sobre o fenômeno, trata-se de uma pesquisa do tipo transversal (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006).

2.2 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 171 famílias biparentais heteroafetivas (ou seja, 171 pais/padrastos e 171 mães¹⁴, e dessas famílias, 12 díades pai-criança também participaram das observações conforme será melhor descrito ao longo do método). Foram critérios de inclusão: a) ter pelo menos um filho(a) com idade entre quatro e seis anos; b) a gravidez da criança focal de quatro a seis anos aconteceu após o casal ter 18 anos; c) o casal coabita há pelo menos 6 meses. O número de 171 famílias participantes permitiu realizar as análises estatísticas desejadas. A escolha por famílias biparentais heteroafetivas se justifica por ser a configuração familiar que corresponde a 42,3% (casais com filhos) das configurações familiares em nosso país no ano de 2015, segundo o IBGE (2016).

A escolha pela idade da criança se justifica pelo fato de que crianças após os três anos de idade, embora ainda dependentes e cuidados de um adulto, estão mais abertas para novos relacionamentos e menos dependentes da mãe, o que possibilita ao pai maior espaço para aproximação e interação (Lamb et al., 1985). Além disso, o ápice da brincadeira turbulenta acontece aos quatro anos da criança (Paquette & Dumont, 2013a), e, como a maioria dos estudos sobre a relação de ativação foi realizada com bebês, é necessário que se realizem mais estudos sobre o assunto com crianças pré-escolares. Outra justificativa é que os questionários utilizados para investigar a temática são destinados para pais/mães de crianças acima de quatro anos, mas a observação é elaborada para crianças com até cinco anos. Assim, ressalta-se que na amostra de 171 famílias, as crianças tinham entre quatro e seis anos de idade, mas as 12 famílias que participaram da observação tinham crianças de quatro ou cinco anos, pois o procedimento observacional foi desenvolvido com crianças pré-escolares (ou seja, que no Canadá corresponde à idade de até cinco anos).

¹⁴ Menciona-se apenas “mães” porque não se evidenciou madrastas na amostra da pesquisa.

Foi estabelecido o critério da idade mínima de 18 anos para os pais, à época do nascimento da criança, porque é a partir dessa idade que o indivíduo é considerado legalmente responsável por suas ações, e, além disso, a gravidez na adolescência apresenta especificidades que não são o foco do presente estudo. O tempo mínimo de coabitação foi eleito para que as relações familiares estivessem melhor estabelecidas.

Os participantes da pesquisa que residiam em Florianópolis, ao serem convidados para responder aos questionários, foram também convidados para participar da observação. Objetivou-se conseguir pelo menos seis observações de díades pai-menino e seis de díades pai-menina, pois o número de 12 famílias participantes da observação se justifica por se buscar uma maior compreensão e aprofundamento dos resultados (Laville & Dionne, 1999).

Assim, após ter conseguido as 12 famílias, esta amostra para observações não foi ampliada devido à dificuldade em conseguir participantes que pudessem se deslocar até a Universidade onde a observação era realizada. Além disso, para cada evento de observação era necessária a mobilização de uma equipe de, no mínimo, seis pesquisadores para que a observação acontecesse.

A observação da Situação de Risco demorava em torno de 30 minutos para ser realizada, e realizaram-se outras observações para contemplar o projeto maior, portanto, as famílias que participaram da observação deveriam disponibilizar aproximadamente duas horas para participar da pesquisa. Além disso, a preparação da sala para a observação e o envolvimento após a observação para guardar os materiais durava em torno de três horas para os pesquisadores. Questões como o tempo da pesquisa, o horário do local em que se realizavam as observações, o trabalho dos pais e a escola da criança eram apenas algumas das variáveis que dificultavam o aceite das famílias. Mesmo considerando esses aspectos, conseguiu-se (voluntariamente) essas 12 famílias ao longo de um semestre de coleta de dados. As demais famílias que participaram apenas dos questionários foram acessadas em diferentes cidades da região sul do Brasil.

As características sociodemográficas são apresentadas na Tabela 5 e a composição familiar está apresentada na Tabela 6. A média de idade das crianças foi de 61,58 meses (DP = 7,93).

Tabela 5

Caracterização sociodemográfica das 171 famílias participantes

	Mínimo	Máximo	Média (DP)	Teste t
Idade da mãe	23	50	35,17 (5,79)	t(340) = 4,07; p<0,001
Idade do pai/padrasto	19	59	37,94 (6,77)	
Anos de escolaridade da mãe	3	36	16,21 (5,87)	t(340) = -1,42; p>0,05
Anos de escolaridade do pai/padrasto	0	40	15,32 (5,76)	
Horas de trabalho semanal da mãe	0	75	34,47 (14,07)	t(340) = 4,10; p<0,001
Horas de trabalho semanal do pai/padrasto	0	90	40,55 (13,31)	

Na Tabela 6, constata-se que a média de idade do pai foi significativamente maior que a média de idade da mãe. A média de anos de escolaridade da mãe foi maior que a média de anos de escolaridade do pai, mas esta diferença não se mostrou estatisticamente significativa. Por fim, a carga horária de trabalho semanal do pai foi significativamente maior que a da mãe.

Tabela 6

Sexo da criança e Composição familiar das 171 famílias participantes

Sexo da criança e Composição familiar		Frequência	%
Sexo da criança	Masculino	93	54,4%
	Feminino	78	45,6%
Composição familiar	Família nuclear pais biológicos de todos os filhos	139	81,3%
	Família nuclear pais adotivos da criança alvo	1	0,6%
	Família recasada com pais biológicos da criança alvo	15	8,8%
	Família recasada com padrasto da criança alvo	9	5,3%
	Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos	6	3,5%
	Família nuclear pais biológicos da criança alvo e com criança adotada	1	0,6%

Na Tabela 6, com relação ao sexo da criança, verifica-se que a maioria das famílias participantes tinha como criança focal um menino.

Também se verifica ainda que a maioria dos participantes possuem configuração familiar do tipo família nuclear com pais biológicos de todos os filhos.

Tabela 7

Dados sociodemográficos dos participantes do estudo experimental

Família	Nº de pessoas na casa*	Sexo da criança	Idade da criança	Idade do pai	Idade da mãe	Anos de escolaridade do pai	Anos de escolaridade da mãe	Horas de trabalho do pai**	Horas de trabalho da mãe**
1	4	F	4a 7m	39	45	17	17	40	20
2	3	M	4a 7m	38	31	12	17	35	30
3	3	M	5a 5m	42	44	18	19	30	40
4	3	M	5a 1m	31	24	14	11	40	24
5	6	M	5a 2m	35	35	12	18	40	40
6	3	F	5a 2m	28	23	10	8	50	45
7	3	M	5a 1m	32	31	18	26	60	40
8	3	M	4a 8m	38	36	20	23	50	30
9	4	F	5a 5m	49	46	17	16	20	40
10	5	F	5a 8m	39	36	20	20	40	40
11	4	F	5a 7m	41	48	17	17	40	20
12	4	F	4a 11m	47	46	25	36	40	40

Legenda: * Número de pessoas que moram na casa; ** Horas de trabalho semanal

Na Tabela 7 apresentam-se os dados sociodemográficos das 12 famílias participantes do estudo experimental. Na referida tabela constata-se que participaram do estudo experimental seis famílias com meninos e seis famílias com meninas. A média de idade dos pais foi de 38,25 anos (DP=6,19) e a média de idade das mães foi de 37,08 anos (DP=8,73). A média de anos escolaridade dos pais foi de 16,67 anos (DP=4,16), enquanto que a média de anos escolaridade das mães foi 19,00 anos (DP=7,14). Já a média de horas de trabalho semanal do pai foi de 40,42 (DP=10,10), enquanto que da mãe foi de 34,08 horas (DP=8,84).

2.3 INSTRUMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Utilizou-se os seguintes instrumentos/técnica para coleta de dados: Questionário Sociodemográfico (QS); Questionário de Abertura ao Mundo (*Questionnaire d'ouverture au Monde* - QOM); Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales* - FACES-IV); e Questionário de Capacidades e Dificuldades (*Strengths and Difficulties Questionnaire* - SDQ); e Observação da Situação de Risco (*Risk Situation* - RS). A seguir, descreve-se cada um dos instrumentos/técnica.

O QS foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (UFSC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As questões que esse questionário aborda se referem aos dados da família (como idade e escolaridade) e renda familiar (como profissão e horas de trabalho). Esse instrumento foi utilizado para caracterizar sociodemograficamente os participantes da pesquisa e foi um questionário respondido na presente pesquisa pela mãe.

O QOM foi desenvolvido por Paquette, Gagnon e Ramda em colaboração com Gaudron, da Universidade de Toulouse-Le Mirail (Paquette et al., 2009) para investigar a Abertura ao mundo. Contém 27 itens distribuídos em três dimensões: Estímulo à perseverança (itens: 2, 5, 12, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27); Estímulo a assumir risco (itens: 1, 3, 6, 9, 10, 13, 15, 20); e Punição (itens: 4, 7, 8, 11, 18, 25). Utiliza uma escala de frequência de atividades que o pai realiza com crianças pré-escolares, a qual apresenta as seguintes opções: nunca; raramente; às vezes; regularmente; frequentemente; muito frequentemente; e não é possível avaliar. Esse instrumento foi validado no Canadá com uma amostra de 266 pais de crianças de dois a cinco anos. A análise fatorial apontou que a solução com três fatores explicou 42% da variância, e a confiabilidade foi mensurada por meio do *alfa de Cronbach* das três dimensões com valores de 0,63 para Estímulo à perseverança, 0,76 para Punição, e 0,60 para Estímulo a assumir risco (Paquette et al., 2009).

Para ser usado no presente estudo, esse instrumento foi validado (validação de constructo e de conteúdo) no Brasil com uma amostra de pais e mães de 171 crianças, cujo manuscrito encontra-se submetido para publicação. Os valores de *Alfa de Cronbach* e do *Ômega* obtidos para cada dimensão foram, respectivamente, 0,74 e 0,74 para Estímulo à perseverança, 0,74 e 0,73 para Estímulo a assumir risco e 0,69 e 0,74 para

Punição. Por meio da carga fatorial obtida, nove itens foram retirados do instrumento e a distribuição dos itens por dimensão ficou da seguinte maneira: Estímulo à perseverança: 2, 14, 16, 19, 22, 24, 27; Estímulo a assumir risco: 1, 3, 6, 10, 13, 15; e Punição: 7, 8, 11, 18, 25.

A FACES-IV foi utilizada para avaliar o funcionamento familiar. Essa escala acessa as dimensões de coesão e flexibilidade da família por meio de seis escalas: Coesão equilibrada (itens 1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37); Coesão desengajada (itens 3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39); Coesão emaranhada (itens 4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40); Flexibilidade equilibrada (itens 2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38); Flexibilidade rígida (itens 5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41); e Flexibilidade caótica (itens 6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42). Trata-se de uma escala de cinco pontos que varia de discordo totalmente à concordo totalmente. A FACES-IV é o instrumento com maior confiabilidade para avaliar o funcionamento familiar no âmbito internacional, sendo fundamentada no “Modelo Circumplexo” (Olson, 2011). Para ser utilizado no Brasil, o instrumento passou pelos procedimentos de pré-validação, ou seja, tradução, retradução (*backtranslation*), análise de juízes e adaptação semântica da escala, e os índices de *Cronbach* a partir da amostra de 120 pais variaram entre 0,79 a 0,84 (Minetto, 2010).

No presente momento, a FACES-IV encontra-se em processo de validação no Brasil, a qual está sendo realizada por pesquisadores do LABSFAC da UFSC, em parceria com pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) (Boing, 2014). Esse instrumento permite calcular uma Taxa de Coesão, uma Taxa de Flexibilidade e uma Taxa Total Circumplexo (ou de funcionamento familiar), que permitirão identificar os padrões de funcionamento familiar, conforme se constata no manual de correção da FACES-IV, que são: Equilibrado; Rigidamente Coeso; Mediano; Flexibilidade Instável; Desordenadamente Frouxo; e Desequilibrado (Olson, 2011). Para a amostra deste estudo, os valores de *Alfa de Cronbach* e do *Ômega* encontrados em cada dimensão foram de: 0,64 e 0,65 para Coesão equilibrada; 0,64 e 0,64 para Flexibilidade equilibrada; 0,65 e 0,65 para Coesão desengajada; 0,48 e 0,48 para Coesão emaranhada; 0,62 e 0,63 para Flexibilidade rígida; 0,70 e 0,70 para Flexibilidade caótica.

O SDQ foi desenvolvido e validado por Goodman (1997), apresentando um *Alfa de Cronbach* de 0,73. É o instrumento mais utilizado para avaliar as capacidades e dificuldades de crianças e adolescentes dos quatro aos 16 anos (Goodman, Ford, Simmons, Gatward, & Meltzer, 2014; Saur & Loureiro, 2012). Ele é composto por 25 itens, e está dividido em cinco dimensões: Sintomas emocionais (itens

3, 8, 13, 16 e 24); Problemas de conduta (itens 5, 7,12,18 e 22); Hiperatividade (itens 2, 10, 15, 21 e 25); Problemas de relacionamento com colegas (itens 6,11,14,19 e 23); e Comportamento pró-social (itens 1, 4, 9, 17 e 20) (Goodman, 1997; Saur & Loureiro, 2012). Utilizou-se nesse estudo a versão do instrumento para pais. As alternativas de resposta incluem as opções: falso (sendo assinalado “zero” pontos para essa resposta), mais ou menos verdadeiro (um ponto para esse tipo de resposta), e verdadeiro (dois pontos para este tipo de resposta). Apenas uma resposta é aceita por item (Saur & Loureiro, 2012). Portanto, para cada dimensão, a pontuação pode variar de 0 a 10 pontos. A pontuação do escore total de dificuldades é gerado pela soma de todas as dimensões, exceto a de Comportamento pró-social, e pode variar de 0 a 40 pontos (Saur & Loureiro, 2012). Nesse sentido, a dimensão do Comportamento pró-social é a dimensão positiva, enquanto as demais dimensões são as negativas (Woerner et al., 2004).

Esse instrumento foi validado no Brasil no estudo de Woerner et al. (2004), realizado com amostra brasileira (898 pais, crianças e adolescentes de sete a 14 anos - amostra não clínica -, e seus professores e 87 crianças e adolescentes de uma clínica universitária - amostra clínica) em uma cidade do estado de São Paulo. No referido estudo obteve-se um *Alfa de Cronbach*, para as três versões utilizadas, de valores próximos de 0,80 (para o escore total de dificuldades) e para o teste-reteste foi obtida a correlação de 0,79 (Woerner et al., 2004). Sua escala possui como alternativas: (1) falso, (2) mais ou menos verdadeiro, e (3) verdadeiro. Para a amostra desta tese, os valores de *Alfa de Cronbach* e do *Ômega* de cada dimensão foram de: 0,51 e 0,52 para Sintomas Emocionais; 0,59 e 0,60 para Problemas de conduta; 0,74 e 0,74 para Hiperatividade; 0,45 e 0,46 para Problemas de Relacionamento com Colegas; e 0,58 e 0,58 para Comportamento pró-social.

O procedimento observacional da Situação de Risco foi desenvolvido e validado no Canadá por Paquette e Bigras (2010), com pais e com mães de crianças de 12 a 18 meses (Paquette & Dumont, 2013b), e foi adaptado para crianças pré-escolares (Gaumon, 2013). Trata-se de um procedimento estruturado de aproximadamente 20 minutos que avalia a relação de ativação. Este procedimento é dividido em seis etapas de três minutos cada (Paquette & Bigras, 2010), e sugere que a criança apresenta uma ativação diferente com cada um dos pais (Paquette, 2004c). Segundo Dumont (2011) e Dumont e Paquette (2012), a Situação de Risco realizada com pai-criança é melhor preditora de desenvolvimento socioemocional da criança que a Situação Estranha, por

avaliar a qualidade da abertura ao mundo proporcionada pelo pai (Dumont, 2011; Dumont & Paquette, 2012).

Com relação às etapas, na Etapa 1 o pai deve colocar a criança para brincar e deve permanecer sentado na cadeira, lendo uma revista sem interagir com a criança (a não ser que ela necessite); Na Etapa 2 a pessoa estranha (homem do sexo masculino da equipe de pesquisa) entra na sala, senta no chão e brinca sem interagir com a criança, apenas correspondendo à interação da criança se esta ocorrer. Na Etapa 3 a pessoa estranha interage com a criança, sendo cada vez mais intrusiva [Em sequência: a) Oferece um brinquedo à criança; b) Empurra um carrinho na direção da criança até “bater” em sua perna; c) Coloca objetos barulhentos perto do rosto da criança; d) Morde a criança com um fantoche; e) Faz cócegas na criança]. Na Etapa 4 a assistente da observação (que recebeu a família) entra na sala, retira os brinquedos e sai da sala. A pessoa estranha tira o pano que cobre a escada, deixando-a visível à criança. Na Etapa 5 a pessoa estranha diz para o pai “agora incentive”, o que, conforme combinado previamente, é para o pai incentivar a criança à subir e a descer a escada. Por fim, na Etapa 6, se a criança tentar subir a escada, a pessoa estranha diz para o pai “Agora proíba”, que é para ele proibir a criança de subir na escada.

Em nossas observações, após a última etapa, realizou-se um “momento de finalização”, para o pai brincar com a criança no ambiente, o que teve duração de cinco minutos. Para a presente pesquisa, foi analisado 14 minutos do procedimento, ou seja, das etapas dois a seis, pois a primeira etapa e o momento final são mais de familiarização e para a criança se sentir bem após o procedimento, sendo analisado por outros pesquisadores do presente grupo de pesquisa.

Como evidenciado na descrição das etapas, neste procedimento observacional, a criança foi encorajada a explorar um ambiente que não lhe é familiar na presença do pai/padrasto. A situação envolve o risco social, através de uma pessoa estranha para a criança e que lhe é gradativamente intrusiva e interage com a mesma. E a situação envolve também o risco físico, através de uma escada grande e colorida exposta no meio da sala (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010). A situação foi realizada em uma sala de espelho unidirecional localizada na Universidade e foi filmada com três câmeras para se registrar diferentes ângulos e não se perder detalhes. Nesta sala, havia apenas uma cadeira com uma revista no centro da sala, uma cadeira no canto da sala, uma escada coberta por um lençol, e brinquedos em cima de um tapete. Maiores detalhes sobre a sala, os materiais utilizados, a disposição dos

materiais na sala e detalhes de como a coleta de dados foi realizado encontra-se no Manual de coleta de dados elaborado pelo grupo de pesquisa do qual a autora desta tese faz parte.

Após cada observação, codificou-se o vídeo por meio do protocolo de registro adaptado. Esse procedimento permitiu classificar as crianças em ativas, subativas e superativas (Apêndice A). Para esse resultado, considerou-se o valor de cada coluna de ativação, e contou-se com dois avaliadores, cuja concordância calculada com o teste estatístico *Kappa de Cohen* obteve um valor de 0.8387 (Erro padrão=0.0414; Intervalo de Confiança de 95%: 0.7576 até 0.9198), o qual indica uma alta concordância nos resultados.

Esses instrumentos e técnica aplicados na coleta de dados são explicitados na Tabela 8, na qual constata-se a correspondência com o Estudo. As variáveis utilizadas para acessar os fenômenos do estudo, suas definições e os instrumentos e técnica que foram utilizados para a coleta desses dados são explicitados na Tabela 9.

Tabela 8

Correspondência entre estudos e instrumentos e técnica

Estudos	Instrumentos e técnica
Estudo 1 (171 famílias biparentais participantes)	Questionário Sociodemográfico (Anexo A) Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) (Anexo B) Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES-IV) (Anexo C) Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) (Anexo D)
Estudo 2 (12 das 171 famílias biparentais participantes)	Questionário Sociodemográfico (Anexo A) Observação da Situação de Risco (pai e criança) Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES-IV) (Anexo C) Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) (Anexo D)

Tabela 9

Fenômenos, variáveis, definições e instrumento/técnica

Fenômeno	Variável	Definição	Instrumento
Relação de Ativação / Função de abertura ao mundo	Estímulo a assumir risco	Consiste em incentivar a criança a realizar atividades de risco e permitir que a criança tenha autonomia para explorar o ambiente.	Observação da Situação de Risco e QOM
	Estímulo à perseverança	Consiste em incentivar a criança a realizar tarefas difíceis, superar limites pessoais, e perseverar em face à adversidade, incentivando-a a diferentes atividades, como o esporte, e convidando a criança a explorar ou iniciar o contato com uma criança desconhecida.	
	Disciplina	Diz respeito ao estabelecimento de limites para garantir a segurança e a proteção da criança.	
	Punição	Consiste em punir, demonstrar raiva, fazer uso de força física ou repreender a criança se ela desobedece, não se esforça ou quebra alguma coisa (objeto ou regra).	
Funcionamento Familiar	Coesão	É a proximidade emocional entre os membros da família.	FACES-IV
	Flexibilidade	Refere-se à qualidade e expressão de liderança e organização, relações entre os papéis, regras de relacionamento e negociações entre os membros da família.	
Capacidades e Dificuldades	Sintomas emocionais	Envolvem ansiedades, medos, características depressivas (como sensação de inutilidade e desesperança), e sintomas somáticos (como dores) associados às emoções e preocupações da criança.	SDQ
	Problemas de conduta	Corresponde ao comportamento desafiador, agressividade e destrutividade, e comportamentos antissociais.	
	Hiperatividade	Envolvem comportamentos como inquietação constante, desatenção e impulsividade.	
	Problemas de relacionamento com colegas	Refere-se às dificuldades relacionadas à maioria dos parceiros sociais (mais novos ou mais velhos, amigos ou estranhos), ao apego e ao desenvolvimento de amizades. A forma como a criança se comporta e se relaciona pode provocar seu isolamento.	
	Comportamento pró-social	Quando demonstra alta sociabilidade, como considerar os sentimentos dos outros, compartilhar as coisas com outras crianças, ser atencioso, gentil e empático, ou se oferecer para ajudar os outros	

2.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, atendendo à resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto maior foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), sob o parecer substanciado de nº 1.514.798. Tendo como base a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, partiu-se do pressuposto que todas as pesquisas com seres humanos possuem riscos. No que se refere à coleta de dados com os pais e as mães por meio de questionários, a presente pesquisa permitiu aos participantes uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre seu envolvimento com os filhos (o que foi verbalizado por muitos pais após responderem aos questionários). Porém, como essas questões poderiam gerar algum desconforto, os participantes eram informados que poderiam ser encaminhados, se assim o desejassem, para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC). Porém, realizou-se apenas escuta e “acolhida” das angústias e reflexões que aconteciam, sem haver necessidade de encaminhamento.

2.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Com o projeto maior aprovado pelo comitê de ética, realizou-se o contato com as instituições, a fim de apresentar às mesmas o projeto de pesquisa maior, entregando à escola uma versão resumida do referido projeto. As instituições que aceitaram colaborar, assinaram a autorização institucional (Apêndice B), e enviaram as cartas-convite (Apêndice C) para os pais e mães de crianças de quatro a seis anos. Além do contato com as instituições, também se iniciou o contato com a rede de relacionamentos dos integrantes da equipe para o recrutamento dos participantes. As famílias participantes da pesquisa indicavam também outras famílias potenciais para a pesquisa, cujo processo é denominado “bola de neve” (Gray, 2012).

Realizou-se contato telefônico para as famílias que retornaram as cartas-convite ou que foram indicadas por outros participantes e integrantes da equipe, agendando data, hora e local para a coleta de dados. Quando a coleta incluiu a observação, esta necessariamente foi realizada na Universidade.

Assim, a coleta de dados envolveu a participação das famílias de duas formas: a) por meio de respostas a questionários¹⁵; b) por meio de respostas a questionários e observação. Em ambos os casos, a coleta aconteceu da seguinte forma: a concordância em participar da pesquisa se deu por meio da assinatura do pai e da mãe no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁶ (Apêndice D, quando a família foi participar apenas por meio de respostas à questionários, e Apêndice E, quando a família foi participar por meio de respostas aos questionários e observação) consentindo sua participação. Após, foi aplicado os questionários com o pai/padrasto e com a mãe.

Essa aplicação aconteceu de modo paralelo quando havia dois pesquisadores disponíveis, e então, um pesquisador aplicava os questionários com a mãe e outro com o pai/padrasto. Quando havia apenas um pesquisador disponível para a coleta, a mesma acontecia separadamente com o pai/padrasto e depois com a mãe, ou vice-versa, podendo ou não ser no mesmo encontro.

Para as famílias que participaram também da observação, esta aconteceu na Universidade, e a aplicação dos questionários e da observação ocorreu no mesmo dia. Ou seja, enquanto era realizada as observações do pai com a criança, a mãe ia respondendo aos questionários. Finalizada as observações do pai com a criança, o pai era encaminhado com um dos pesquisadores para preencher os questionários,

¹⁵ Para o projeto maior em que esta e outras pesquisas estavam inseridas, elaborou-se um “kit” de questionários a serem respondidos pelos pais/padrastos e pelas mães/madrastas. Logo, alguns instrumentos são respondidos por ambos, e outros apenas por um deles. Esses questionários respondidos apenas por uma pessoa do casal se justifica por serem questões específicas do pai/padrasto, por exemplo, como sua personalidade, mas há questões como os comportamentos da criança que são respondidos apenas pela mãe/madrasta, com o objetivo de não tornar a aplicação extensa demais e cansar os participantes (a aplicação de cada um dos “kits”, durou em média uma hora com cada participante), pois são doze questionários diferentes a serem respondidos, destes, apenas quatro se referem à presente tese.

¹⁶ Atendendo à resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do CNS, foram elaborados os TCLEs, redigidos em linguagem acessível aos participantes. No TCLE, os pais e as mães que aceitaram participar e que concordaram com a participação de seu filho(a), foram informados, entre outros aspectos, sobre os objetivos do estudo, o anonimato, a voluntariedade, o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e o contato dos pesquisadores. O termo foi lido aos participantes e assinado em duas vias, uma ficando com o participante e outra com a pesquisadora.

enquanto a criança permanecia na sala com outro pesquisador, que já fez vínculo com ela quando a família chegou. As observações foram gravadas com o consentimento dos participantes.

Por fim, agradeceu-se a participação de todas as famílias, e combinou-se a forma de devolução dos resultados, a qual acontecerá por meio de publicações dos resultados da pesquisa. Como forma de contrapartida aos participantes, entregou-se também uma cartilha às famílias sobre relações familiares e educação dos filhos; e convidou-se as famílias para participarem de um grupo de pais e mães.

Esse grupo de pais e mães foi desenvolvido pelos integrantes desse grande projeto de pesquisa por meio de um projeto de extensão intitulado “Intervenções psicológicas sobre cuidados e práticas parentais para promoção do desenvolvimento infantil”. Esse projeto foi aprovado pelo departamento de Psicologia da UFSC e contemplado com duas bolsas da Pró-Reitoria de extensão (PROEX) da UFSC, e tinha uma frequência mensal. A proposta era que acontecessem cinco encontros, cada um sobre uma temática diferente, porém, aconteceram apenas quatro encontros, tendo em vista que no último (temática “5” mencionada a seguir) nenhum pai e mãe compareceu. Os encontros que aconteceram tiveram uma duração aproximada de uma hora e meia. Os temas trabalhados foram:

- 1) “Desenvolvimento do vínculo afetivo”;
- 2) “Conhecendo os filhos”;
- 3) “Aprender a lidar com o comportamento infantil”;
- 4) “A primeira relação com a escola”;
- 5) “Educar: uma tarefa solitária?”.

Embora os encontros apresentassem uma sequência de temáticas, elas eram independentes (ou seja, os pais e as mães não precisavam ter estado em um encontro para ir ao outro). Essa contrapartida aconteceu durante o período de coleta de dados. Após este, outros grupos com pais foram desenvolvidos com a mesma finalidade, alterando-se alguns aspectos relacionados ao funcionamento dos grupos e as temáticas trabalhadas.

A *Figura 6* sintetiza as informações supracitadas.

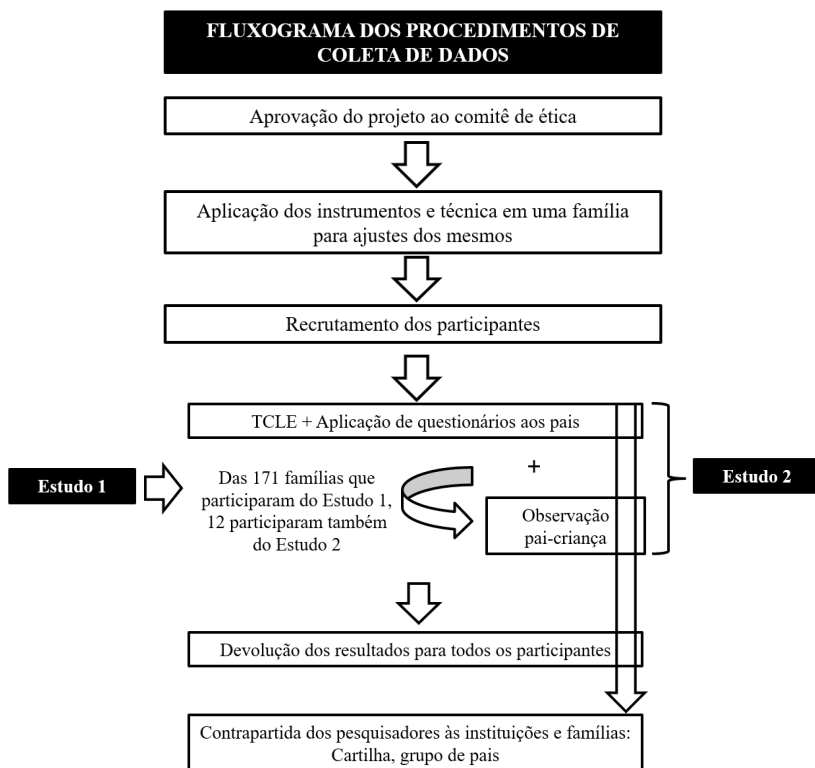


Figura 6. Fluxograma dos procedimentos de coleta de dados.

2.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Já na Tabela 10 apresenta-se a correspondência entre os objetivos, os instrumentos/ técnica utilizados e como os dados foram analisados para responder a cada objetivo.

Tabela 10

Correspondência entre objetivos, instrumentos/técnica (e quem responde) e análise de dados

Objetivos	Instrumentos/ Técnica	Análise de dados
1 - a) Verificar relações entre função de abertura ao mundo e comportamento da criança;	QOM (pai/padrasto) + SDQ (mãe)	Correlação de Pearson
1 - b) Verificar relações entre funcionamento familiar e comportamento da criança;	FACES-IV (pai/padrasto) + SDQ (mãe)	Correlação de Pearson
1 - c) Verificar relações entre funcionamento familiar e função de abertura ao mundo;	FACES-IV (pai/padrasto) + QOM (pai/padrasto)	Correlação de Pearson
1 - d) Verificar o efeito mediador e moderador do funcionamento familiar na relação entre a função de abertura ao mundo e o comportamento da criança.	QOM (pai/padrasto) + FACES-IV (pai/padrasto) + SDQ (mãe)	Análise de Regressão linear múltipla
2 - a) Relacionar o padrão de ativação pai-criança e de comportamento da criança;	Observação da Situação de Risco (pai/padrasto-criança) + SDQ (mãe)	Protocolo de registro adaptado (tipo de ativação) e Análise descritiva do Questionário SDQ (padrões de comportamento da criança).
2 - b) Relacionar o padrão de funcionamento familiar e de comportamento da criança;	FACES-IV (pai/padrasto) + SDQ (mãe)	Cálculo da taxa do total circunplexo (tipo de funcionamento familiar) e Análise descritiva do Questionário SDQ (padrões de comportamento da criança).
2 - c) Relacionar o padrão de funcionamento familiar e de ativação pai-criança;	FACES-IV (pai/padrasto) + Observação da Situação de Risco (pai/padrasto-criança)	Cálculo da taxa do total circunplexo (tipo de funcionamento familiar) e protocolo de registro adaptado (tipo de ativação).

Tabela 10 (Continuação)
Correspondência entre objetivos de cada estudo, instrumentos/técnica (e quem responde) e análise de dados

Objetivos	Instrumentos/ Técnica	Análise de dados
2 - d) Inferir relações entre os padrões de ativação pai-criança, de funcionamento familiar e de comportamento da criança.	Observação da Situação de Risco (pai/padrasto-criança) + FACES-IV (pai/padrasto) + SDQ (mãe)	Protocolo de registro adaptado (tipo de ativação), cálculo da taxa do total circunflexo (tipo de funcionamento familiar) e Análise descritiva do Questionário SDQ (padrões de comportamento da criança).

2.6.1 Estudo 1: Quantitativo

Os dados obtidos com os questionários foram tabulados e submetidos a análises formais através do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) – versão 22.0. Os *missings* das variáveis sociodemográficas foram substituídos pelas médias. Já com relação às variáveis dos demais instrumentos (como o SDQ, QOM e FACES-IV), substituiu-se os *missings* pelas médias da dimensão (que o referido item faz parte, excluindo-se o item faltante) por participante. No QOM, os itens respondidos como “não se aplica”, foram substituídos por 1 (em que na escala indica “nunca”) pela compreensão da equipe de que se o pai afirmou não poder avaliar, possivelmente ele não realiza a ação proposta pelo item com a criança. Testou-se a normalidade dos dados por meio das dimensões da curtose, assimetria, do histograma e do teste de normalidade Kolgomorov-Smirnof. As variáveis que não contemplaram a normalidade foram transformadas, possibilitando a utilização de testes paramétricos.

Assim, além de correlações, modelos de regressão foram construídos com a finalidade de explicar ou prever a variância dos comportamentos da criança (variável dependente) com a combinação de diferentes fatores explicativos relacionadas à função de abertura ao mundo e ao funcionamento familiar (variáveis independentes). Partindo do pressuposto que um fenômeno geralmente é explicado por um conjunto de variáveis, realizou-se análise de regressão linear múltipla. Para tanto, respeitou-se os princípios da multicolinearidade [ou seja, verificou-se a existência de fortes correlações entre as variáveis

independentes, por meio da *Variance Inflation Factor* (VIF) e da *Tolerance*]. Também foi feita uma verificação das premissas por meio da identificação dos valores extremos que influenciariam o modelo. Não foram aceitos os modelos que continham valores residuais estandardizados maiores que 3,29, mais de 1% acima de 2,58 e 5% acima de 1,96 (Field, 2009). Assim como realizado na tese de Bossardi (2015), os modelos foram elaborados primeiramente a partir de premissa teórica. Além disso, a escolha das variáveis independentes resultou da presença de correlação significativa com a variável dependente.

Realizou-se também modelização por blocos, em que algumas variáveis foram utilizadas como controle e os resultados permitiram avaliar o modelo global e a contribuição de cada bloco. A criação dos blocos possibilitou observar com mais detalhe como se comportava o modelo e também o tamanho do efeito de cada variável (controle ou VI). A forma de entrada das variáveis em cada bloco foi determinada pelo método *Enter* (Field, 2009).

Para verificação do efeito mediador do funcionamento familiar, realizou-se a “análise dos caminhos” (que exige correlações significativas entre a VI e a VD e de cada uma delas com a variável mediadora) conforme explicitado por Vieira (2009). Compreende-se como variável mediadora aquela que, por estar presente na análise de regressão, diminui a magnitude do relacionamento entre a variável dependente e a variável independente (Vieira, 2009). Ou seja, variável mediadora é aquela que é afetada por uma VI e afeta a VD de interesse. Para verificação da significância da mediação, ou seja, do efeito indireto, realizou-se o teste de Sobel (Vieira, 2009), no qual para a mediação ser significativa, esperam-se valores superiores a 1,96.

Já para avaliar o efeito moderador, realizou-se a modelização por blocos, avaliando-se o R^2 , ΔR^2 e a significância do modelo. Segundo Vieira (2009), variável moderadora é aquela que afeta a relação entre a VI e a VD. Verificou-se o efeito moderador das variáveis de interação entre o funcionamento familiar (dimensões equilibradas) e a função de abertura ao mundo (todas as dimensões). A escolha por se verificar o efeito moderador apenas com as variáveis Coesão e Flexibilidade equilibradas do funcionamento familiar se deve porque são as dimensões positivas da FACES-IV, e também porque, cada uma delas pode ser pensada como um contínuo, ou ainda, como uma balança (e nesse sentido os escores equilibrados estariam no centro), e o padrão equilibrado indica níveis adequados e almejados pelas famílias. Para a compreensão da interação entre a variável independente com a variável moderadora sobre

a variável dependente, nos modelos que deram significativos e com tendência a serem significativos, realizou-se o cálculo do efeito de interação conforme Preacher, Curran e Bauer (2006). Para averiguar a significância de cada uma das retas do gráfico e evitar resultados “falso-positivos”, realizou-se a análise sugerida por Holmbeck (2002), na qual utilizam-se as variáveis em valores padronizados.

Os resultados do estudo quantitativo estão explicitados no artigo “Relações entre função de abertura ao mundo, funcionamento familiar e comportamentos da criança” (cujo resumo foi apresentado como um dos capítulos dos resultados desta tese). As análises relacionadas ao artigo são apresentadas no apêndice F.

2.6.2 Estudo 2: Experimental

Já com relação à análise do estudo experimental, para a análise do funcionamento familiar, utilizou-se como base a tabela de Taxas de coesão e flexibilidade do manual da FACES-IV, as quais indicam o tipo de funcionamento familiar. A Tabela 1, já mencionada na tese, que indica esses valores, foi traduzida por Boing (2014).

Para a análise dos comportamentos da criança, utilizou-se a tabela de referência de escores do manual do SDQ, a qual mostra os valores que indicam comportamentos clínicos, não-clínicos e limítrofes. Na Tabela 11 são apresentados esses escores.

Tabela 11
Escores do SDQ

Escores	Próximo da média- Não clínico	Ligeiramente acima da média- Pode refletir problemas clínicos	Substancialmente alto- Risco de problemas clínicos significativos
Escores do total de dificuldades (Total- 40)	0-13	14-16	17-40
Escore de Sintomas emocionais (Total- 10)	0-3	4	5-10
Escore de Problemas de conduta (Total-10)	0-2	3	4-10
Escore de Hiperatividade (Total-10)	0-5	6	7-10
Escore de Problemas entre pares (Total-10)	0-2	3	4-10
Escore de Comportamentos pró-sociais (Total-10)	6-10	5	0-4

Fonte: Tabela retirada e traduzida de <http://www.sdqinfo.com/>

Por fim, para se obter o padrão de ativação da criança analisou-se a Observação da Situação de Risco. Para a análise dessa observação, primeiramente utilizou-se o protocolo de registro desenvolvido no Canadá. Os resultados obtidos com o referido protocolo são apresentados e discutidos no artigo “*Father-child activation relationship in the brazilian context*” (cujo resumo foi apresentado como um dos capítulos dos resultados da presente tese). Porém, devido ao seu cunho qualitativo, constatou-se a necessidade de uma adaptação do referido protocolo para que o mesmo seja utilizado em pesquisas futuras. Utilizou-se o protocolo de registro da Observação da Situação de Risco adaptado (cujo resumo encontra-se no APÊNDICE A, intitulado “Observação da Situação de Risco: Adaptação de um protocolo para o contexto brasileiro”), no estudo experimental da presente tese (Artigo “Relações entre padrões de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança”, cujo resumo também foi apresentado como um dos capítulos de resultados desta tese).

3. RESULTADOS¹⁷

Primeiramente apresentam-se as correlações das variáveis investigadas com os dados sociodemográficos. A seguir, apresenta-se uma síntese dos principais resultados, a correspondência entre hipóteses, predições e resultados. Após, demonstram-se esquemas que explicitam os resultados da tese e então, apresentam-se os resumos dos artigos que correspondem aos resultados da tese. As análises (significativas ou não) resultantes da tese são apresentadas no apêndice F, e os resultados significativos foram descritos e discutidos nos artigos.

3.1 CORRELAÇÕES COM OS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Na Tabela 12 apresentam-se as correlações entre as dimensões investigadas e algumas variáveis sociodemográficas. Verifica-se, das correlações significativas, que a escolaridade do pai está positivamente correlacionada com Estímulo a assumir risco, Estímulo à perseverança, e negativamente correlacionada com Flexibilidade rígida, Coesão emaranhada, Flexibilidade caótica, Problemas de relacionamento com colegas, Coesão desengajada, Hiperatividade e Problemas de conduta. Também se constata que a idade do pai está negativamente correlacionada com a Coesão emaranhada, e que a idade da criança está positivamente correlacionada com Sintomas emocionais. É importante destacar que, com exceção da correlação moderada ($r = 0,41$; $p < 0,01$) entre Escolaridade do pai e Estímulo a assumir risco, as demais correlações apresentam-se fracas.

¹⁷ Por questão de direitos autorais, os artigos foram retirados para a publicação da tese.

Tabela 12

Correlações entre as dimensões e os dados sociodemográficos

	Dados Sociodemográficos			
	Anos de escolaridade do pai	Idade do pai	Horas de trabalho semanal do pai	Idade da criança
SDQ				
Sintomas emocionais	-0,04	-0,03	-0,05	0,16*
Problemas de conduta	-0,17*	-0,02	0,14	0,00
Problemas de relacionamento com colegas	-0,21**	-0,05	0,08	0,11
Comportamento pró-social	0,05	-0,09	-0,05	0,05
Hiperatividade	-0,19*	-0,07	0,00	-0,05
QOM				
Estímulo à Perseverança	0,18*	0,03	-0,12	0,01
Estímulo a assumir Risco	0,41**	0,13	-0,09	-0,01
Punição	-0,07	-0,13	0,10	0,03
FACES-IV				
Coesão equilibrada	0,11	-0,02	0,04	-0,07
Flexibilidade equilibrada	0,01	-0,07	-0,11	-0,07
Coesão desengajada	-0,19*	0,05	0,07	0,01
Coesão emaranhada	-0,22**	-0,26**	0,09	-0,09
Flexibilidade rígida	-0,30**	-0,09	0,06	-0,07
Flexibilidade caótica	-0,21**	0,01	0,06	-0,03

Nota. * $p < 0,05$ (valores significativos); ** $p < 0,01$ (valores muito significativos).

3.2 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Na Tabela 13 apresenta-se uma síntese dos principais resultados, como média e desvio padrão. Na Tabela 14 e na Tabela 15 os mesmos são descritos conforme cada um dos objetivos específicos propostos evidenciados nos estudos 1 e 2 respectivamente. Esses resultados foram mais bem descritos nos artigos. Reforça-se que os resultados do estudo 2 são inferências, devido ao número reduzido de participantes.

Tabela 13

Principais resultados conforme cada fenômeno

Fenômeno	Síntese dos principais resultados
Dimensões da função de abertura ao mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Estímulo a assumir risco (M=3,76; DP=1,11); - Estímulo à perseverança (M=4,97; DP=0,66); - Punição (M=2,80; DP=0,84);
Dimensões do funcionamento familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Coesão equilibrada (M=4,28; DP=0,41); - Flexibilidade equilibrada (M=4,03; DP=0,47); - Coesão Desengajada (M=1,88; DP=0,49); - Coesão Emaranhada (M=2,68; DP=0,54); - Flexibilidade Rígida (M=2,92; DP=0,57); - Flexibilidade Caótica (M=1,99; DP=0,56);
Dimensões dos comportamentos da criança	<ul style="list-style-type: none"> - Sintomas emocionais (M=1,50; DP=0,39); - Problemas de conduta (M=1,56; DP=0,40); - Hiperatividade (M=1,71; DP=0,49); - Problema de relacionamento com pares (M=1,27; DP=0,29); - Comportamento pró-social (M=2,67; DP=0,33);
Padrões de relação de ativação	<ul style="list-style-type: none"> - Das 12 crianças: oito estão ativadas, três subativadas e uma está superativada na relação com o pai; - Os meninos estão mais ativados do que as meninas.
Padrões do funcionamento familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Seis famílias apresentam um Funcionamento Rigidamente Coeso, cinco apresentam um Funcionamento Equilibrado e uma possui um funcionamento Rigidamente Coeso e Equilibrado.
Padrões dos comportamentos da criança	<ul style="list-style-type: none"> - Todas as 12 crianças obtiveram escores não-clínicos em pró-sociabilidade e Sintomas emocionais; - Em Problemas de conduta: seis crianças apresentaram escores não-clínicos; duas apresentaram escores que pode refletir problemas clínicos; e quatro apresentaram escores que indicam risco de problemas clínicos significativos; - Com exceção de uma criança em “Hiperatividade”, de uma criança em “Problemas de relacionamento com colegas” e de uma criança em “Total de Dificuldades” que apresentaram escores que pode refletir problemas clínicos, todas as demais obtiveram escores não-clínicos para as referidas dimensões.

Tabela 14

Principais resultados do Estudo 1, conforme cada um dos objetivos propostos

Objetivos	Síntese dos principais resultados
a) Verificar relações entre função de abertura ao mundo e comportamento da criança;	<p>Das correlações que deram significativas, constata-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Estimulação à perseverança está negativamente correlacionado com Sintomas emocionais e Hiperatividade. - A Estimulação a assumir risco também está negativamente correlacionado com Sintomas emocionais e Problemas de relacionamento com colegas. - A Punição apareceu positivamente correlacionada com Problemas de conduta e Hiperatividade. - Nenhuma dimensão do QOM está correlacionada ao Comportamento pró-social.
b) Verificar relações entre funcionamento familiar e comportamento da criança;	<p>Das correlações que deram significativas, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Coesão equilibrada está negativamente correlacionada com Problemas de conduta e Sintomas emocionais, e positivamente correlacionada com o Comportamento pró-social. - A Flexibilidade equilibrada encontra-se positivamente correlacionada com o Comportamento pró-social. - A Flexibilidade caótica encontra-se positivamente correlacionada com Problemas de conduta e Problemas de relacionamento com colegas. - A Coesão desengajada, Coesão emaranhada e Flexibilidade rígida não mostraram correlações significativas com os comportamentos da criança. Além disso, nenhuma dimensão da FACES-IV está correlacionada com Hiperatividade.

Tabela 14 (Continuação)

Principais resultados do Estudo 1, conforme cada um dos objetivos propostos

Objetivos	Síntese dos principais resultados
c) Verificar relações entre funcionamento familiar e função de abertura ao mundo;	<p>Das correlações que deram significativas, constata-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Coesão equilibrada está positivamente correlacionada com o Estímulo à perseverança, e negativamente correlacionada com Punição. - A Flexibilidade equilibrada encontra-se positivamente correlacionada com o Estímulo à perseverança. - A Coesão desengajada está negativamente correlacionada com o Estímulo à perseverança e positivamente correlacionada com Punição. - A Coesão emaranhada apresenta-se negativamente correlacionada com Estímulo à perseverança e Estímulo a assumir risco e positivamente correlacionada com Punição. - A Flexibilidade rígida encontra-se positivamente correlacionada com Punição. - A Flexibilidade caótica está negativamente correlacionada com Estímulo à perseverança. - A Taxa de coesão está positivamente correlacionada com Estímulo à perseverança e Estímulo a assumir risco e negativamente correlacionada com Punição. - A Taxa de flexibilidade apresenta-se positivamente correlacionada com Estímulo à perseverança e negativamente correlacionada com Punição.
d) Verificar o efeito mediador e moderador do funcionamento familiar na relação entre a função de abertura ao mundo e o comportamento da criança.	<ul style="list-style-type: none"> - O único modelo de mediação que apresentou-se significativo foi o que considera a Coesão equilibrada, a Punição e os Problemas de conduta, indicando que se a Punição é mediada pela Coesão equilibrada, esta última reduz o tamanho do efeito da Punição sobre os Problemas de conduta; - Dos modelos de moderação significativos, verifica-se que as dimensões equilibradas do funcionamento familiar quando em interação com a dimensão estímulo à perseverança (da função de abertura ao mundo), apresentaram-se como variáveis moderadoras para os Sintomas emocionais. Assim, a Coesão equilibrada alta e a Flexibilidade equilibrada alta quando em interação com elevados escores de Estímulo à perseverança reduzem os Sintomas emocionais.

Tabela 15

Principais resultados do Estudo 2, conforme cada um dos objetivos propostos

Objetivos	Síntese dos principais resultados
a) Relacionar o padrão de ativação pai-criança e de comportamento da criança;	Como oito das 12 crianças estão ativadas na relação com o pai, e como a maioria das crianças apresenta escores não-clínicos em quase todas as dimensões de comportamentos, infere-se que quanto mais ativadas forem as crianças, possivelmente mais pró-sociabilidade e menos dificuldades elas apresentam.
b) Relacionar o padrão de funcionamento familiar e de comportamento da criança;	Como as famílias apresentam um funcionamento equilibrado e/ou rigidamente coeso, são famílias que possuem proximidade emocional, o que possivelmente repercute na elevada pró-sociabilidade que essas crianças apresentam, bem como no fato de, ao se considerar o total de dificuldades, 11 das 12 crianças não apresentam problemas clínicos.
c) Relacionar o padrão de funcionamento familiar e de ativação pai-criança;	Os funcionamentos familiares do tipo equilibrado e rigidamente coeso, ao proporcionarem uma relação emocional de proximidade entre seus membros (Coesão equilibrada), possivelmente também propiciam um maior envolvimento paterno e, conseqüentemente, uma maior relação de ativação. Por sua vez, quanto maior a relação de ativação pai-criança, que evidencia um maior envolvimento paterno, maior será a proximidade entre os membros da família, e assim, maior a coesão familiar (e uma Flexibilidade equilibrada), que se refere a funcionamentos familiares como o equilibrado e/ou rigidamente coeso.
d) Inferir relações entre os padrões de ativação pai-criança, de funcionamento familiar e de comportamento da criança.	Quanto mais os pais estão envolvidos (maior relação de ativação), mais um funcionamento equilibrado e/ou rigidamente coeso (Flexibilidade e Coesão familiar equilibrados, que repercutem em maior proximidade emocional e papéis bem definidos na família), e quanto mais Flexibilidade e Coesão familiar equilibrados, mais envolvidos os pais são com os filhos, logo, de mais “qualidade” será a relação de ativação. Assim, também é possível que os comportamentos das crianças tenham elevados escores em capacidades e, de modo geral, baixos escores na maioria das dimensões de dificuldades devido a esse funcionamento familiar e relação de ativação. Por sua vez, a maior pró-sociabilidade da criança, e baixas dificuldades da criança podem favorecer a relação de ativação e a Flexibilidade e Coesão familiar equilibrados.

3.3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE HIPÓTESES, PREDIÇÕES E RESULTADOS

Tabela 16

Correspondência entre as hipóteses, as previsões e os resultados do estudo 1

Hipóteses	Predições	Resultados
H1 - Há uma associação positiva entre “função de abertura ao mundo” e “capacidades da criança”.	P1 - Haverá uma correlação positiva e significativa entre as dimensões do QOM e a dimensão “Comportamento pró-social” do SDQ.	H1 - Refutada: não encontrou-se associação positiva entre “função de abertura ao mundo” e “capacidades da criança”. Essa afirmação resulta do fato de não ter se encontrado correlação positiva e significativa entre as dimensões do QOM e a dimensão “Comportamento pró-social”.
H2 - Há uma associação negativa entre “função de abertura ao mundo” e “dificuldades da criança”.	P2 - Haverá uma correlação negativa e significativa entre dimensões do QOM e as dimensões “Sintomas emocionais”, “Problemas de conduta”, “Problema de relacionamento com colegas” e “Hiperatividade” do SDQ.	H2 - Parcialmente corroborada: constatou-se associação negativa e positiva entre “função de abertura ao mundo” e “dificuldades da criança”. Ou seja, evidenciou-se uma correlação negativa e significativa entre Estímulo à perseverança e Sintomas emocionais, entre Estímulo à perseverança e Hiperatividade, Estímulo à assumir risco e Sintomas emocionais, Estímulo à assumir risco e Problemas de relacionamento com colegas; também evidenciou-se uma correlação positiva e significativa entre Punição e Problemas de conduta e entre Punição e Hiperatividade. A H2 foi parcialmente corroborada, pois considerou-se a proposta da dimensão “Punição” da forma como ela está. Porém, compreende-se que se a “Punição” fosse transformada em “controle positivo/disciplina”, seria provável que a hipótese fosse confirmada.
H3 - Há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “capacidades da criança”.	P3 - Haverá uma correlação positiva e significativa entre as dimensões “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV e a dimensão “Comportamento pró-social” do SDQ.	H3 - Corroborada: constata-se associação positiva entre “funcionamento familiar” e “capacidades da criança”, pois encontraram-se correlações positivas e significativas entre “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” e o “Comportamento pró-social”.

Tabela 16 (Continuação)

Correspondência entre as hipóteses, as predições e os resultados do estudo 1

Hipóteses	Predições	Resultados
H4 - Há uma associação negativa entre “funcionamento familiar” e “dificuldades da criança”.	P4 - Haverá uma correlação negativa e significativa entre as dimensões “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV e as dimensões “Sintomas emocionais”, “Problemas de conduta”, “Problema de relacionamento com colegas” e “Hiperatividade” do SDQ.	H4 - Parcialmente corroborada: constata-se uma associação negativa entre “funcionamento familiar” e “dificuldades da criança”, mas apenas para algumas dimensões. Ou seja, verifica-se que quanto mais Coesão equilibrada, menos Problemas de conduta e menos Sintomas emocionais.
H5 - Há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “função de abertura ao mundo”.	P5 - Haverá uma correlação positiva e significativa entre as dimensões “Coesão equilibrada” e “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV e as dimensões do QOM.	H5 - Parcialmente corroborada: constata-se que há uma associação positiva entre “funcionamento familiar” e “função de abertura ao mundo”, mas para apenas algumas dimensões. Ou seja, quanto mais Coesão equilibrada na família, mais Estímulo à perseverança e menos Punição, e quanto mais Flexibilidade equilibrada, mais Estímulo à perseverança.
H6 - O “funcionamento familiar” influencia na relação entre a “função de abertura ao mundo” e o “comportamento da criança”.	P6 - A “Coesão equilibrada” e a “Flexibilidade equilibrada” da FACES-IV possuirão efeito mediador e, quando em interação com as dimensões do QOM, possuirão um efeito moderador, ambos positivos e significativos na relação entre as dimensões do QOM e as dimensões do SDQ.	H6 - Parcialmente corroborada: constata-se que o “funcionamento familiar” influencia na relação entre a “função de abertura ao mundo” e o “comportamento da criança”, mas apenas para algumas variáveis esta afirmação é verdadeira. Ou seja, verificou-se o efeito mediador apenas da “Coesão equilibrada” entre “Punição” e “Problemas de conduta”; e identificou-se o efeito moderador da “Coesão equilibrada alta” e a “Flexibilidade equilibrada alta” em interação com “Estímulo à perseverança”, para a variável “Sintomas emocionais”.

3.4 ESQUEMAS QUE EXPLICITAM OS RESULTADOS DA TESE

Com base nas correlações do estudo 1, elaborou-se a *Figura 7* em que se apresentam as correlações significativas. As linhas azuis são as correlações significativas positivas e as linhas vermelhas são as correlações significativas negativas. Optou-se por “pintar” as dimensões, as quais quando verdes indicam que são uma dimensão “negativa” e quando amarelas, dimensões positivas. Isso significa que as dimensões em amarelo são as desejáveis que sejam aumentadas nas famílias e nas relações, enquanto que as dimensões em verde, por indicarem dificuldades ou poderem repercutir negativamente na família, é almejado que sejam reduzidas.

As variáveis sociodemográficas, por não apresentarem uma “conotação” positiva ou negativa, optou-se por não pintá-las. Como esperado (sem considerar as dimensões sociodemográficas), dimensões negativas quando correlacionadas com dimensões negativas e dimensões positivas quando correlacionadas com dimensões positivas, apresentam correlações positivas. Já quando uma dimensão negativa e uma positiva se correlacionam, as mesmas apresentam uma correlação negativa.

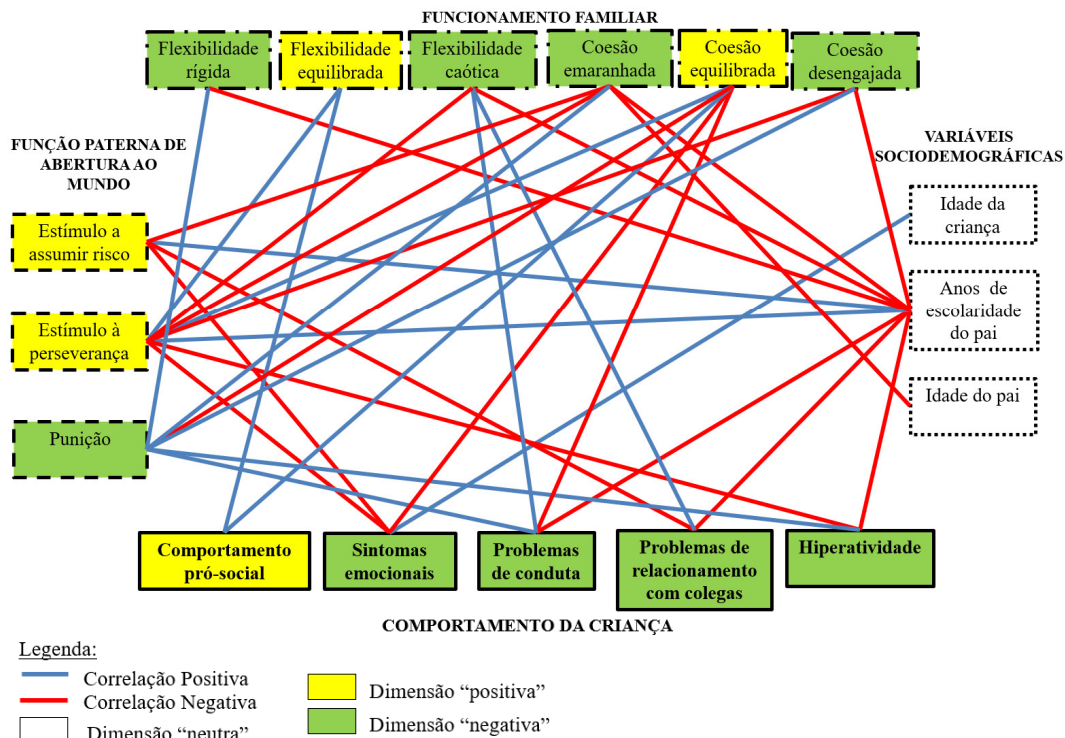


Figura 7. Correlações significativas considerando as dimensões investigadas entre si e as variáveis sociodemográficas.

A *Figura 8* evidencia o modelo de mediação significativo encontrado. Nele se verifica que a Punição pode tanto exercer influência sobre os Problemas de conduta diretamente, ou sendo mediada pela Coesão equilibrada. Quando há mediação, reduz-se o efeito da Punição sobre os Problemas de conduta.

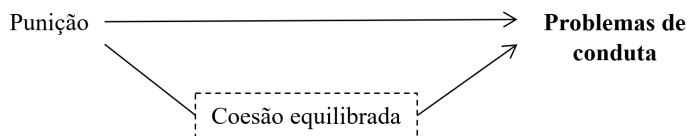


Figura 8. Modelo de mediação significativo.

Já a *Figura 9* sintetiza os modelos de moderação significativos encontrados. Nela se constata que o Estímulo à perseverança quando em interação com Coesão equilibrada alta ou Flexibilidade equilibrada alta interfere na relação entre o Estímulo à perseverança ou Coesão equilibrada alta ou Flexibilidade equilibrada alta e os Sintomas emocionais. Elevada Coesão e Flexibilidade equilibrada quando em interação com elevado Estímulo à perseverança, reduzem os Sintomas emocionais.

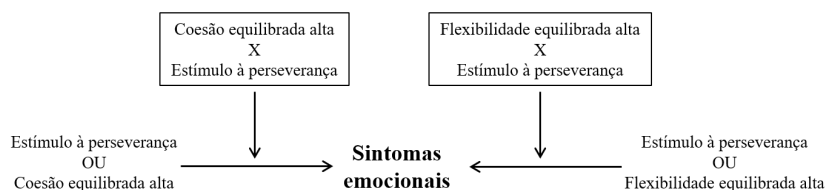


Figura 9. Esquema “síntese” dos modelos de moderação significativos.

Por fim, a *Figura 10* agrupa informações apresentadas na *Figura 7*, *Figura 8* e *Figura 9*, buscando compreender os resultados encontrados no estudo 1 considerando o Modelo PPCT (mas sem considerar as variáveis sociodemográficas). Ou seja, busca-se compreender as variáveis considerando o elemento do modelo ao qual pertencem.

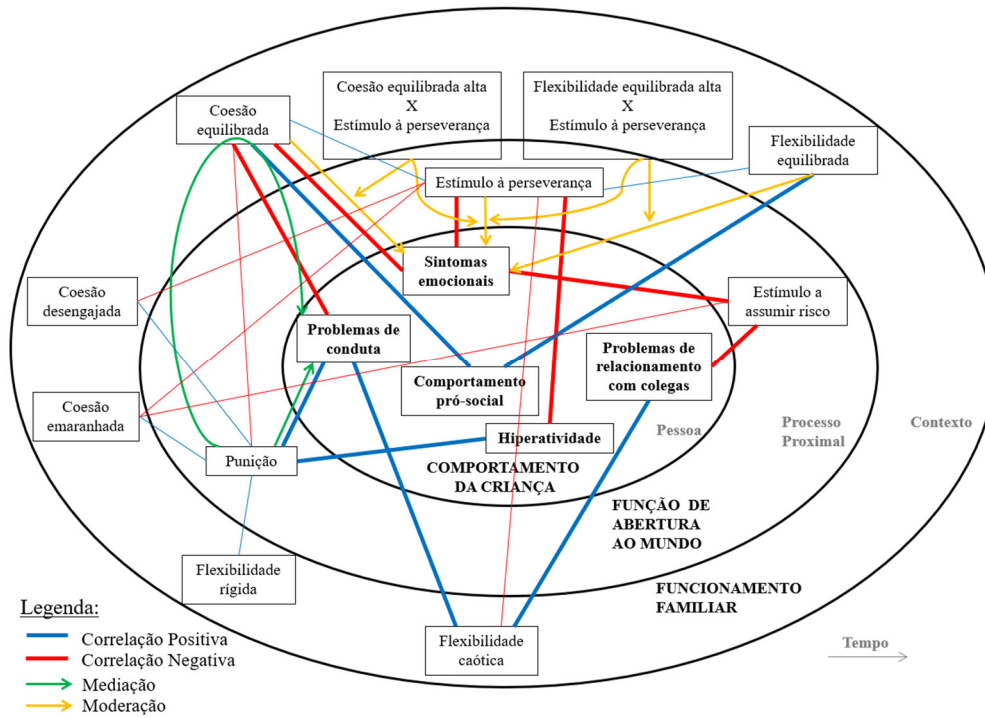


Figura 10. Síntese dos resultados do estudo 1, considerando o modelo PPCT.

Na *Figura 10*, os círculos concêntricos representam a divisão “teórica” dos elementos do modelo PPCT, embora se compreenda que a representação do modelo em formato de figura é limitada. Colocou-se na figura apenas as variáveis que estão significativamente correlacionadas ou que se apresentaram significativas nos modelos de mediação e moderação que deram significativos. As linhas em azul são correlações significativas e positivas, as linhas em vermelho são correlações significativas e negativas, as setas em verde indicam a mediação e as setas em amarelo indicam a moderação. As correlações entre a função de abertura ao mundo e o funcionamento familiar foram deixadas com linhas mais finas propositalmente, para a diferenciação e, também, não “poluir” tanto a figura, deixando mais visível os nomes das variáveis.

Constatou-se que os Sintomas emocionais, os Problemas de conduta e os Problemas de relacionamento com colegas possuem correlações significativas tanto com a função de abertura ao mundo quanto com o funcionamento familiar. A Hiperatividade possui correlação significativa apenas com a função de abertura ao mundo, enquanto o Comportamento pró-social apresenta correlação significativa apenas com o funcionamento familiar. Logo, a função de abertura ao mundo possui correlações significativas apenas com as dificuldades da criança, sendo uma correlação negativa com as dimensões de Estímulo e positiva com a dimensão de Punição. Tanto a mediação quanto a moderação foram melhor explicadas *Figura 8 e Figura 9*, respectivamente.

Considerando o exposto, constata-se a importância das dimensões de estimulação da função de abertura ao mundo e as dimensões equilibradas do funcionamento familiar para o aumento da pró-sociabilidade da criança (no caso apenas do funcionamento familiar) e redução das dificuldades. Também se verifica a correlação da Flexibilidade caótica com dimensões de dificuldades, o que indica a necessidade de rever a qualidade na organização, nas regras e funções da família, de modo a reduzir uma Flexibilidade excessiva.

Ainda sobre a *Figura 10*, pode-se constatar a relação entre as variáveis de diferentes elementos do modelo PPCT, ou seja, verifica-se uma interdependência entre os sistemas, os quais precisam ser considerados tanto em suas particularidades como nesse “todo”. Esses achados do estudo 1 vão em direção aos achados do estudo 2, sintetizados na *Figura 11*, a qual buscou explorar melhor os padrões de cada um dos fenômenos.

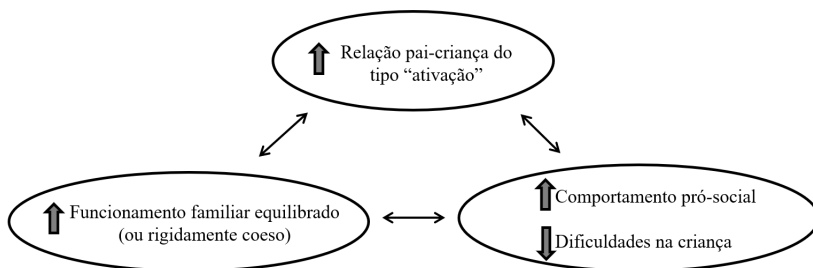


Figura 11. Síntese dos resultados do estudo 2.

Na *Figura 11*, evidenciam-se as relações entre os fenômenos, com base nos resultados do estudo 2. Ou seja, que um maior funcionamento familiar equilibrado ou rigidamente coeso relaciona-se com uma maior relação pai-criança do tipo ativação, que se relaciona a mais comportamentos pró-sociais e menos dificuldades na criança, sendo que todos esses fenômenos influenciam-se mutuamente.

3.5 ARTIGO: RELAÇÕES ENTRE FUNÇÃO DE ABERTURA AO MUNDO, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA¹⁸

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar as relações entre função de abertura ao mundo, funcionamento familiar e comportamentos da criança. Para isso, foi realizada uma pesquisa quantitativa com 171 famílias biparentais heteroafetivas da Região Sul do Brasil, com crianças de quatro a seis anos de idade. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico; Questionário de Abertura ao Mundo (QOM); Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES-IV); e Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). Além das correlações, os modelos de mediação e moderação encontrados também são apresentados. Os resultados indicam o efeito mediador da Coesão equilibrada quando se considera o efeito da Punição sobre os Problemas de conduta; e o efeito moderador da interação entre Coesão equilibrada alta ou Flexibilidade equilibrada alta e o Estímulo à perseverança para os Sintomas emocionais. Verifica-se a necessidade de se considerar os fenômenos em interação para melhor compreensão dos comportamentos da criança.

Palavras-chave: função de abertura ao mundo; funcionamento familiar; comportamentos da criança; relações pai-criança; relações familiares.

¹⁸ Este artigo contou com a colaboração do Prof. Dr. Daniel Paquette (orientador do doutorado sanduíche na *Université de Montréal*, no Canadá), bem como com a ajuda nas análises estatísticas do Dr. Erikson Kaszubowski, Dra. Carina Nunes Bossardi e doutoranda Carolina Duarte de Souza, todos colaboradores do NEPeDI. Por questão de direitos autorais, este artigo foi retirado para a publicação da tese.

3.6 ARTIGO: FATHER-CHILD ACTIVATION RELATIONSHIP IN THE BRAZILIAN CONTEXT¹⁹

Este artigo foi publicado na Revista *Early Child Development and Care* no ano de 2017. Para citar este artigo, segue sua referência:

Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Xavier Faraco, A. M. (2017). Father-child activation relationship in the Brazilian context. *Early Child Development and Care*, 1–11.
<http://doi.org/10.1080/03004430.2017.1345894>

Link do artigo:

<http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2017.1345894>

Abstract

The activation relationship is an emotional bond between caregiver and child that encourages child openness to the world, through stimulation and discipline. This study aimed to analyze the father-child activation relationship in the Brazilian context through the Risky Situation. Twelve dyads have been observed: six father-boy and six father-girl dyads at preschool age. The results showed greater activation of boys compared to girls. Such results are analyzed according to the Activation Relationship Theory. Despite sample size limitation, results consistently support the findings of other studies conducted in other contexts.

Keywords: activation relationship; risky situation; father-child relationships; preschool; observational procedure; coding scheme.

¹⁹ Por questão de direitos autorais, este artigo foi retirado para a publicação da tese.

3.7 ARTIGO: RELAÇÕES ENTRE PADRÕES DE ATIVAÇÃO PAI-CRIANÇA, FUNCIONAMENTO FAMILIAR E COMPORTAMENTO DA CRIANÇA²⁰

Resumo: As relações estabelecidas na família, como a relação de ativação pai-criança, interferem nos comportamentos da criança. Para compreender as relações entre os padrões de ativação pai-criança, o funcionamento familiar e o comportamento da criança, realizou-se um estudo exploratório com 12 famílias biparentais heteroafetivas com crianças pré-escolares. Utilizou-se: Questionário Sociodemográfico; Observação da Situação de Risco; Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar; e Questionário de Capacidades e Dificuldades. Constata-se que: oito crianças estão ativadas, três estão subativadas e uma está superativada; o funcionamento das famílias está rigidamente coeso e/ou equilibrado; e nos comportamentos das crianças verificou-se elevada pró-sociabilidade e baixos escores em dificuldades. Além da relação de ativação, o funcionamento familiar foi fundamental para a compreensão dos comportamentos da criança.

Palavras-chave: relações familiares; relações pai-criança; psicologia do desenvolvimento.

²⁰ Por questão de direitos autorais, este artigo foi retirado para a publicação da tese.

4. DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO

A presente tese permitiu uma maior compreensão acerca das associações entre relação de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais. Nesse sentido, evidenciou-se a interdependência entre os sistemas: sistema pai-criança, sistema familiar e sistema criança. Assim, ao se falar da relação pai-criança, precisa-se considerar as relações familiares.

Isso remete ao pressuposto da complexidade, o qual, ao considerar o mundo como um sistema, indica que tudo no universo está interligado. Assim, entende-se que no sistema familiar os comportamentos da criança desenvolvem-se e manifestam-se, e o funcionamento da família e a relação de ativação pai-criança influenciam e são influenciados por diversos fatores nesse contexto, o que remete a uma causalidade circular recursiva dos fenômenos (diversos fatores podem causar um determinado efeito), e não mais linear (causa-efeito). Portanto, como as relações familiares são um fenômeno complexo, para melhor compreendê-las e investigar suas associações com os comportamentos da criança, faz-se necessário considerar sua natureza dinâmica e a influência mútua entre os fenômenos.

Porém, para essa compreensão, é necessário realizar um “recorte da realidade”, como o que foi feito nesta tese, pois é necessário que mesmo considerando que existem diversos fatores interferindo nos fenômenos deste estudo, apenas alguns foram considerados. Além disso, primeiro buscou-se compreender as relações de forma separada entre cada fenômeno, para depois compreender como eles se articulam e se influenciam. Também se ressalta que o fato da perspectiva sistêmica não estabelecer uma causalidade linear sobre os fenômenos não significa que não se possa investigar algumas situações nas quais quando algo acontece, outra também acontece. Afinal, a perspectiva sistêmica não nega o pressuposto de causalidade linear, ela apenas afirma que dada a complexidade dos fenômenos e a multiplicidade de fatores que se interferem mutuamente, tal linearidade seria muito difícil de ser verdadeira, sendo necessário sempre contextualizá-la e delimitar suas limitações. Por essa razão, explicita-se o presente recorte e as limitações que o mesmo acarreta.

Nessa direção, afirmações de que um tipo de funcionamento familiar ou de relação de ativação repercutem em determinado comportamento da criança, por exemplo, podem ser equivocadas, pois

precisam ser contextualizadas. Isso diz respeito ao pressuposto da instabilidade. Assim, retoma-se que os dados aqui discutidos são referentes às famílias participantes e que possivelmente também sejam encontrados em outras famílias, mas para maiores generalizações, mais estudos se fazem necessários. Além disso, como se compreende a família como em um constante processo de transformação (Minuchin, 1990), as resultados deste estudo precisam ser lidos e interpretados à luz dessas concepções, considerando a importância do conhecimento científico para avançar sobre aquilo que é singular de cada família.

Portanto, a partir do pressuposto da intersubjetividade, compreende-se que não há uma realidade independente do observador e que o conhecimento científico resulta de múltiplas versões da realidade, as quais são coconstruídas entre o participante (que fornece os dados) e a pesquisadora (que coleta, analisa e interpreta os mesmos, seguindo rigorosamente o método científico). Desse modo, a realidade pode ser múltipla, dependendo de quem observa, do foco que lhe é atribuído e da forma como é estudada. Portanto, como não é possível, sob a perspectiva sistêmica, haver um único ponto de vista, constrói-se metapontos de vista, os quais mesmo frágeis e limitados, são requisitos que diferenciam o pensamento sistêmico do pensamento simples (verdade absoluta, causa-efeito e realidade independente do observador).

Logo, o que se apresenta nesta tese, trata-se de um desses metapontos de vista. Por essa razão, não podem ser considerados “verdade absoluta”, mas apenas uma das inúmeras maneiras de se compreender os fenômenos investigados. Uma vez que se trata de um estudo original e inédito, os resultados desta tese contribuem para o avanço no conhecimento científico.

Assim, a presente discussão visa integrar, de uma maneira breve e geral, a compreensão dos resultados apresentados nos artigos para responder aos objetivos propostos. Nesse sentido, não se trata de uma “discussão” propriamente dita, pois esta foi realizada em cada um dos artigos, e sim, trata-se muito mais de uma compreensão dos principais achados desta tese. Antes dessa compreensão, discutem-se aspectos do perfil dos participantes.

4.1 Pais e mães com elevada escolaridade, pais que estimulam os filhos, famílias funcionais e crianças pró-sociais. O que mais se pode afirmar acerca do perfil das famílias participantes?

Sobre o perfil sociodemográfico, verifica-se que a média aproximada de idade dos pais (37 anos) e mães (35 anos) indica que a maioria dos participantes são famílias que tiveram a criança focal após os 30 anos. Uma hipótese para essa idade é que possivelmente esses pais e mães esperaram uma maior estabilidade profissional para terem a criança.

Ademais, os pais participantes apresentaram, de modo geral, elevada média em anos de escolaridade, o que indica que grande parte dos pais possui ensino superior completo, o que pode ter interferido positivamente nos demais resultados desta pesquisa. Embora as mães apresentem, em média, mais anos de escolaridade que os pais, essa diferença não é significativa. Segundo Bossardi (2015), pais com maior escolaridade se envolvem mais em termos gerais e em jogos físicos com seus filhos.

Já com relação à carga horária semanal de trabalho, cuja média dos pais foi de 40 horas, se verifica que os pais trabalham significativamente mais horas que as mães. Uma hipótese para esse resultado pode ser decorrente de que em muitas famílias com filhos pequenos, constata-se papéis mais tradicionais de parentalidade (mesmo que temporários), de modo que a mãe costuma permanecer mais tempo com as crianças enquanto o pai se envolve mais com o sustento financeiro da família (McGoldrick, 2016).

Além disso, a maioria das famílias participantes foi uma família nuclear e todas são residentes do sul do Brasil. O fato de serem famílias biparentais também interfere nos resultados, pois estudos evidenciam repercussões negativas no desenvolvimento da criança em lares em que a figura paterna não se faz presente. Um desses estudos, por exemplo, evidencia que a ausência do pai durante a infância está associada a problemas emocionais, níveis menos elevados de desenvolvimento cognitivo, abuso de drogas, transtorno de conduta e gravidez na adolescência (Falceto, Fernandes, Baratojo, & Giugliani, 2008). Logo, é possível que esse perfil sociodemográfico tenha interferido nos resultados encontrados. Além disso, os resultados dessa tese ressaltam a importância das políticas públicas prestarem atenção no contexto familiar, e fomentarem relações mais funcionais e pais mais envolvidos.

A partir dos resultados apresentados no estudo quantitativo, constata-se que a maior média foi em Estímulo à perseverança, seguida de Estímulo a assumir risco e por fim, Punição. Esses resultados vão ao encontro do estudo de Backes (2015), cujas médias mais altas para a abertura ao mundo foram, na sequência: Estímulo à perseverança, Estímulo a assumir risco e, por último, Punição.

Segundo Bachand (2013), o pai estimula os filhos à perseverança especialmente durante atividades lúdicas, e esse estímulo contribui para o desenvolvimento do sentimento de confiança e segurança pessoal de seu filho. Esse envolvimento frequente e regular na estimulação da criança vai ao encontro a uma maior participação do pai nas atividades relacionadas aos filhos (Staudt & Wagner, 2008) bem como do que se espera do papel do pai (Bueno, Bossardi, & Vieira, 2015).

Além disso, o Estímulo à perseverança pode ser elevado neste estudo (comparado às outras dimensões) pelo fato de se referir mais a um “incentivo” às atividades do que avaliar de fato se o pai realiza a atividade com o filho. Um exemplo disso é o item que avalia a frequência com que o pai incentiva os filhos aos esportes: ele pode apenas dizer para o filho praticar esportes, pois o item não avalia se ele pratica junto. Logo, embora no estudo de Gomes, Crepaldi e Bigras (2013) verificou-se que quanto mais os pais trabalham, menos se envolvem com seus filhos, o fato de este estudo indicar que, mesmo com carga horária de trabalho elevada, os pais frequentemente estimulam seus filhos, isso pode ser pelo fato de essa estimulação poder ser em forma de incentivo.

Assim, embora se constate que a estimulação esteja sendo realizada com frequência nas famílias, o mesmo não se pode afirmar da Punição. Uma hipótese para esse resultado é que, como o tempo que os pais dispõem para seus filhos é reduzido devido a sua carga horária semanal de trabalho, muitos pais podem sentir-se culpados em disciplinar os filhos no pouco tempo que passam juntos (Bueno, Bossardi, & Vieira, 2015; Paquette, 2014). Ademais, é possível que a dimensão Punição tenha apresentado escores baixos porque, em nossa sociedade, punir com força física ou de forma severa são práticas que, embora aconteçam, são muito criticadas pelos direitos constitucionais brasileiros (ECA, 1990).

Outra justificativa para esse resultado é que os pais buscam estabelecer com seus filhos uma relação de maior proximidade com seus filhos quando comparado com a relação que eles mesmos possuem com os próprios pais. Logo, ao fugir de um modelo de pai majoritariamente

autoritário, os pais acabam tornando-se mais permissivos com seus filhos, os disciplinando menos (Gabriel & Dias, 2011).

Uma outra hipótese para os baixos escores em Punição é a elevada escolaridade que os pais apresentaram de um modo geral, o que pode repercutir em estratégias mais elaboradas de disciplina. Portanto, baixos escores de Punição indicam fator de proteção nessas famílias, uma vez que as famílias raramente relatam empregar este tipo de disciplina inadequada. Por outro lado, se faz necessário explorar que tipo de estratégias as famílias estão utilizando para a imposição de limites, uma vez que esta é importante para o desenvolvimento infantil.

Já com relação à Estímulo a assumir risco, trata-se de uma dimensão que apresentou escores medianos, possivelmente porque na versão adaptada para o Brasil, mantiveram-se apenas os itens referentes a situações de risco controlado. Nesse sentido, apesar da estimulação a assumir risco ser fundamental para a relação de ativação (Paquette & Bigras, 2010), constata-se que essa prática não parece ser tão difundida no contexto brasileiro como no contexto canadense em que a teoria foi desenvolvida. Uma justificativa para isso é que, dentre as experiências e aprendizagens resultantes do período do estágio de doutorado sanduíche da autora desta tese, no Canadá, constatou-se que as famílias canadenses estimulam mais suas crianças a assumir atividades de risco que as famílias brasileiras. Nesse sentido, a estimulação a assumir risco faz mais sentido e relevância para o contexto canadense do que para o brasileiro. Nessa direção, a disciplina das crianças canadenses fica muito mais evidente que a disciplina das crianças brasileiras, em especial ao se observar famílias em parques.

Essas dimensões da função de abertura ao mundo contemplam a relação de ativação pai-criança, analisada no estudo experimental. No referido estudo, constata-se que é a relação do tipo ativação a que predominou nas famílias, o que também é verificado nos estudos canadenses (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010). Uma relação do tipo “ativação” repercute em crianças mais autônomas, confiantes e seguras e menos depressivas, ansiosas e dependentes, bem como menos isoladas de seus amigos (Dumont & Paquette, 2012).

Essa relação do pai com a criança evidencia que os pais desta pesquisa encontram-se no modelo emergente de paternidade (em que no elemento tempo do modelo PPCT se verifica essa expectativa de um pai mais envolvido). Embora provedores do sustento financeiro da família, buscam ser mais participativos e envolvidos, ativando seus filhos

frequentemente, o que favorece um funcionamento familiar com Coesão e Flexibilidade equilibrados. Nesse sentido, tanto o microsistema - como a forma com que a família se organiza e se relaciona - quanto os aspectos mais amplos do contexto - como as regras, crenças, expectativas e culturas da sociedade em que as famílias estão inseridas - provocam repercussões na relação pai-criança, mas também resultam em parte e de certa maneira, desse relacionamento.

Com relação ao funcionamento familiar, constata-se que as maiores médias foram em Coesão equilibrada e Flexibilidade equilibrada, o que vai ao encontro dos resultados do estudo experimental, em que as famílias apresentaram um padrão de funcionamento familiar equilibrado e/ou rigidamente coeso. Nesse sentido, é possível que a maioria das famílias possuam níveis adequados de proximidade emocional e flexibilidade adequada, o que os possibilita dar conta das demandas cotidianas (Funcionamento equilibrado), bem como possivelmente também sejam famílias com elevada proximidade emocional, mas nem sempre conseguem ter a Flexibilidade equilibrada para dar conta dos desafios cotidianos (Funcionamento rigidamente coeso). Famílias com um funcionamento equilibrado são família “funcionais”, ou seja, são aquelas cujos padrões familiares atingem as metas da família, que dão conta das demandas situacionais e proporcionam o bem-estar socioemocional dos seus membros (Walsh, 2016).

Lembra-se que um padrão funcional para uma família pode não ser para outra (Walsh, 2016). Nessa direção, como as fronteiras, a distância psicológica entre os membros e os papéis entre os subsistemas estão em constante redefinição, atenta-se para a dinamicidade dessa funcionalidade (McGoldrick, 2016). Assim, nenhuma família está livre de problemas ou dificuldades, os quais podem fazer parte integrante da vida normal, sem ser considerado algo que necessite de procura de um especialista (Walsh, 2016).

Com relação aos comportamentos da criança, constata-se uma maior média em comportamentos pró-sociais. Isso pode ser resultante de diversos fatores, dentre eles de um funcionamento familiar saudável (equilibrado) e da função de abertura ao mundo (relativamente elevada) investigada neste estudo. O verbo no gerúndio é proposital, pois enfatiza o verbo “estar”. Logo, por exemplo, a criança não “é” pró-social, ela “está”. E se ela está, ela está em relação a alguém, em determinado contexto, se ela está no agora, depois ela pode não estar mais. Enfim, deixa-se em evidência o não determinismo e a dinamicidade das relações,

porque se uma criança “é” pró-social (apenas citando um dos comportamentos investigados na presente tese), não há muito o que pode ser feito, mas se ela “está”, ampliam-se as possibilidades de reflexão e intervenção, e, inclusive, para se manter esse comportamento desejado e promover em outras crianças. Nesse mesmo sentido, como as relações são dinâmicas e tanto a ativação quanto o funcionamento familiar podem ser compreendidos como um contínuo, há momentos em que se pode estar mais ativado ou menos que outros, e há momentos em que a coesão ou flexibilidade podem estar mais elevadas ou baixas (modificando as fronteiras entre os subsistemas da família e, conseqüentemente, as formas relacionais), também há situações que as crianças podem apresentar determinados repertórios comportamentais com mais facilidade.

Também se verificou que as meninas costumam ser significativamente mais pró-sociais do que os meninos. Uma hipótese para isso é que as meninas costumam ser mais incentivadas que os meninos a focarem em relacionamentos, cuidarem de algo ou de alguém e a falarem de seus sentimentos e compartilharem experiências. Trata-se de algo perpetuado culturalmente.

Por outro lado, os meninos mostraram-se significativamente mais hiperativos que as meninas. Isso pode ser justificado porque os meninos costumam ser mais agitados, agressivos, ativos e impulsivos que as meninas, e por isso, assumem mais riscos e tem mais acidentes. Assim, meninos pré-escolares tendem a ter mais Problemas de conduta que as meninas (Bigras et al., 2000). Como os Problemas de conduta estão correlacionados à Hiperatividade, pode-se afirmar que, de modo geral, os meninos tendem a apresentar mais problemas exteriorizados que as meninas. Além disso, como os meninos tendem a ser mais agressivos, os pais punem mais os meninos do que as meninas (Farver & Wimbarti, 1995 apud Paquette, 2004b), e como neste estudo a Punição está correlacionada positivamente com a Hiperatividade, isso pode favorecer estes resultados.

4.2 Correlações dos fenômenos da tese com as variáveis sociodemográficas: a importância da escolaridade do pai

Com relação às correlações das variáveis dos fenômenos investigados com os dados sociodemográficos, constata-se que quanto mais anos de escolaridade o pai possui, mais se constata Estímulo a

assumir risco e Estímulo à perseverança. Isso pode ser justificado pelo estudo de Souza e Benetti (2009), que verificaram que quanto maior a escolaridade do pai, mais o mesmo se envolve com as crianças. Bossardi (2015) também constata que quanto maior a escolaridade do pai, mais ele se envolve em abertura ao mundo e em jogos físicos com as crianças, dimensões estas do envolvimento paterno e que estão diretamente relacionadas com a função de abertura ao mundo. É possível que esses resultados sejam decorrentes do fato de o pai com maior escolaridade compreender melhor as repercussões e a importância do seu envolvimento para o desenvolvimento infantil.

Esses resultados também vão ao encontro do estudo de Stevenson e Crnic (2013), que constataram que o comportamento de ativação do pai e seu nível educacional estão positivamente correlacionados, em que, quanto maior a escolaridade, mais o pai apresenta comportamento de ativação. Isto porque, conforme já mencionado, o Estímulo a assumir risco e Estímulo à perseverança são dimensões da função de abertura ao mundo que favorece a relação de ativação.

Nessa direção, também se verifica nas correlações deste estudo que quanto mais anos de escolaridade do pai, menos Problemas de conduta, Problemas de relacionamento com colegas e Hiperatividade. Claro que esses resultados referentes à correlação não permitem inferência de causalidade, mas se existe uma correlação significativa, deve-se estar atento à importância da escolaridade.

Não se constatou correlação significativa da Coesão e da Flexibilidade equilibradas com as variáveis sociodemográficas, embora, segundo Fernandes (2011), pessoas com maior nível de escolaridade apresentam maior coesão familiar, o que pode ser justificado pelo fato de pessoas mais instruídas geralmente apresentarem mais recursos e estratégias de *coping* para lidar com as adversidades. Por outro lado, verifica-se que anos de escolaridade do pai apresentam correlação negativa e significativa com todas as dimensões desequilibradas do funcionamento familiar. Logo, quanto mais escolaridade do pai, menos escores nas dimensões desequilibradas são constatados.

É importante ressaltar que os resultados dos estudos recém mencionados acerca da escolaridade do pai não significam que pais com elevada escolaridade necessariamente se envolvam mais com os filhos ou que possuam uma relação familiar cujos membros apresentam adequada proximidade emocional, mas apenas que este é um dos fatores que costuma influenciar positivamente no engajamento com os filhos e nas

relações familiares. Nesse sentido, ressalta-se que se evidenciam pais com baixa escolaridade muito envolvidos e com relações familiares funcionais ou pais com alta escolaridade e cujo funcionamento familiar encontra-se em níveis desequilibrados. Assim, a escolaridade é um fator importante, mas se faz necessário estar atento para outros fatores que também podem estar interferindo e precisam ser considerados ao se compreender a complexidade da relação pai-filho(a) e as relações familiares.

Além disso, anos de escolaridade do pai foi a variável sociodemográfica que mais apresentou correlações significativas com outras dimensões. É possível que isso interfira não apenas no emprego do pai, mas principalmente na renda da família e na importância e conhecimento que o mesmo tem sobre sua participação na família.

Outra variável que apresentou correlação significativa foi a idade do pai com Coesão emaranhada, o que indica que quanto mais idade do pai, menos Coesão emaranhada. Ao se compreender que o desenvolvimento humano vai da indiferenciação à diferenciação (Bowen, 1979), o fato de aparecer uma correlação negativa entre a idade do pai e a Coesão emaranhada faz surgir a hipótese de que quanto mais velho o pai, mais possivelmente diferenciado ele esteja dos demais membros da família, o que pode contribuir para reduzir a Coesão emaranhada.

E por fim, outra correlação significativa foi a idade da criança com os Sintomas emocionais, o que indica que quanto mais idade a criança tem, mais Sintomas emocionais ela relata. Uma hipótese para isso é que crianças com mais idade conseguem se expressar melhor aos seus pais, o que pode fazer com que a mãe afirme que ela expressa mais Sintomas emocionais.

Embora a carga horária de trabalho do pai interfira no seu envolvimento (Lamb, 1997; Pleck, 1997), constata-se que no presente estudo essa variável não apresentou correlações significativas com os demais fenômenos. Uma das hipóteses para esse resultado é que outros fatores podem estar interferindo mais no envolvimento paterno que a carga horária de trabalho semanal do pai.

4.3 Relação de ativação e comportamento da criança: a relevância da função de abertura ao mundo para as dificuldades das crianças

Tanto o estudo quantitativo quanto o estudo experimental evidenciaram o relacionamento entre a função de abertura ao mundo (no

caso do estudo quantitativo) ou a relação de ativação (no caso do estudo experimental) e o comportamento da criança. Embora no estudo experimental inferiu-se que poderia haver uma relação entre escores elevados de ativação e escores elevados em capacidades e baixos em dificuldades, no estudo quantitativo, constatou-se que a função de abertura ao mundo apresentou-se significativamente relacionada apenas às dificuldades apresentadas pelas crianças.

Esses resultados vão ao encontro da literatura, ou seja, estudos canadenses evidenciam que quanto maior a ativação do pai com a criança, menos problemas interiorizados e exteriorizados a criança apresenta (Dumont & Paquette, 2012; Paquette, 2004c). Ou seja, pode-se inferir que a função de abertura ao mundo (em suas dimensões de estimulação), e a relação de ativação, apresentam consequências positivas ao comportamento da criança, reduzindo suas dificuldades, pois as mesmas retratam o envolvimento paterno, o qual contribui de modo positivo para o desenvolvimento da criança (Bueno, Gomes, & Vieira, 2015; Bueno & Vieira, 2014).

Como no estudo experimental os escores de algumas crianças dão indícios de problemas clínicos nas dimensões Problemas de conduta, Problemas de relacionamento com colegas e Hiperatividade, infere-se que as famílias podem estar apresentando dificuldade no estabelecimento de limites. Isso é corroborado no estudo quantitativo com a dimensão “Punição” que se apresentou positivamente correlacionada com algumas dificuldades da criança. Logo, trata-se de uma dimensão com problemas em sua elaboração, tendo em vista que, por ser parte da função de abertura ao mundo que promove o desenvolvimento infantil, ela não poderia ser uma dimensão negativa. Portanto, para contemplar a abertura ao mundo, ela necessita abarcar o “controle positivo/disciplina”, uma vez que os pais precisam impor limites e estabelecer regras claras e bem definidas para promover um desenvolvimento adequado aos filhos.

Além disso, embora os resultados do estudo experimental sejam mais exploratórios e a partir deles inferiu-se uma possível relação entre a relação de ativação com a criança e o Comportamento pró-social, reconhece-se que outros fatores podem estar contribuindo para o Comportamento pró-social da criança. Isso é reforçado no estudo quantitativo, no qual não se encontrou correlações significativas entre a função de abertura ao mundo e os comportamentos pró-sociais da criança (capacidades). Outra hipótese é que embora a função de abertura ao mundo promova a relação de ativação e vice-versa, as mesmas não podem

ser consideradas sinônimos, e, nesse sentido, por serem constructos diferentes, pode ser que a pró-sociabilidade esteja relacionada mais à relação de ativação do que à função de abertura ao mundo. Porém, essa hipótese é meramente especulatória e se faz necessário maiores estudos a respeito.

4.4 Considerações acerca do funcionamento familiar equilibrado para o comportamento da criança

Constata-se tanto no estudo quantitativo quanto no estudo experimental que o funcionamento familiar e o comportamento da criança estão relacionados. Verifica-se que no estudo quantitativo, que as dimensões equilibradas apresentaram escores mais elevados nas médias das dimensões do funcionamento familiar, bem como apresentaram mais correlações significativas com o comportamento da criança do que as dimensões desequilibradas. Além disso, as variáveis equilibradas do funcionamento familiar se correlacionaram positiva e significativamente com as capacidades da criança, e negativamente com algumas dificuldades da criança.

Já no estudo experimental se constatou que as famílias apresentam um funcionamento familiar do tipo rigidamente coeso e/ou um funcionamento equilibrado, e a maioria das crianças apresenta escores não-clínicos em quase todas as dimensões. A coesão em níveis equilibrados ou elevados é algo esperado para as famílias da pesquisa, pelo fato de terem filhos pequenos, o que demanda dos cuidadores um maior envolvimento, e portanto, uma maior proximidade emocional. Além disso, a flexibilidade equilibrada ou baixa pode indicar que diante das mudanças cotidianas e nesta fase do ciclo vital as famílias podem apresentar algumas dificuldades em organização, estabelecimento de regras claras e bem definidas ou em sua capacidade de negociações. Como estes são aspectos “esperados” nesta fase do ciclo vital, parte-se do pressuposto que esse padrão de funcionamento familiar esteja relacionado com o fato da maioria das crianças ter escore não-clínico em quase todas as dimensões.

Famílias com escores de Coesão e Flexibilidade equilibrados remetem ao que a literatura aponta como uma família “funcional” (Walsh, 2016). Nesse sentido, uma família funcional apresenta repercussões positivas aos seus membros (como por exemplo, nos comportamentos da

criança), pois famílias com proximidade emocional e cujas regras e padrões de relacionamento estão bem definidos proporcionam que a criança sintam-se confiante e segura, o que repercute nas relações sociais, como uma maior pró-sociabilidade, e redução de dificuldades comportamentais.

Embora no estudo experimental inferiu-se uma possível relação entre o funcionamento familiar equilibrado (ou rigidamente coeso) e Hiperatividade (na maioria das crianças com escores não-clínicos), no estudo quantitativo não se apresentaram correlações significativas da Hiperatividade com o funcionamento familiar. Logo, é possível que outros fenômenos exerçam maiores influências sobre a referida variável, dentre elas, como já mencionado, a função de abertura ao mundo.

4.5 Há relação entre o funcionamento familiar e a relação de ativação (função de abertura ao mundo)?

Sim. No estudo quantitativo verificou-se, de um modo geral, que o Estímulo à perseverança e a assumir risco estão positivamente correlacionados às dimensões equilibradas do funcionamento familiar e negativamente correlacionados às dimensões desequilibradas. Com a dimensão Punição aconteceu o contrário, possivelmente por tratar-se de uma dimensão “invertida”, com problemas em sua formulação. Já no estudo experimental se verificou que o funcionamento das famílias foi do tipo rigidamente coeso e/ou equilibrado, o que indica que os escores dos níveis equilibrados estão mais elevados, e a maioria das crianças apresentou com seus pais uma relação do tipo ativação (em que os pais estimulam seus filhos), o que possibilitou a inferência da relação entre os fenômenos.

Logo, é possível que, quanto mais equilibrado for o funcionamento familiar (Flexibilidade e Coesão familiar equilibrados), mais os pais ativarão seus filhos (por meio, principalmente, do Estímulo à perseverança), e quanto mais os pais ativam seus filhos (os estimulando à perseverança, por exemplo), mais Flexibilidade e Coesão equilibrados serão constatados no contexto familiar. Portanto, quando há proximidade emocional e as regras e papéis estão claramente definidos e estabelecidos na família, verifica-se que mais o pai estimula seus filhos (em especial em perseverança) e menos pune os mesmos. Ao estimular os filhos, os pais realizam ativação e abertura ao mundo. Por sua vez, quanto mais

ativação e abertura ao mundo, maior será a proximidade entre os membros da família, e assim, maior a Coesão familiar e também maior a Flexibilidade equilibrada na família. Isso remete à causalidade circular recursiva, que pode ser representada graficamente por uma espiral, em que o produto é produtor do próprio processo que o produz, e nesse sentido, os efeitos e produtos retornam ao processo que os gerou, reforçando-o e gerando processo de produção, diferente do patamar anterior (Oliveira & Crepaldi, 2017; Vasconcellos, 2010).

4.6 Interdependência entre a relação de ativação, funcionamento familiar e comportamento da criança

A partir dos resultados do estudo quantitativo e experimental, pode-se inferir a interdependência entre os fenômenos. Ou seja, é possível que o comportamento da criança tenha elevados escores em Comportamento pró-social, e, de modo geral, baixos escores na maioria das dimensões de dificuldades devido ao funcionamento familiar e relação de ativação/função de abertura ao mundo que os participantes relataram. Por sua vez, esse comportamento da criança pode favorecer a relação de ativação/função de abertura ao mundo e a Flexibilidade e Coesão familiar equilibrados.

Além disso, embora se tenham apresentado nos resultados os comportamentos das crianças em separado, compreende-se que essa separação é muito mais teórica do que prática, já que precisa-se compreender os mesmos “como partes de um todo” (Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014; Vasconcellos, 2010). Nesse sentido, o “todo” dos comportamentos da criança não pode ser pensado como apenas as somas dessas “partes”, pois essas partes interagem e emerge algo diferente. Por isso, optou-se por discutir o todo, mas considerando as partes, como sugerem Minuchin e Fishman (1990), ora analisando-se as especificidades, ora ampliando o olhar e compreendendo a interação dentro desse “todo”.

Também ressalta-se que, embora se tenha explorado a figura masculina no contexto das relações familiares e, em especial, a relação pai-criança, não se busca nesta tese ressaltar que uma figura parental seja mais importante ou “melhor” que a outra. Ou seja, busca-se investigar uma forma de vinculação mais característica do pai com a criança, o

contexto familiar em que essa vinculação está inserida, bem como os comportamentos da criança.

Assim, não se busca problematizar ou reforçar estereótipos de gênero, e sim, apenas apontar especificidades da relação pai-criança inseridos no contexto familiar que podem ser consideradas positivas nos comportamentos da criança dependendo da forma como se manifestam e desse contexto em que estão inseridas. Nesse sentido, como já mencionado, o fato de geralmente os homens “ativarem” mais as crianças não significa exclusividade ou determinismo, e, por essa razão, as mulheres também podem “ativar” as crianças. Compreende-se que existem vários fatores que modulam o jeito de cada ser, mas que em pesquisas científicas, busca-se encontrar algumas regularidades. Além disso, essas regularidades não indicam homogeneidade, pois é importante que se considere que existem diferenças entre os homens e as famílias. Também compreende-se que cada pessoa tem um jeito próprio de interagir com as outras pessoas, o que está relacionado com sua história de vida, personalidade, suas vivências, entre outros.

Logo, busca-se relativizar a dicotomia pai *versus* mãe e a diferença dos papéis parentais. Isto porque outras pessoas podem realizar a abertura ao mundo que não apenas pais e mães, mas podem ser tios, primos, professores, pessoas próximas, entre outros. É importante que a criança tenha um ambiente saudável de desenvolvimento que propicie a ela ter segurança, explorar o ambiente e ter autonomia, independentemente de quem for o seu cuidador. Há estudos como os de Majdandzie et al. (2016), por exemplo, que não constatou diferença no comportamento parental desafiador entre pais e mães nas suas observações, mas os pais relataram escores mais elevados que as mães nesses comportamentos desafiadores quando a criança tem dois anos e meio. Por outro lado, há estudos que evidenciam peculiaridades entre pais e mães (Dumont & Paquette, 2012; Paquette, 2004c).

Parte-se do pressuposto de que ambos os pais e mães são fundamentais para a criança, apresentando uma complementariedade de papéis que é benéfico para o desenvolvimento da mesma (Dumont & Paquette, 2012) bem como um papel aditivo, já que ambos possuem também papéis semelhantes e podem realizar as mesmas atividades. Nesse sentido, reforça-se a importância do compartilhamento das atividades referentes à criança. Claro que em famílias com outras configurações familiares é possível que outras pessoas assumam esses

papéis, o que significa que não necessariamente precise ser o pai ou a mãe da criança.

Ademais, o presente estudo evidenciou que a Punição aumenta os Problemas de conduta na criança, mas que para os mesmos escores de Punição, quanto mais Coesão equilibrada, menor será o efeito da Punição sobre os Problemas de conduta. Logo, a Coesão equilibrada atua como mediadora entre Punição e Problemas de conduta.

Além disso, se verificou que tanto a Coesão equilibrada alta quanto a Flexibilidade equilibrada alta, quando em interação com o Estímulo à perseverança, podem tornar-se moderadoras dos Sintomas emocionais da criança, influenciando tanto a Coesão equilibrada alta, a Flexibilidade equilibrada alta ou o Estímulo à perseverança sobre os Sintomas emocionais. Assim, constata-se que essas variáveis reduzem os Sintomas emocionais relatados pela criança.

Além disso, o modelo de mediação explica aproximadamente 7% dos Problemas de conduta, enquanto os modelos de moderação explicam aproximadamente 12% dos Sintomas emocionais. A partir desses modelos, pode-se inferir que a proximidade entre os membros propicia que a família dê conta das necessidades emocionais dos mesmos, o que pode reduzir os Problemas de conduta nas crianças, uma vez que elas podem lidar com seus conflitos ou dificuldades de formas mais produtivas, bem como reduz sintomas de ordem emocional (Andolfi, 1996). Nesse sentido, com base nos resultados encontrados, pode-se afirmar que é importante que o pai estimule seus filhos e desenvolva estratégias de imposição de limites que garantam a segurança e a proteção da criança, como por meio do diálogo e disciplina não violenta, e que na família sejam cultivadas a proximidade emocional e que as regras, organização e negociação entre os membros da família estejam estabelecidas, para que fique claro o que compete a cada membro.

Por fim, o presente estudo evidenciou que apenas a relação do pai com a criança se mostra insuficiente para compreender seus comportamentos, pois o funcionamento familiar interfere nas relações entre os membros da família, dentre eles, a relação pai-criança. Assim, consideram-se os fenômenos discutidos a partir do modelo PPCT como sistemas interdependentes, e além de se considerar o funcionamento familiar, deve-se também considerar a interação entre o funcionamento familiar e a relação de ativação (função de abertura ao mundo) para melhor compreender os comportamentos da criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente tese concluiu-se que a relação de ativação pai-criança, o funcionamento familiar e o comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais estão associados. Nesse sentido, é importante considerar a interação entre os fenômenos para melhor compreendê-los.

Embora a maioria dos pais deste estudo estimula seus filhos e possui um funcionamento familiar com Coesão e Flexibilidade equilibrados, há pais que não estimulam seus filhos, ou cuja Punição eleva as dificuldades nos comportamentos das crianças, ou ainda há famílias com níveis elevados nas dimensões desequilibradas de funcionamento familiar. Isto evidencia a importância de programas de intervenção e/ou de grupos psicoeducativos que incentivem um maior envolvimento dos pais na vida familiar (em especial com os filhos) e que fomentem relacionamentos familiares harmônicos (com níveis equilibrados de Coesão e Flexibilidade). Intervenções que considerem as particularidades de cada família, buscando os recursos que os próprios membros evidenciam, podem ser efetivas maneiras de promoção psicossocial da família.

Também é importante deixar claro que esta tese não busca “normatizar” o comportamento do pai ou da família, indicando o que deve ou não ser feito ou é que é ou não “errado”, pois não se busca reforçar estereótipos ou desigualdades nas formas de ser pai e mãe. Entende-se que é necessário compreender como que a relação pai-criança acontece no contexto familiar e as associações disto com os comportamentos da criança para ampliar o conhecimento sobre o assunto e apontar novas possibilidades de intervenções e perspectivas.

Nessa direção infere-se que as conclusões do presente estudo poderão contribuir na elaboração de estratégias que fomentam a saúde psicossocial nas famílias (a partir de um incentivo para um funcionamento familiar equilibrado e uma relação pai-criança do tipo ativação), em especial, para a promoção do desenvolvimento infantil. Assim, além de reforçar práticas funcionais no contexto familiar, é importante rever a forma como a Punição está sendo realizada nas famílias, uma vez que a disciplina é importante para o desenvolvimento infantil, mas a Punição indicou não apresentar resultados positivos.

Além disso, a complementaridade da análise quantitativa e experimental, com dados oriundos de questionários e da observação permitiu uma melhor compreensão dos fenômenos investigados. Além

disso, optou-se por utilizar questionários não apenas respondidos pela mãe, mas pelo próprio pai, uma vez que é importante dar mais voz a esta figura do contexto familiar (Bossardi, 2011, 2015; Bueno, 2014).

Em termos epistemológicos, compreendeu-se as diferentes teorias e fenômenos pelo pensamento sistêmico, que apresenta uma possibilidade integrativa. Uma justificativa para essa integração foi porque a perspectiva sistêmica permite uma melhor compreensão do contexto, e entende-se a relação pai-criança (relação de ativação) como inserida em um contexto familiar, que dependendo das características da família poderão ocorrer modulações na relação pai-criança. Essa articulação entre os fenômenos “relação de ativação”, “funcionamento familiar” e “comportamento da criança”, que possuem bases epistemológicas distintas, a partir da perspectiva sistêmica é algo inédito e possibilitou uma compreensão mais ampla da interação entre os referidos fenômenos.

Em termos metodológicos, os instrumentos e técnica utilizados nesta pesquisa se mostraram adequados para atingir aos objetivos propostos, e o estudo poderia ser replicado em outros contextos. Contudo, existem limitações, e ajustes podem ser feitos para melhor contemplar os fenômenos em estudos futuros.

Como este estudo faz parte de uma pesquisa maior, os participantes da pesquisa respondiam diversos questionários, como já mencionado ao longo da presente tese. Porém, é possível que nos últimos questionários a serem respondidos muitos participantes já estivessem cansados em responder, e talvez podem não ter pensado muito em que resposta dar. Para contornar tal situação, sugere-se, em estudos futuros que se utilizem de um grande número de questionários, que metade dos “kits” tenha uma ordem dos questionários e na outra metade, a ordem seja invertida. Ou seja, se metade dos kits possui os questionários na ordem “*a, b, c, d e e*”, a outra metade teria os questionários na ordem “*e, d, c, b e a*”.

Quanto aos instrumentos, uma das limitações do QOM é que ele avalia apenas a frequência com que o pai estimula e pune o seu filho, mas não explora como o faz. Nesse sentido, sugere-se que estudos que se utilizem do questionário, articulem no estudo também entrevistas e observações para melhor explorar o fenômeno.

Outra limitação do QOM foi ter itens na “negativa”, ou seja, itens que depois na hora da análise estatística foram invertidos. Esses itens permaneceram desta forma na versão em português porque o instrumento original estava elaborado com as referidas frases na negativa. Porém, após a realização deste estudo, constata-se que nos itens com “negativa”,

como, por exemplo, “Eu não deixo meu/minha filho(a) fazer coisas que podem ter algum risco de lhe causar um pequeno ferimento”, geravam dúvidas na hora de responder. Nesse sentido, para a utilização do QOM em estudos futuros, sugere-se alterar esses itens que estão na negativa, deixando a frase positiva.

Outra limitação do QOM é ter como alternativa de resposta a coluna “não se aplica”, que se optou por manter por ter no instrumento original. Essa coluna surge como uma limitação no momento da análise, e para não ser interpretada como um *missing*, optou-se por substituir os itens respondidos como “não se aplica” por 1, compreendendo que os pais não realizavam a atividade do item e por essa razão não sabiam como responder.

Há ainda itens do QOM que indicam negligência ou Punição física e severa, as quais são socialmente não aceitas, o que pode também ter enviesado as respostas. Esses itens contemplam a dimensão “Punição”, a qual, ao invés de ser uma dimensão “positiva” (assim como Estímulo à perseverança e Estímulo a assumir risco), é uma dimensão “negativa”. Em conversa com o autor do instrumento (durante o doutorado sanduíche) sobre os resultados e o referido instrumento, o mesmo reconhece que essa dimensão precisa ser alterada para “controle positivo/disciplina”, uma vez que trata-se de uma dimensão da abertura ao mundo, a qual é promotora do desenvolvimento infantil.

Com relação à FACES-IV, ela se mostrou um instrumento satisfatório para investigar o funcionamento familiar em famílias biparentais. Porém, a mesma pode ser inadequada para famílias monoparentais ou famílias divorciadas, por exemplo.

Sobre o SDQ, o *Alfa de Cronbach* se mostrou um pouco abaixo do esperado na maioria das dimensões para a amostra deste estudo. Porém, como se trata de um instrumento validado no Brasil e amplamente utilizado na literatura, parte-se do pressuposto de que os *alfas* desta amostra não invalidam os resultados encontrados. Por outro lado, atenta-se para esse fato e sugere-se que mais estudos sejam feitos com esses fenômenos.

Além disso, a maioria das aplicações dos questionários aconteceu na casa dos participantes. Muitas dessas coletas aconteceu no período da noite (após o trabalho dos pais), em que os pais já estavam cansados, o que pode ter contaminado a fidedignidade das respostas. Além disso, na maioria das vezes a criança estava junto ou na sala do lado, então com frequência a aplicação era interrompida para que o pai ou a mãe pudessem

dar atenção à criança. A presença da criança, quando perto do pai que estava respondendo, também pode ter interferido nas respostas.

Tanto o QOM, quanto a FACES-IV e o SDQ são formas de se acessar aos fenômenos. Porém, o que os pais afirmam que fazem ou o que as mães dizem que seus filhos fazem é perpassado por suas percepções, o que pode não ser, de fato, a forma como eles realmente agem. Nesse sentido, é possível haver desejabilidade social nas respostas. Porém, para contornar essa situação, observações do cotidiano da família em sua residência seriam uma possibilidade, o que fica como uma sugestão para estudos futuros. Entrevistar ambos os pais sobre cada fenômeno também poderia complementar e ampliar o conhecimento acerca dos fenômenos, reduzindo o viés.

Outro aspecto importante em termos metodológicos foi o fato de os próprios pesquisadores terem preenchido os itens que os participantes respondiam: isso possivelmente reduziu o número de dados faltantes, e evitou maiores constrangimentos às pessoas com baixa alfabetização (havia um pai não alfabetizado) participantes da pesquisa, que, embora poucas, são parte da amostra.

Porém, a presença dos pesquisadores e o fato de serem os pesquisadores que assinalaram o que os participantes respondiam possivelmente também acarretou em um viés nas respostas, de modo que algumas respostas podem ter sido o que o participante achava ser correto responder, e não talvez o que de fato eles responderiam. Essa desejabilidade social também pode ter acontecido durante as observações, em que os pais mostraram-se ansiosos. Buscou-se contornar essa ansiedade e desejabilidade social lembrando várias vezes às famílias durante a coleta de dados que não haviam respostas certas ou erradas, nem comportamentos certos ou errados, e sim, que o interesse da pesquisa era compreender os comportamentos das crianças e o contexto familiar. Além disso, conforme já mencionado, compreende-se, a partir da perspectiva sistêmica, que existem múltiplas versões da realidade.

Também é possível que as famílias que aceitaram participar da pesquisa sejam mais envolvidas com seus filhos do que os que não aceitaram participar. Nesse sentido, o fato de se ter encontrado, de modo geral, escores maiores nas capacidades das crianças, menores em suas dificuldades, uma relação pai-criança predominantemente de ativação (e elevada estimulação realizada pelo pai) e um funcionamento familiar com níveis equilibrados de Coesão e Flexibilidade possivelmente é devido a esse viés na amostra.

Constata-se que o método da bola de neve foi o que teve maior eficácia no recrutamento dos participantes. Porém, o fato de a amostra ter sido acessada por conveniência ou pelo método da bola de neve também pode ter enviesado os resultados, uma vez que dessa maneira reduziu-se a diversidade dos participantes.

Ao longo desta tese buscou-se afirmar possíveis relações e influências, mas estas precisam ser relativizadas dependendo do contexto em que acontecem. Isto porque o fato de se encontrar tais resultados com as famílias deste estudo (famílias biparentais heteroafetivas da região sul do Brasil) não significa que em todas as famílias seja dessa maneira. Ou seja, não necessariamente em outras configurações familiares ou em outras regiões do país se constatariam os mesmos resultados.

Parte-se do pressuposto de que a compreensão da relação entre os fenômenos desta tese em famílias biparentais heteroafetivas permite compreender como esses fenômenos se manifestam em outras configurações familiares. Uma justificativa para isso é que McFarlane, Bellissimo e Norman (1995) constataram que a configuração familiar não interfere no funcionamento da família. Porém, para maiores afirmações, estudos com essas outras configurações se fazem necessários. Assim, embora seja relevante estudar os fenômenos do presente estudo em famílias biparentais, se faz necessário ampliar o estudo para famílias de diferentes configurações familiares, como famílias monoparentais, homoafetivas, família estendida, entre outras, bem como comparar resultados com filhos biológicos e não biológicos.

Nessa direção, também se sugere realizar o presente estudo em uma amostra maior de pessoas, bem como em pessoas de diferentes regiões do país, e até mesmo de outros países, a fim de ampliar as contribuições dos resultados encontrados. Também seria interessante investigar esses fenômenos principalmente em outras culturas, como na sociedade oriental, pois segundo Majdandzie et al. (2016), a cultura interfere no papel do pai e em seu comportamento de desafiar a criança.

É importante lembrar que os valores de *Alfa de Cronbach* obtidos com o questionário que investigou os comportamentos da criança nesta amostra indicaram que a confiabilidade não apresentou valores almejados em todas as dimensões, o que sugere que os resultados referentes aos comportamentos das crianças podem sofrer variações. Embora seja esperado que variações aconteçam, a baixa confiabilidade indica que elas podem ser mais elevadas. Nesse sentido, para maiores generalizações,

faz-se necessário contextualizar o referido resultado, e relativizá-lo, quando possível.

Além disso, também é necessário lembrar que a maioria das correlações e associações, mesmo as significativas, mostraram-se fracas, e, por essa razão, é preciso tomar cuidado ao generalizar esses resultados para outras populações. Ademais, as afirmações acerca dos modelos de mediação e moderação são com base em modelos significativos que explicam aproximadamente 7% e 12%, respectivamente, o que é um modelo explicativo por considerar poucas variáveis, mas indica também que a grande parte dos comportamentos da criança são compreendidos por outros fenômenos não explorados na presente tese.

Quanto às análises realizadas, inferências de causa e efeito foram realizadas, mas deve-se atentar a elas, pois são tentativas de explicar apenas uma pequena parcela da realidade, de modo que precisam ser contextualizadas e relativizadas. Ou seja, a ampliação do olhar para uma perspectiva sistêmica em que há diversos fatores se faz necessária. Embora ao longo de toda a tese ressaltou-se essa necessidade de contextualização e de se manter um pensamento circular recursivo, em algumas análises estatísticas alguns recortes foram feitos, mas ressalta-se que são apenas partes para melhor compreensão do todo (Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014).

Assim, as análises realizadas são um recorte sobre os dados, ou seja, outras análises podem ser feitas para explorar melhor os dados, como considerar as dimensões de comunicação e satisfação da FACES-IV. Também se pode investigar o efeito moderador da FACES-IV sem considerar ela como em interação com a função de abertura ao mundo, ou ainda, considerar o efeito de interação com as dimensões negativas da FACES-IV. Enfim, as possibilidades são inúmeras, e dependerão dos objetivos propostos pelo pesquisador.

Portanto, outras variáveis relacionadas aos comportamentos da criança, à relação de ativação pai-criança (ou função de abertura ao mundo) e às relações familiares poderiam ser incluídas neste estudo. Nesse sentido, estudos que envolvam variáveis que influenciam nos fenômenos investigados na presente tese também se fazem necessários, como incluir no estudo as variáveis *maternal gatekeeping* (mediação da relação pai-criança realizada pela mãe), coparentalidade, temperamento da criança (Paquette & Bigras, 2010), personalidade do pai (Silva, 2017). Estas e outras variáveis estão sendo investigadas por outros pesquisadores do grupo de pesquisa do qual esta tese faz parte. Porém, investigar

também a personalidade da mãe, a influência de irmãos, a relação conjugal, crenças e expectativas dos papéis parentais, entre outros aspectos também são fundamentais.

Também se sugere que sejam realizados estudos longitudinais para melhor compreender as repercussões da relação de ativação pai-criança e do funcionamento familiar nos comportamentos da criança. As repercussões desses fenômenos ao longo do tempo proporcionarão contribuições inclusive em termos desenvolvimentais.

Por fim, é importante ressaltar que no final de cada coleta de dados, muitos pais afirmaram ter gostado de participar da pesquisa e se colocaram à disposição para colaborar em estudos futuros como participantes. Como mencionado por Bueno (2014), embora o fato de terem gostado de participar pode ser uma manifestação de desejabilidade social, este pode ser também uma resposta sincera de que foi bom falar sobre sua criança, sua relação pai-filho(a) e demais relações familiares.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Andolfi, M. (1996). O triângulo como unidade mínima de observação. In *A linguagem do encontro terapêutico*. (pp.30-47). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P., & Nicolo-Corigliano, A. M. (1984). O indivíduo e a família: dois sistemas em evolução. In *Por trás da máscara familiar* (pp. 17–26). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Araújo Freitas, L. M., & Alvarenga, P. (2016). Interação pai-criança e problemas externalizantes na infância. *Psico*, 47(4), 279–287. <http://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23170>
- Aun, J. G., Vasconcellos, M. J. E. de, & Coelho, S. V. (2012). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: Vol. I Fundamentos teóricos e epistemológicos* (3 ed). Belo Horizonte: Ophicina de arte & prosa.
- Bachand, Y. (2013). *Sentiment de compétence parentale, qualité de la relation d'attachement et la fonction paternelle d'ouverture sur le monde chez des pères d'enfant d'âge scolaire* (Dissertação de Mestrado). Université de Montréal.
- Backes, M. S. (2015). *A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Backett-Milburn, K., & Harden, J. (2004). How Children and Their Families Construct and Negotiate Risk, Safety and Danger. *Childhood*, 11(4), 429–447. <http://doi.org/10.1177/0907568204047105>
- Bernal, A. C. L. (2012). Funcionamiento familiar, conflictos con los padres y satisfacción con la vida de familia en adolescentes bachilleres. *Acta Colombiana de Psicología*, 15(1), 77–85. Retrieved from <http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0-84870329642&partnerID=tZOtx3y1>
- Bigras, M., Sherbrooke, U. De, & Paquette, D. (2000). L'interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 16(2), 91–102.
- Boing, E. (2014). *Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional* (Tese de

- doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251–266.
- Bolze, S. D. A. (2016). *Táticas de resolução de conflitos conjugais e parentais: Uma perspectiva da transmissão intergeracional* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bossardi, C. N. (2015). *Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: Relações com os sistemas parental e conjugal* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bossardi, C. N., Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2015). Interação do pai com seus filhos e filhas. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: Percursos, desafios e possibilidades* (pp. 77–93). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2016). Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In L. V. de C. Moreira, E. P. Rabinovich, & P. C. S. do V. Zucoloto (Eds.), *Paternidade na sociedade contemporânea: O envolvimento paterno e as mudanças na família* (pp. 81–100). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Revista Psicologia Argumento*, 31, 237–246.
- Bowen, M. (1979). *De la familia al individuo: la diferenciacion del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1 – Attachment*. London: Hogarth.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In *International Encyclopedia of Education, Vol 3, 2nd ed.* Oxford: Elsevier. Reprinted in: Gauvain, M & Cole, M. (Eds), *Readings on the development of children*, 2 ed (1993, pp 37-43). NY: Freeman.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs

- (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3–28). Washington: American Psychological Association Press.
- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: bioecological perspectives on human development* (pp. 3–15). California: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological Review*, *101*(4), 568–86. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7984707>
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, *9*(1), 115–125.
- Brussoni, M., & Olsen, L. (2011). Striking a balance between risk and protection: Fathers' attitudes and practices toward child injury prevention. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, *32*(7), 491–498. <http://doi.org/10.1097/DBP.0b013e31821bd1f5>.
- Bueno, R. K. (2014). *Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar* (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bueno, R. K., Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2015). Papel do pai no contexto contemporâneo. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: Percursos, desafios e possibilidades* (pp. 109–124). Curitiba: Juruá.
- Bueno, R. K., Gomes, L. B., & Crepaldi, M. A. (2015). A importância do pai no desenvolvimento da criança. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: Percursos, desafios e possibilidades* (pp. 95–107). Curitiba: Juruá.
- Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, *32*(408), 151. <http://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.076.AO10>
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2015). Considerações epistemológicas da Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano sobre o envolvimento paterno. *Psicologia Em Revista*, *21*(3), 599–620. <http://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N3P599>

- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Xavier Faraco, A. M. (2017). Father-child activation relationship in the Brazilian context. *Early Child Development and Care*, 1–11. <http://doi.org/10.1080/03004430.2017.1345894>
- Bureau, J.-F., Yurkowski, K., Schmiedel, S., Martin, J., Moss, E., & Pallanca, D. (2014). Making children laugh: Parent-child dyadic synchrony and preschool attachment. *Infant Mental Health Journal*, 35(5), 482–494. <http://doi.org/10.1002/imhj>.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed., pp. 7–29). Porto Alegre: Artmed.
- Cerveny, C. M. de O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osorio, M. E. P. do Valle, & Colaboradores (Eds.), *Manual de terapia familiar* (p. 488). Porto Alegre: Artmed.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia Em Estudo*, 14(1), 67–74.
- Craddock, A. E. (2001). Family System and Family Functioning: Circumplex Model and FACES IV. *Journal of Family Studies*, 7(1), 29–39. <http://doi.org/10.5172/jfs.7.1.29>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3 ed). Porto Alegre: Artmed.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71–98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Dubowitz, H., Black, M. M., Cox, C. E., Kerr, M. a., Litrownik, a. J., Radhakrishna, a., ... Runyan, D. K. (2001). Father Involvement and Children's Functioning at Age 6 Years: A Multisite Study. *Child Maltreatment*, 6(4), 300–309. <http://doi.org/10.1177/1077559501006004003>
- Duchesne, S., & Ratelle, C. F. (2014). Attachment security to mothers and fathers and the developmental trajectories of depressive symptoms in adolescence: which parent for which trajectory? *Journal of Youth and Adolescence*, 43, 641–654. <http://doi.org/10.1007/s10964-013-0029-z>
- Dumont, C. (2011). *Les relations d'attachement et d'activation père-enfant:*

effet modérateur de l'engagement paternel pour prédire le développement socio-affectif des enfants (Tese de doutorado). Université de Montréal. Montreal, Canadá.

- Dumont, C., & Paquette, D. (2012). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 1–17. <http://doi.org/10.1080/03004430.2012.711592>
- ECA. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasil.
- Eugène, M. M. (2008). *La fonction d'ouverture au monde par le père et l'itinérance à l'adolescence* (Tese de doutorado). Université de Montréal, Montreal, Canadá.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12 ed.). São Paulo: Edicon.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Factors associated with father involvement in infant care. *Revista Saúde Pública*, 42(6), 1–6.
- Feldman, R. (2007). Maternal versus child risk and the development of parent-child and family relationships in five high-risk populations. *Development and Psychopathology*, 19, 293–312.
- Fernandes, D. M. A. (2011). *Dor crónica: Adaptabilidade e coesão familiar* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS* (3 ed.). Los Angeles. London. New Delhi. Singapore. Washington DC: SAGE. <http://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2008.06.008>
- Flanders, J. L., Leo, V., Paquette, D., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2012). Rough-and-Tumble Play and the regulation of aggression: an observational study of father-child play dyads. *Aggress Behav*, 35(4), 285–295. <http://doi.org/10.1002/ab.20309>. Rough-and-Tumble
- Flanders, J. L., Simard, M., Paquette, D., Parent, S., Vitaro, F., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2010). Rough-and-Tumble Play and the development of physical aggression and emotion regulation: a five-year follow-up study. *Journal of Family Violence*, 25, 357–367. <http://doi.org/10.1007/s10896-009-9297-5>

- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, *16*(3), 253–261. <http://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300007>
- Gaumon, S. (2013). *La relation d'activation père-enfant, les problèmes intériorisés et l'anxiété chez les enfants d'âge préscolaire*. (Thèse de doctorat). Université de Montréal, Montreal, Canadá.
- Gaumon, S., & Paquette, D. (2013). The father-child activation relationship and internalising disorders at preschool age. *Early Child Development and Care*, *183*(3–4), 447–463. <http://doi.org/10.1080/03004430.2012.711593>
- Gaumon, S., Paquette, D., Cyr, C., Émond-Nakamura, M., & St-André, M. (2016). Anxiety and attachment to the mother in preschoolers receiving psychiatric care: The father-child activation relationship as a protective factor. *Infant Mental Health Journal*, *37*(4), 372–387. <http://doi.org/10.1002/imhj>.
- Gomes, H. M. dos S. (2013). *A desviância juvenil em família: O autocontrole como mediador da relação entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante dos adolescentes* (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário Ciências Psicológicas, sociais e da vida, Lisboa, Portugal.
- Gomes, H. M. dos S., & Pereira, M. G. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrole. *Análise Psicológica*, *4*(XXXII), 439–451.
- Gomes, L. B. (2015). *Envolvimento parental, desenvolvimento social e temperamento de pré-escolares: Um estudo comparativo com famílias residentes em Santa Catarina e em Montreal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do Pensamento Sistêmico: Das partes para o todo. *Pensando Famílias*, *18*(2), 3–16.
- Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Cruz, R. M., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2014). Propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação do envolvimento paterno: revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, *13*(1), 19–27.
- Gomes, L. B., Crepaldi, M. A., & Bigras, M. (2013). O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia*, *23*(54), 21–29.

- Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: a research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(5), 581–586. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>
- Goodman, R., Ford, T., Simmons, H., Gatward, R., & Meltzer, H. (2014). Using the strengths and difficulties questionnaire (SDQ) to screen for child psychiatric disorders in a community sample, 534–539. <http://doi.org/10.1192/bjp.177.6.534>
- Goodman, R., & Scott, S. (2012). *Child and adolescent psychiatry* (3 ed.). Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- Gray, D. E. (2012). Desenho de pesquisa: métodos quantitativos. In *Pesquisa no mundo real* (2 ed, pp. 108–133). Porto Alegre: Penso.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-english, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11(3), 307–331.
- Hamel, S. (2014). *Stabilité de la relation d'activation père-enfant entre 12-18 mois et 3-5 ans et les facteurs associés à l'instabilité* (Dissertação de Mestrado) Université de Montréal.
- Holmbeck, G. N. (2002). Post-hoc probing of significant moderational and mediational effects in studies of pediatric populations. *Journal of Pediatric Psychology*, 27(1), 87–96. <http://doi.org/10.1093/jpepsy/27.1.87>
- IBGE. (2014). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Retrieved from ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2014/SIS_2014.pdf
- IBGE. (2016). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.
- Johnson, E. S. (2008). Ecological Systems and Complexity Theory: Toward an alternative model of accountability in education. *Complicity: An International Journal of Complexity and Education*, 5(1), 1–10.
- Knafo, A., & Plomin, R. (2006). Parental discipline and affection and children's prosocial behavior: genetic and environmental links. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(1), 147–164. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.90.1.147>
- Kreppner, K. (2011). *Aplicando a metodologia de observação em psicologia*

do desenvolvimento e da família. Curitiba: Juruá.

- Lafond, K. G. (2014). *L'agencement des relations père-enfant et mère-enfant; liens avec le développement social d'enfants d'âge préscolaire de familles nucléaires* (Dissertação de Mestrado). Université de Sherbrooke, Ottawa, Canada.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: an introductory overview and guide. In *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 1–18). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, 25, 883–894.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Artmed.
- Levtov, R., Van der Gaag, N., Greene, M., Kaufman, M., & Barker, G. (2015). *State of the world's fathers: A MenCare Advocacy Publication*. Washington, DC: Promundo, Rutgers, Save the Children, Sonke Gender Justice, and the MenEngage Alliance.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 13(2), 211–228.
- Majdandzie, M., Vente, W. de, & Bögels, S. M. (2016). Challenging parenting behavior from infancy to toddlerhood: Etiology, measurement, and differences between fathers and mothers. *Infancy*, 21(4), 423–452. <http://doi.org/10.1111/inf.12125>
- McFarlane, A. H., Bellissimo, A., & Norman, G. R. (1995). Family structure, family functioning and adolescent well-being: the transcendent influence of parental style. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines*, 36(5), 847–864. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1995.tb01333.x>
- McGoldrick, M. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade* (4 ed., pp. 375–399). Porto Alegre: Artmed.
- Minetto, M. de F. J. (2010). *Práticas educativas parentais, crenças parentais, estresse parental e funcionamento familiar de pais de crianças com desenvolvimento típico e atípico* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: provocations

- from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289–302.
- Minuchin, S. (1990). *Familias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., Lee, W.-Y., & Simon, G. M. (2008). *Dominando a terapia familiar* (2 ed). Porto Alegre: Artmed.
- Moffete, V. (2013). *Le lien entre le stress parental du père et le développement de la relation d'activation chez les enfants âgés entre 12 et 18 mois* (Dissertação de Mestrado) Université de Montréal, Montreal, Canadá.
- Newland, L. A., Chen, H.-H., & Coyl-Shepherd, D. D. (2013). Associations among father beliefs, perceptions, life context, involvement, child attachment and school outcomes in the U. S. an Taiwan. *Fathering*, 11(1), 3–30.
- Ogston-Nobile, P. L. (2014). *The division of family work among fathers and mothers of children with an autism spectrum disorder: Implications for parents and family functioning* (Tese de Doutorado). Virginia Commonwealth University. Virginia, Estados Unidos.
- Oliveira, J. L. A. P., & Crepaldi, M. A. (2017). A epistemologia do pensamento sistêmico e as contribuições de Humberto Maturana. *Psicologia Em Estudo*, 22(3), 325. <http://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i3.33944>
- Olson, D. H. (2011). FACES IV and the Circumplex model: Validation study. *Journal Os Marital & Family Therapy*, 3(1), 64–80.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3 ed., pp. 514–547). New York: Guilford.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2006). FACES IV and the Circumplex Model.
- Paquette, D. (2004a). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47(4), 237–238. <http://doi.org/10.1159/000078726>
- Paquette, D. (2004b). La relation père-enfant et l'ouverture au mundo. *Enfance*, 56, 205–225. <http://doi.org/10.3917/enf.562.0205>
- Paquette, D. (2004c). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193–219.

<http://doi.org/10.1159/000078723>

- Paquette, D. (2012). The father-child activation relationship: a new theory to understand the development of infant mental health. *The Signal*, 20(1), 1–5.
- Paquette, D. (2014). *Ce que les chimpanzés m'ont appris*. Montréal: Éditions MultiMondes.
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: a procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child Development and Care*, 180(1–2), 33–50. <http://doi.org/10.1080/03004430903414687>
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associated variables. *Infant Child Development*, 9, 213–230.
- Paquette, D., Carbonneau, R., Dubeau, D., Bigras, M., & Tremblay, R. E. (2003). Prevalence of father-child rough-and-tumble play and physical aggression in preschool children. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 1–37.
- Paquette, D., Coyl-shepherd, D. D., & Newland, L. A. (2012). Fathers and development: new areas for exploration. *Early Child Development and Care*, 183(6), 735–745. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2012.723438>
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013a). Is father-child rough-and-tumble play associated with attachment or activation relationships? *Early Child Development and Care*, 183(6), 760–773.
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013b). The father-child activation relationship, sex differences, and attachment disorganization in toddlerhood. *Child Development Research*, 1–9. <http://doi.org/10.1155/2013/102860>
- Paquette, D., Eugene, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M.-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99–119). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Paraventi, L., Bittencourt, I. G., Schulz, M. L. C., Souza, C. D. de, Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2017). A percepção de pessoas sem filhos sobre a função paterna de abertura ao mundo. *Revista PSICO*, 48(1).
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3 ed.,

- pp. 66–103). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. de P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. H. (2005). Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160–169.
- Preacher, K. J., Curran, P. J., & Bauer, D. J. (2006). Computational Tools for Probing Interactions in Multiple Linear Regression, Multilevel Modeling, and Latent Curve Analysis. *Journal of Educational and Behavioral Statistics*, 31(4), 437–448. <http://doi.org/10.3102/10769986031004437>
- Ribas, A. F. P., & Seidl de Moura, M. L. (2004). Responsividade materna e teoria do Apego: Uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 315–322.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3 ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Saur, A. M., & Loureiro, S. R. (2012). Qualidades psicométricas do Questionário de Capacidades e Dificuldades: revisão da literatura. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 619–629.
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ringo Ho, M.-H. (2004). Unidimensional versus multidimensional perspectives on father involvement. *Fathering*, 2(2), 147–163.
- Schultz, N. C. W., Duque, D. F., Silva, C. F. da, Souza, C. D. de, Assini, L. C., & Carneiro, M. da G. de M. (2012). A compreensão sistêmica do bullying. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 247–254.
- Schulz, M. L. C. (2015). *A função paterna de abertura ao mundo na percepção de adolescentes* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2007). A pesquisa observacional e o estudo da interação mãe-bebê. In C. A. Piccinini & M. L. Seidl de Moura (Eds.), *Observando a interação pais-bebê-criança: diferentes abordagens teóricas e metodológicas* (pp. 103–130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, M. L. I. da. (2017). *A relação entre a personalidade paterna e a abertura ao mundo em pais de criança de 4 a 6 anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

- Souza, C. L. C. de, & Benetti, S. P. da C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97–106.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria E Prática*, 10(1), 174–185.
- Stevenson, M. M., & Crnic, K. A. (2013). Activative fathering predicts later children's behaviour dysregulation and sociability. *Early Child Development and Care*, 183(6), 774–790. <http://doi.org/10.1080/03004430.2012.723441>
- StGeorge, J., Fletcher, R., Freeman, E., Paquette, D., & Dumont, C. (2015). Father-child interactions and children's risk of injury. *Early Child Development and Care*, 185(9), 1409–1421. <http://doi.org/10.1080/03004430.2014.1000888>
- Stivanin, L., Scheuer, C. I., & Assumpção Jr, F. B. (2008). SDQ (Strengths and Difficulties Questionnaire): Identificação de características comportamentais de crianças leitoras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 407–413.
- Tudge, J. R. H., Mokrova, I., Hatfield, B. E., & Karnik, R. B. (2009). Uses and misuses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. *Journal of Family Theory & Review*, 1(1), 198–210.
- Vasconcellos, M. J. E. de. (2010). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência* (9 ed.). Campinas: Papyrus.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36–52.
- Vieira, V. A. (2009). Moderação, mediação, moderadora-mediadora e efeitos indiretos em modelagem de equações estruturais: uma aplicação no modelo de desconfirmação de expectativas. *Revista de Administração Da Universidade de São Paulo*, 44(1), 17–33. Retrieved from http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0080-21072009000100002&script=sci_pdf&script=sci_pdf&lng=pt
- Walsh, F. (2016). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. In F. Walsh (Ed.), *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade* (4 ed., pp. 3–27). Porto Alegre: Artmed.
- Webster, L., Low, J., Siller, C., & Hackett, R. K. (2013). Understanding the contribution of a father's warmth on his child's social skills. *Fathering*, 11(1), 90–113.

- Woerner, W., Fleitlich-Bilyk, B., Martinussen, R., Fletcher, J., Cucchiaro, G., Dalgarrondo, P., ... Tannock, R. (2004). The Strengths and Difficulties Questionnaire overseas: Evaluations and applications of the SDQ beyond Europe. *European Child and Adolescent Psychiatry, Supplement, 13*, 47–54. <http://doi.org/10.1007/s00787-004-2008-0>
- Yunes, M. A. M., & Juliano, M. C. (2010). A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. *Cadernos de Educação, 37*, 347–379.

APÊNDICE²¹

²¹ Por questão de direitos autorais, parte dos apêndices foram retirados para a publicação da tese.

APÊNDICE A – CAPÍTULO DE LIVRO²²

Observação da Situação de Risco: Adaptação de um protocolo para o contexto brasileiro

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil

Resumo: A relação de ativação pai-criança, que é uma forma de vínculo afetivo, pode ser acessada por meio da Observação da Situação de Risco, e analisada por seu protocolo de registro que possui um cunho qualitativo e exige treinamento prévio para sua utilização. Para incentivar mais estudos sobre o assunto, este trabalho tem por objetivo geral apresentar a adaptação do protocolo de registro da Situação de Risco para o contexto brasileiro. Como resultados, obteve-se um protocolo adaptado e aprimorado, com um cunho quantitativo e uma descrição minuciosa de sua utilização. O protocolo adaptado constitui-se de uma ficha de codificação, uma ficha de classificação, e uma descrição das variáveis e de como se utilizam essas fichas. O referido material está descrito no presente capítulo.

Palavras-chave: Protocolo de Registro; Protocolo de Observação; Situação de Risco; Relação de Ativação.

²² Este capítulo contou com a colaboração da Profa. Ana Maria Xavier Faraco, e foi submetido para fazer parte de um livro referente a instrumentos de pesquisa. Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, retirou-se este apêndice para a publicação da tese (deixou-se apenas o resumo).

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL²³

²³ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, retirou-se este apêndice para a publicação da tese.

APÊNDICE C – CARTA CONVITE²⁴

²⁴ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, retirou-se este apêndice para a publicação da tese.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (questionários)²⁵

²⁵ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, retirou-se este apêndice para a publicação da tese.

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (questionários e observação)²⁶

²⁶ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, retirou-se este apêndice para a publicação da tese.

APÊNDICE F – COMPILAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir, apresentam-se as análises realizadas e consideradas importantes para a tese. Algumas delas, por já terem sido apresentadas ao longo do manuscrito, não aparecem neste capítulo. Análises não significativas ou não muito explicativas foram descartadas. Os resultados significativos foram descritos e discutidos nos artigos.

Resultados referentes ao estudo quantitativo:

Tabela 17

Médias das dimensões da função de abertura ao mundo, do funcionamento familiar e dos comportamentos da criança (N=171)

Fenômeno	Dimensão	Média (DP)	
Função de abertura ao mundo	Estímulo a assumir risco	3,76 (1,11)	
	Estímulo à perseverança	4,97 (0,66)	
	Punição	2,80 (0,84)	
Funcionamento Familiar	Equilibradas	Coesão equilibrada	4,28 (0,41)
		Flexibilidade equilibrada	4,03 (0,47)
		Coesão	1,88 (0,49)
	Desequilibradas	Desengajada	1,88 (0,49)
		Coesão	2,68 (0,54)
		Emaranhada	2,68 (0,54)
		Flexibilidade Rígida	2,92 (0,57)
		Flexibilidade Caótica	1,99 (0,56)
		Sintomas emocionais	1,50 (0,39)
Comportamento das crianças	Problemas de conduta	1,56 (0,40)	
	Hiperatividade	1,71 (0,49)	
	Problema de relacionamento com colegas	1,27 (0,29)	
	Comportamento pró-social	2,67 (0,33)	

Nota. O QOM utiliza como valor máximo 6 e mínimo 1, a FACES-IV utiliza como valor máximo 5 e mínimo 1, e o SDQ como valor máximo 3 e mínimo 1.

Tabela 18

Médias das dimensões dos comportamentos da criança

Comportamento das crianças	Sexo	N	Média (DP)	Teste <i>t</i>
Sintomas emocionais	Masculino	93	1,50 (0,40)	$t(169) = -0,05$; $p > 0,05$
	Feminino	78	1,50 (0,37)	
Problemas de conduta	Masculino	93	1,59 (0,43)	$t(169) = 1,19$; $p > 0,05$
	Feminino	78	1,52 (0,38)	
Hiperatividade	Masculino	93	1,82 (0,50)	$t(160) = 3,23$; $p < 0,01$
	Feminino	78	1,58 (0,44)	
Problema de relacionamento com colegas	Masculino	93	1,31 (0,31)	$t(169) = 1,72$; $p > 0,05$
	Feminino	78	1,23 (0,27)	
Comportamento pró-social	Masculino	93	2,58 (0,36)	$t(169) = -4,06$; $p < 0,001$
	Feminino	78	2,78 (0,26)	

Tabela 19

Correlação entre as dimensões do QOM

	Estímulo à perseverança	Estímulo a assumir risco	Punição
Estímulo à perseverança	1	0,305**	-0,009
Estímulo a assumir risco	0,305**	1	0,185*
Punição	-0,009	0,185*	1

Nota. * $p < 0,05$ (valores significativos); ** $p < 0,01$ (valores muito significativos).

Tabela 20
Correlação entre as dimensões da FACES-IV

	Coesão equilibrada	Flexibilidade e equilibrada	Coesão desengajada	Coesão emaranhada	Flexibilidade e rígida	Flexibilidade e caótica
Coesão equilibrada	1	0,576**	-0,527**	-0,056	0,009	-0,438**
Flexibilidade equilibrada	0,576**	1	-0,345**	-0,075	0,223**	-0,361**
Coesão desengajada	-0,527**	-0,345**	1	0,226**	0,165*	0,567**
Coesão emaranhada	-0,056	-0,075	0,226**	1	0,296**	0,245**
Flexibilidade rígida	0,009	0,223**	0,165*	0,296**	1	0,010
Flexibilidade caótica	-0,438**	-0,361**	0,567**	0,245**	0,010	1

Nota. *p<0,05 (valores significativos); **p<0,01 (valores muito significativos).

Tabela 21
Correlação entre as dimensões do SDQ

	Sintomas emocionais	Problemas de conduta	Problemas de relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
Sintomas emocionais	1	0,223**	0,293**	-0,107	0,259**
Problemas de conduta	0,223**	1	0,187*	-0,350**	0,477**
Problemas de relacionamento com colegas	0,293**	0,187*	1	-0,247**	0,238**
Comportamento pró-social	-0,107	-0,350**	-0,247**	1	-0,313**
Hiperatividade	0,259**	0,477**	0,238**	-0,313**	1

Nota. *p<0,05 (valores significativos); **p<0,01 (valores muito significativos).

Tabela 22

Correlações entre os comportamentos da criança e a função de abertura ao mundo

SDQ	QOM		
	Estímulo à Perseverança	Estímulo a assumir Risco	Punição
Sintomas emocionais	-0,26**	-0,21**	-0,07
Problemas de conduta	-0,12	-0,03	0,20**
Problemas de relacionamento com colegas	-0,13	-0,15*	0,02
Comportamento pró-social	0,05	0,01	-0,03
Hiperatividade	-0,20**	-0,07	0,20*

Nota. ** $p < 0,01$ (valores muito significativos); * $p < 0,05$ (valores significativos).

Tabela 23

Correlações entre os comportamentos da criança e o funcionamento familiar

SDQ	FACES-IV					
	Coesão equilibrada	Flexibilidade equilibrada	Coesão desengajada	Coesão emaranhada	Flexibilidade rígida	Flexibilidade caótica
Sintomas emocionais	-0,17*	-0,06	-0,09	-0,01	-0,04	0,05
Problemas de conduta	-0,22**	-0,14	0,08	-0,06	-0,04	0,16*
Problemas de relacionamento com colegas	-0,14	-0,12	0,13	0,10	0,05	0,17*
Comportamento pró-social	0,21**	0,22**	-0,11	0,02	-0,01	-0,12
Hiperatividade	-0,11	-0,07	0,02	-0,01	0,05	0,08

Nota. ** $p < 0,01$ (valores muito significativos); * $p < 0,05$ (valores significativos).

Tabela 24

Correlações entre a função de abertura ao mundo e o funcionamento familiar

QOM	FACES-IV					
	Coesão equilibrada	Flexibilidade equilibrada	Coesão desengajada	Coesão emaranhada	Flexibilidade rígida	Flexibilidade caótica
Estímulo à Perseverança	0,38**	0,26**	-0,27**	-0,21**	-0,11	-0,32**
Estímulo a assumir risco	0,14	0,08	-0,07	-0,21**	-0,13	-0,05
Punição	-0,16*	-0,05	0,21**	0,15*	0,19*	-0,01

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); *p<0,05 (valores significativos).

Tabela 25

Modelo de regressão para Sintomas emocionais

Variáveis	Sintomas emocionais		
	B	Beta	SE
Sexo da criança	0,013	0,061	0,016
Idade da criança anos e meses	0,002	0,152*	0,001
Estímulo à Perseverança	-0,151	-0,196*	0,063
Estímulo a assumir Risco	-0,014	-0,145†	0,007
Coesão equilibrada	-0,080	-0,077	0,083
R ²	0,120		
Significância do modelo	F= 4,49 (5); p< 0,01		

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

Tabela 26

Modelo de regressão para Problemas de conduta

Variáveis	Problemas de conduta		
	B	Beta	SE
Sexo da criança	-0,006	-0,030	0,016
Anos de escolaridade do pai	-0,002	-0,119	0,001
Coessão equilibrada	-0,156	-0,148†	0,089
Flexibilidade caótica	0,060	0,067	0,075
Punição	0,022	0,170*	0,010
R ²	0,100		
Significância do modelo	F= 3,68 (5); p< 0,05		

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

Tabela 27

Modelo de regressão para Problemas de Relacionamento com colegas

Variáveis	Problemas de Relacionamento com os pares		
	B	Beta	SE
Sexo da criança	-0,019	-0,100	0,014
Anos de escolaridade do pai	-0,002	-0,128	0,001
Flexibilidade caótica	0,103	0,133†	0,059
Estímulo a assumir Risco	-0,007	-0,086	0,007
R ²	0,075		
Significância do modelo	F= 3,35 (4); p< 0,05		

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

Tabela 28

Modelo de regressão para Comportamento pró-social

Variáveis	Comportamento pró-social <i>Modelo 1</i>			Comportamento pró-social <i>Modelo 2</i>		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Sexo da criança	0,093	0,270**	0,025	0,096	0,279**	0,025
Coesão equilibrada	0,307	0,183*	0,122			
Flexibilidade equilibrada				0,073	0,199**	0,027
R ²	0,121			0,127		
Significância do modelo	F= 11,53 (2); p = 0,000			F= 12,23 (2); p = 0,000		

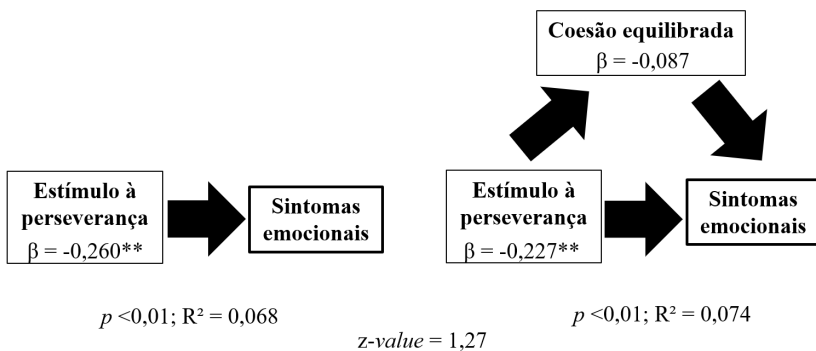
Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

Tabela 29

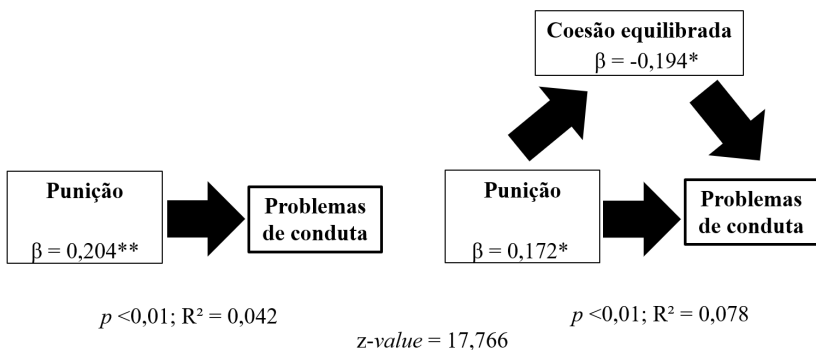
Modelo de regressão para Hiperatividade

Variáveis	Hiperatividade		
	B	Beta	SE
Sexo da criança	-0,187	-0,191**	0,072
Anos de escolaridade do pai	-0,010	-0,122	0,006
Punição	0,099	0,171*	0,042
Estímulo à Perseverança	-0,527	-0,152*	0,257
R ²	0,133		
Significância do modelo	F= 6,35 (4); p = 0,000		

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).



**p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos).
 Figura 12. Efeito mediador da Coesão equilibrada na relação entre Estímulo à perseverança e Sintomas emocionais.



**p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos).
 Figura 13. Efeito mediador da Coesão equilibrada na relação entre Punição e Problemas de conduta.

Tabela 30

Análise de moderação com a variável de interação Estímulo a assumir risco X Coesão equilibrada

	Sintomas Emocionais	Problemas de Conduta	Problemas de Relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
<i>Bloco 1</i>					
Sexo criança	0,025	-0,062	-0,099	0,297**	-
Idade criança	0,156*	0,005	0,113	0,057	0,219**
Escolar. pai	-0,045	-0,155*	-0,192*	0,004	-0,050
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,01
R ²	0,026	0,031	0,065	0,091	0,085
<i>Bloco 2</i>					
Sexo criança	0,042	-0,035	-0,087	0,272**	-
Idade criança	0,143†	-0,007	0,106	0,069	0,210**
Escolar. pai	0,057	-0,165*	-0,156†	0,000	-0,054
Estímulo a assumir Risco	-	0,070	-0,067	-0,033	-0,155*
Coesão equilibrada	0,217**	-	-0,067	-0,033	0,014
Significância do modelo	-0,146†	0,210**	-0,097	0,192*	-0,071
R ²	p<0,01	p<0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,01
ΔR ²	0,092	0,075	0,079	0,126	0,090
Significância da alteração do F	0,066	0,044	0,014	0,036	0,005
	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05
<i>Bloco 3</i>					
Sexo criança	0,042	-0,035	-0,087	0,272**	-
Idade criança	0,143 †	-0,007	0,106	0,069	0,210**
Escolar. pai	0,066	-0,164†	-0,148†	-0,002	-0,054
Estímulo a assumir Risco	0,221	0,123	0,326	-0,142	-0,153*
Coesão equilibrada	0,054	-0,186	0,082	-0,142	0,147
Interação RiscXCoes	0,054	-0,186	0,082	0,143	-0,010
Significância do modelo	-0,513	-0,062	-0,460	0,127	-0,157
R ²	p<0,05	p<0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,05
ΔR ²	0,095	0,075	0,082	0,127	0,090
Significância da alteração do F	0,003	0	0,002	0	0
	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

Tabela 31

Análise de moderação com a variável de interação Estímulo a assumir risco X Flexibilidade equilibrada

	Sintomas Emocionais	Problemas de Conduta	Problemas de Relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
<i>Bloco 1</i>					
Sexo criança	0,025	-0,062	-0,099	0,297**	-0,219**
Idade criança	0,156*	0,005	0,113	0,057	-0,050
Escolar. pai	-0,045	-0,155*	-0,192*	0,004	-0,156*
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,01
R ²	0,026	0,031	0,065	0,091	0,085
<i>Bloco 2</i>					
Sexo criança	0,026	-0,050	-0,091	0,279**	-0,215**
Idade criança	0,150*	-0,002	0,106	0,070	-0,053
Escolar. pai	0,049	-0,179*	-0,164*	0,016	-0,161†
Estímulo a assumir Risco	-	0,058	-0,070	-0,029	0,010
Flexibilidade equilibrada	0,231**	0,058	-0,070	-0,029	0,010
Flexibilidade equilibrada	-0,033	-0,135†	-0,096	0,206**	-0,053
Significância do modelo	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,073	0,051	0,079	0,133	0,088
ΔR ²	0,047*	0,02	0,014	0,042	0,003
Significância da alteração do F	p<0,05	p>0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05
<i>Bloco 3</i>					
Sexo criança	0,035	-0,045	-0,096	0,281**	-0,212**
Idade criança	0,143†	-0,007	0,110	0,068	-0,055
Escolar. pai	0,057	-0,174*	-0,168*	0,018	-0,158†
Estímulo a assumir Risco	1,001	0,882	-0,821	0,274	0,397
Flexibilidade equilibrada	0,466†	0,199	-0,400	0,329	0,103
Interação RiseXFlex	-1,376†	-0,920	0,838	-0,338	-0,432
Significância do modelo	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,05
R ²	0,094	0,060	0,087	0,134	0,090
ΔR ²	0,021†	0,009	0,008	0,001	0,002
Significância da alteração do F	p<0,10	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

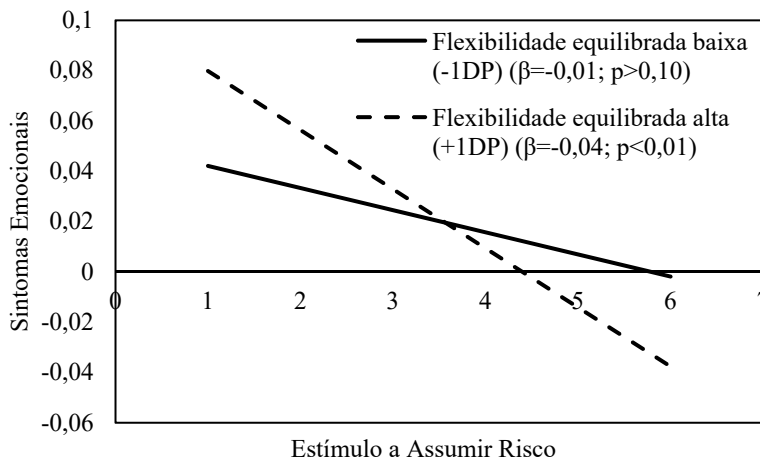


Figura 14. Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com o Estímulo a assumir risco sobre os Sintomas emocionais.

Tabela 32
Análise de moderação com a variável de interação Estímulo à perseverança X Coesão equilibrada

	Sintomas Emocionais	Problemas de Conduta	Problemas de Relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
<i>Bloco 1</i>					
Sexo criança	0,025	-0,062	-0,099	0,297**	-0,219**
Idade criança	0,156*	0,005	0,113	0,057	-0,050
Escolari. pai	-0,045	-0,155*	-0,192*	0,004	-0,156*
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,01
R ²	0,026	0,031	0,065	0,091	0,085
<i>Bloco 2</i>					
Sexo criança	0,054	-0,036	-0,084	0,274**	-0,207**
Idade criança	0,155*	-0,008	0,109	0,071	-0,049
Escolar. pai	0,008	-0,137†	-0,173*	-0,005	-0,130†
Estímulo à perseverança	-0,247**	-0,004	-0,063	-0,048	-0,129
Coesão equilibrada	-0,077	-0,201*	-0,081	0,207**	-0,023
Significância do modelo	p<0,01	p<0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,103	0,071	0,079	0,128	0,103
ΔR ²	0,077	0,04	0,014	0,037	0,018
Significância da alteração do F	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05
<i>Bloco 3</i>					
Sexo criança	0,065	-0,039	-0,082	0,277**	-0,202**
Idade criança	0,162*	-0,009	0,110	0,073	-0,046
Escolar. pai	0,019	-0,140†	-0,171*	-0,002	-0,126
Estímulo à perseverança	0,743	-0,262	0,107	0,247	0,300
Coesão equilibrada	0,963†	-0,472	0,098	0,516	0,428
Interação PersevxCoes	-1,698*	0,442	-0,293	-0,506	-0,736
Significância do modelo	p<0,01	p<0,10	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,125	0,072	0,079	0,129	0,107
ΔR ²	0,021	0,001	0	0,002	0,004
Significância da alteração do F	p<0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

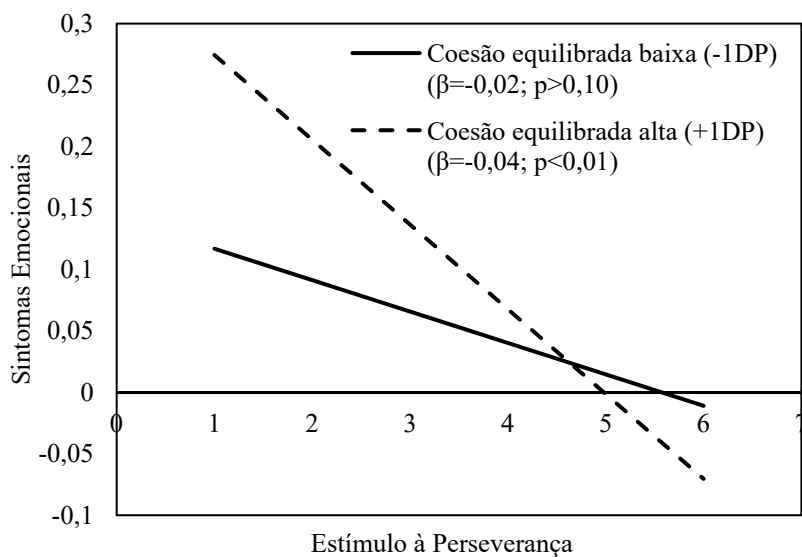


Figura 15. Gráfico que evidencia a interação entre a Coesão equilibrada com o Estímulo à perseverança sobre os Sintomas emocionais.

Tabela 33

Análise de moderação com a variável de interação Estímulo à perseverança X Flexibilidade equilibrada

	Sintomas Emocionais	Problemas de Conduta	Problemas de Relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
<i>Bloco 1</i>					
Sexo criança	0,025	-0,062	-0,099	0,297**	-0,219**
Idade criança	0,156*	0,005	0,113	0,057	-0,050
Escolaridade pai	-0,045	-0,155*	-0,192*	0,004	-0,156*
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,01
R ²	0,026	0,031	0,065	0,091	0,085
<i>Bloco 2</i>					
Sexo criança	0,044	-0,048	-0,086	0,281**	-0,208**
Idade criança	0,061*	-0,002	0,109	0,071	-0,049
Escolaridade pai	0,008	-0,147†	-0,179*	0,010	-0,132†
Estímulo à Perseverança	-	-0,048	-0,072	-0,027	-0,132†
Flexibilidade equilibrada	0,281**				
Significância do modelo	0,021	-0,119	-0,083	0,211**	-0,019
R ²	p<0,01	p>0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,01
ΔR ²	0,099	0,050	0,080	0,133	0,103
Significância da alteração do F	0,073	0,019	0,015	0,042	0,018
	p<0,01	p>0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05
<i>Bloco 3</i>					
Sexo criança	0,063	-0,044	-0,080	0,288**	-0,204
Idade criança	0,163*	-0,001	0,109	0,072	-0,049
Escolaridade pai	0,016	-0,145†	-0,176*	0,013	-0,130†
Estímulo à Perseverança	0,990	0,205	0,313	0,462	0,140
Flexibilidade equilibrada	1,1170*	0,110	0,265	0,652	0,228
Interação PersevXFlex	-1,929*	-0,384	-0,584	-0,742	-0,414
Significância do modelo	p<0,01	p>0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,120	0,051	0,082	0,136	0,104
ΔR ²	0,021	0,001	0,002	0,003	0,001
Significância da alteração do F	p=0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

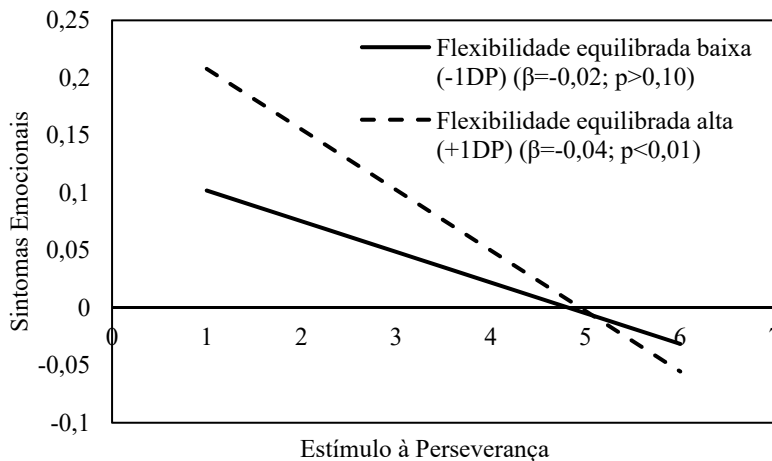


Figura 16. Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com o Estímulo à perseverança sobre os Sintomas emocionais.

Tabela 34

Análise de moderação com a variável de interação Punição X Coesão equilibrada

	Sintomas Emocionais	Problemas de Conduta	Problemas de Relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
<i>Bloco 1</i>					
Sexo criança	0,025	-0,062	-0,099	0,297**	-0,219**
Idade criança	0,156*	0,005	0,113	0,057	-0,050
Escolaridade pai	-0,045	-0,155*	-0,192*	0,004	-0,156*
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,01
R ²	0,026	0,031	0,065	0,091	0,085
<i>Bloco 2</i>					
Sexo criança	0,041	-0,027	-0,086	0,274**	-0,202**
Idade criança	0,147*	-0,011	0,107	0,069	-0,057
Escolaridade pai	-0,034	-0,131†	-0,183*	-0,012	-0,143†
Punição	-0,099	0,164*	-0,017	0,022	0,164*
Coesão equilibrada	-0,182*	-0,178*	-0,107	0,192*	-0,045
Significância do modelo	p<0,10	p<0,01	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,063	0,097	0,076	0,126	0,116
ΔR ²	0,036	0,066	0,011	0,035	0,031
Significância da alteração do F	p<0,05	p<0,01	p>0,05	p<0,05	p<0,10
<i>Bloco 3</i>					
Sexo criança	0,041	-0,032	-0,089	0,280**	-0,204**
Idade criança	0,147*	-0,019	0,102	0,080	-0,062
Escolaridade pai	-0,034	-0,127†	-0,081*	-0,017	-0,141†
Punição	-0,134	1,260*	0,599	-1,429**	0,770
Coesão equilibrada	-0,197	0,283	0,153	-0,419	0,210
Interação PuniXCoes	0,037	-1,126†	-0,633	1,492**	-0,623
Significância do modelo	p<0,10	p<0,01	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,063	0,118	0,082	0,163	0,122
ΔR ²	0	0,021	0,007	0,037	0,006
Significância da alteração do F	p>0,05	p<0,10	p>0,05	p<0,01	p>0,05

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

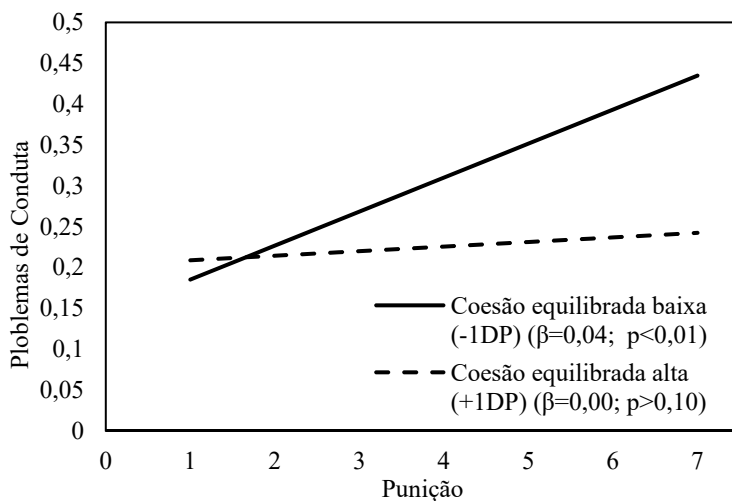


Figura 17. Gráfico que evidencia a interação entre a Coesão equilibrada com a Punição sobre os Problemas de conduta.

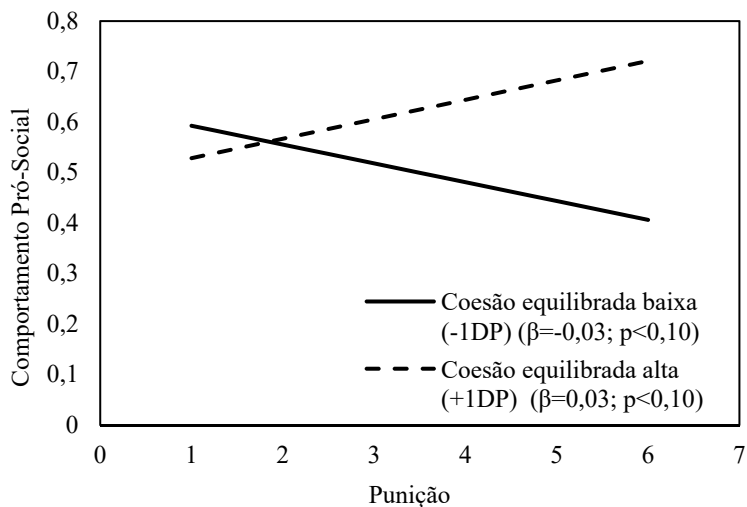


Figura 18. Gráfico que evidencia a interação entre a Coesão equilibrada com a Punição sobre o Comportamento pró-social.

Tabela 35
Análise de moderação com a variável de interação Punição X Flexibilidade equilibrada

	Sintomas Emocionais	Problemas de Conduta	Problemas de Relacionamento com colegas	Comportamento pró-social	Hiperatividade
<i>Bloco 1</i>					
Sexo criança	0,025	-0,062	-0,099	0,297**	-0,219**
Idade criança	0,156*	0,005	0,113	0,057	-0,050
Escolaridade pai	-0,045	-0,155*	-0,192*	0,004	-0,156*
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,01
R ²	0,026	0,031	0,065	0,091	0,085
<i>Bloco 2</i>					
Sexo criança	0,024	-0,038	-0,090	0,279**	-0,203**
Idade criança	0,154*	-0,008	0,107	0,070	-0,058
Escolaridade pai	-0,049	-0,146†	-0,193*	0,005	-0,147*
Punição	-0,074	0,186*	-0,005	0,002	0,169*
Flexibilidade equilibrada	-0,053	-0,123	-0,101	0,204**	-0,046
Significância do modelo	p>0,05	p<0,05	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,034	0,082	0,75	0,132	0,116
ΔR ²	0,088	0,051	0,685	0,041	0,031
Significância da alteração do F	p>0,05	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p<0,10
<i>Bloco 3</i>					
Sexo criança	0,029	-0,045	-0,094	0,286**	-0,209**
Idade criança	0,160*	-0,017	0,103	0,079	-0,065
Escolaridade pai	-0,055	-0,136†	-0,188*	-0,004	-0,140*
Punição	-0,779	1,259*	0,461	-1,010†	1,011†
Flexibilidade equilibrada	-0,319	0,282	0,075	-0,178	0,272
Interação PuniXFlex	0,746	-1,136†	-0,494	1,071†	-0,891
Significância do modelo	p>0,05	p<0,01	p<0,05	p<0,01	p<0,01
R ²	0,041	0,099	0,78	0,147	0,126
ΔR ²	0,007	0,017	0,03	0,015	0,010
Significância da alteração do F	p>0,05	p<0,10	p>0,05	p<0,10	p>0,10

Nota. **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

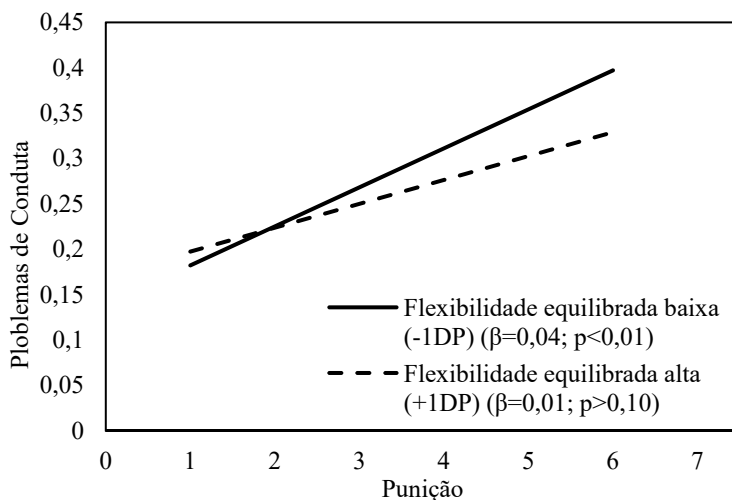


Figura 19. Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com a Punição sobre os Problemas de conduta.

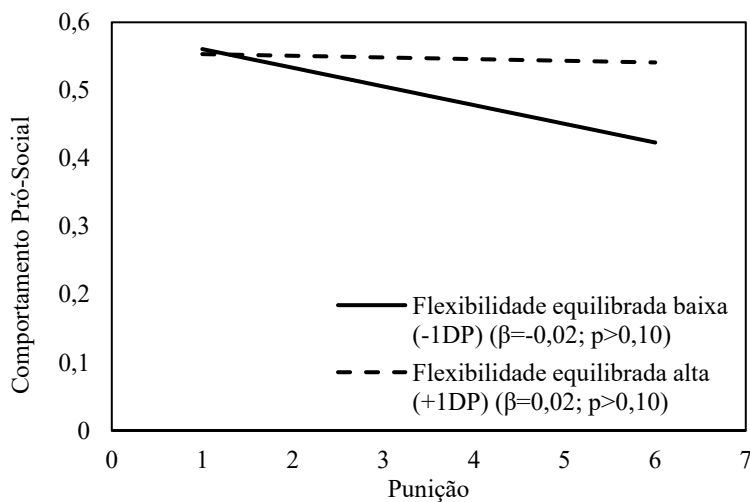


Figura 20. Gráfico que evidencia a interação entre a Flexibilidade equilibrada com a Punição sobre o Comportamento pró-social.

Tabela 37
Escores do funcionamento familiar

Padrão de funcionamento familiar	Taxa total circunflexo	Taxa de flexibilidade	Taxa de coesão	
Rigidamente Coeso	1,46	1,35	1,58	FAM 1
Equilibrado	2,26	2	2,53	FAM 2
Equilibrado	2,09	1,68	2,51	FAM 3
Rigidamente Coeso	1,56	1,7	1,42	FAM 4
Rigidamente Coeso	1,65	1,6	1,7	FAM 5
Rigidamente Coeso	1,57	1,69	1,45	FAM 6
Rigidamente Coeso	1,64	1,57	1,72	FAM 7
Equilibrado e Rigidamente coeso	1,9	1,45	2,35	FAM 8
Equilibrado	2,07	1,93	2,21	FAM 9
Rigidamente Coeso	1,67	1,8	1,55	FAM 10
Equilibrado	2,07	1,93	2,21	FAM 11
Equilibrado	2,11	2	2,23	FAM 12

Tabela 38

Escore dos comportamentos da criança

Total de Dificuldades	Problemas de conduta	Problemas de relacionamento com colegas	Sintomas emocionais	Hiperatividade	Comportamento pró-social (Capacidades)
8*	4***	0*	1*	3*	FAM 1 9*
10*	2*	1*	2*	5*	FAM 2 8*
13*	4***	2*	2*	5*	FAM 3 7*
8*	0*	1*	3*	4*	FAM 4 9*
9*	3**	1*	2*	3*	FAM 5 8*
10*	3**	3**	3*	1*	FAM 6 10*
6*	1*	1*	0*	4*	FAM 7 7*
8*	2*	1*	0*	5*	FAM 8 7*
6*	1*	1*	2*	2*	FAM 9 10*
15**	6***	0*	3*	6**	FAM 10 9*
10*	4***	2*	0*	4*	FAM 11 9*
3*	2*	0*	1*	0*	FAM 12 10*

Nota. * Não-clínico; ** Pode refletir problemas clínicos; *** Risco de problemas clínicos significativos.

ANEXO²⁷

²⁷ Por questão de direitos autorais, os anexos foram retirados para a publicação da tese.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO (QS)²⁸

²⁸ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, este anexo foi retirado para a publicação da tese.

ANEXO B - QUESTIONÁRIO DE ABERTURA AO MUNDO (QOM)²⁹

²⁹ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, este anexo foi retirado para a publicação da tese.

ANEXO C – ESCALA DE AVALIAÇÃO DA COESÃO E ADAPTABILIDADE FAMILIAR (FACES-IV)³⁰

³⁰ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, este anexo foi retirado para a publicação da tese.

ANEXO D - QUESTIONÁRIO DAS CAPACIDADES E DIFICULDADES DA CRIANÇA (SDQ)³¹

³¹ Conforme já mencionado, por questão de direitos autorais, este anexo foi retirado para a publicação da tese.